

## INTRODUÇÃO

No final de 1895, a cidade do Rio de Janeiro se preparava para as festas natalinas quando João Cândido Felisberto desembarcou pela primeira vez em solo carioca. Com a República recém implantada e a recente Abolição da Escravatura, a cidade do Rio de Janeiro, como capital, atraía inúmeras pessoas de todas as partes do Brasil.

João Cândido natural de Rio Pardo, Rio Grande do Sul, veio com o intuito de apresentar-se na 16ª Companhia da Marinha, quartel central da Ilha de Villegaignon, atual Ilha das Cobras, onde serviria a Marinha Brasileira por muitos anos. Assim o fez no dia 10 de dezembro, uma terça-feira.

João Cândido permaneceu na Marinha por dezoito anos. Neste período, participou da Revolta da Chibata, tendo sido considerado e reconhecido como um dos principais líderes da revolta.

Permaneceu na cidade até o ano de 1930 e depois foi morar com sua família em São João de Meriti.<sup>1</sup> Ao longo desse tempo se ausentou do Rio de Janeiro à conta das viagens pela Marinha. Porém, sempre esteve atento aos acontecimentos da cidade. Em 1910, ele liderou a Revolta da Chibata como consequência foi excluído da corporação.

Assim que a Revolta da Chibata terminou, começaram as disputas em torno das apropriações de sua memória. Se por um lado sempre houve quem defendesse João Cândido e seus companheiros de Marinha, assim como o movimento revoltoso, também existiam aqueles que os criticavam fervorosamente. De maneira geral, João Cândido e a Revolta da Chibata geram inúmeras polêmicas ainda hoje.

Em 1975, foi gravado o samba *O mestre-sala dos mares*, por João Bosco e Aldir Blanc. Os músicos tiveram diversos problemas com a censura. Algumas passagens da letra original foram, então transformadas: 'negros' por 'santos', 'almirante' por 'navegante' e 'feiticeiro' por 'marinheiro'.

Em 23 de julho de 2008 a lei federal número 11756 concedeu a "anistia pós-morte a João Cândido Felisberto e aos outros participantes do movimento". Naquele mesmo ano no dia 20 de novembro, dia da consciência negra, foi inaugurada uma estátua sua de 3 metros de altura, na Praça XV, na zona portuária do Rio de Janeiro. Na inauguração estiveram presentes o então

---

<sup>1</sup> PROJETO MEMÓRIA. *João Cândido: A luta pelos os direitos humanos*. Brasília: Fundação Banco do Brasil, 2008, p. 28.

presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, o ministro da Igualdade Racial, Edson Santos, e diversas personalidades públicas e artísticas ligadas aos movimentos negros.

Luís Inácio Lula da Silva lançou o petroleiro João Cândido em maio de 2010, na cidade de Pernambuco. O navio da Petrobrás recebeu o nome do marinheiro a contragosto da Marinha de Guerra.

#### Segundo Capanema:

Ele recebe também novas homenagens em espaços físicos: seu nome batiza escolas, ruas e monumentos. Em São João de Meriti, cidade onde, como vimos, João Cândido viveu seus 39 últimos anos, uma rua foi inaugurada com o nome do marujo. Outras cidades também fizeram o mesmo, como Nova Iguaçu (no Rio de Janeiro), Rio Pardo (no Rio Grande do Sul, região natal do marinheiro) e Uberaba (Minas Gerais). João Cândido nomeou também duas escolas, uma do Centro Integrado de Educação (Ciep) em São João de Meriti, e a Escola Marinheiro João Cândido, no bairro Santa Cruz (cidade do Rio de Janeiro). Em março de 2007, um acampamento do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) escolheu o nome do 'almirante negro' para batizar uma ocupação, um terreno de 1,2 milhão de metros quadrados em Itapeperica da Serra, na periferia de São Paulo.<sup>2</sup>

Existem várias interpretações sobre a memória do referido personagem, no entanto, pouco foi estudado sobre a memória que o próprio personagem possuía dos acontecimentos de 1910, sobre a Revolta da Chibata, e sobre ele próprio como líder do movimento.

O trabalho aqui apresentado como dissertação de mestrado não é uma biografia. Porém, o principal objeto da pesquisa é um sujeito, logo a pesquisa passa por certo uso do biográfico. Neste estudo o sujeito/objeto de pesquisa é João Cândido Felisberto.

A pesquisa consiste na análise e comparação de dois documentos principais: “A vida de João Cândido – ou o Sonho da Liberdade” – Memórias escritas pelo próprio João Cândido após a Revolta da Chibata, publicada na Gazeta de Notícias, RJ, entre 31/12/1912 e 12/01/1913; e o depoimento de João Cândido Felisberto em 1968 ao Museu da Imagem e do Som (MIS), Rio de Janeiro.

A confrontação destes dois documentos possibilita o questionamento e a reflexão sobre a memória do personagem João Cândido referente à Revolta da Chibata e também sobre o próprio. Sendo assim, a análise apresentada possibilita a compreensão da imagem que ele, João Cândido, possuía daqueles acontecimentos.

Confrontar esses dois documentos produzidos com uma diferença de cinquenta e seis anos possibilita problematizar sobre como as memórias transformam-se e sobrescrevem-se ao longo do tempo. Através da referida análise, objetiva-se criar uma reflexão não apenas sobre os

---

<sup>2</sup> CAPANEMA, Silvia P. Almeida. Do marinheiro João Cândido ao Almirante Negro: conflitos memoriais na construção do herói de uma revolta centenária. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol.31, n.º61, 2011.

processos de construção de memória pelos quais a personagem passou, como também refletir sobre a visão que João Cândido possuía de si mesmo e da Revolta da Chibata em cada um dos momentos estudados.

Ao longo do século XX e também do XXI, a historiografia sobre a Revolta da Chibata e sobre João Cândido passaram por diferentes momentos e diversas interpretações, sendo fruto de constantes disputas pela memória dos acontecimentos de 1910 e pela imagem do personagem.

A abordagem presente neste trabalho é uma oportunidade de compreender a posição de João Cândido dentro deste processo e criar uma reflexão sobre o assunto. O objetivo principal é compreender as memórias individuais de João Cândido. Em alguns momentos, contudo, a memória criada sobre ele perpassará o trabalho, uma vez que existe uma ligação profunda entre ambas.

O trabalho é forjado de acordo com as formulações de cunho teórico e metodológico sobre biografia, autobiografia e memória. O arcabouço teórico sobre biografia é utilizado, uma vez que o biográfico é intrínseco ao trabalho com um sujeito/objeto. O autobiográfico torna-se fundamental, pois os documentos analisados foram produzidos pelo próprio personagem estudado. A teoria sobre memória é também indispensável, já que as fontes utilizadas para esse trabalho são frutos desta, e a análise recai sobre a construção da mesma.

O primeiro capítulo apresentará alguns conceitos e reflexões teórico-metodológicos que são fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa, tais como biografia, autobiografia, escritas de si, narrativas vivenciais, discursos de memória, espaço biográfico e entrevista qualitativa. Ainda no primeiro capítulo será analisada a historiografia sobre a Revolta da Chibata e sobre a personagem, e se discutirá as diversas interpretações e apropriações sobre o tema.

O segundo capítulo pauta-se na análise das memórias de João Cândido Felisberto, escritas pelo próprio quando esteve preso pelo envolvimento na Revolta da Chibata, aguardando seu julgamento. Essas memórias foram publicadas originalmente em um jornal da época, *A Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, no período compreendido entre os dias 31 de dezembro de 1912 e 12 de janeiro de 1913. Atualmente encontram-se arquivadas na biblioteca Mário de Andrade em São Paulo. Foram publicadas como Anexo um do livro *a Revolta da Chibata*, quinta edição comemorativa do centenário da Revolta, de Edmar Morel.

Através da análise das memórias de João Cândido é possível o descortinamento do contexto da época, uma compreensão mais apurada dos desejos, sonhos e aspirações políticas da personagem. Também é possível através desta análise, a compreensão da visão de João

Cândido sobre ele mesmo, sobre a Revolta da Chibata e sobre o papel que ele desempenhou no movimento.

O terceiro capítulo analisará o documento que consiste na entrevista concedida por João Cândido ao Museu da Imagem e do Som, em 1968. Esta entrevista encontra-se arquivada em áudio no referido museu, e também foi publicada no livro intitulado *João Cândido, o Almirante Negro*, do Museu da Imagem e do Som, embora com alguns erros de transcrição.

Neste capítulo, além da análise das memórias de João Cândido, também será analisado o papel dos demais participantes da entrevista, bem como os embates políticos pela construção da imagem do personagem. Ainda será realizada uma comparação entre as memórias de João Cândido apresentadas no documento de 1912 e no de 1968, privilegiando as continuidades e as rupturas entre essas memórias com o transcorrer dos cinquenta e seis anos que separam suas produções e publicizações.

# 1 JOÃO CÂNDIDO, UMA PERSONAGEM ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS



Figura 1 - Monumento a João Cândido (Localizado na Praça XV, RJ)

## 1.1 João Cândido e a historiografia sobre a revolta de 1910

O sujeito-narrador–personagem aqui analisado nos dois documentos autobiográficos selecionados possui suas identidades pessoais fortemente atravessadas pelo protagonismo que o mesmo desempenhou na Revolta da Chibata. Esse aspecto merece algumas considerações complementares, posto que, em especial para entrevista concedida ao MIS, a narrativa e as memórias de João Cândido certamente vieram a ser afetadas pelo que fora publicado acerca da Revolta da Chibata.

O primeiro livro publicado sobre João Cândido e a Revolta da Chibata foi lançado em 1934 e tinha como título *A revolta de João Cândido*. Seu autor chamava-se Benedito Paulo, este era o pseudônimo do médico Adão Manuel Pereira Nunes. O livro trazia uma linguagem de esquerda, na qual os movimentos sociais populares deveriam ser estudados de modo que toda a população os conhecesse e os tomassem como exemplos.<sup>3</sup>

Antes da publicação deste livro, havia ocorrido uma tentativa anterior para se publicar uma obra sobre o movimento. Em 1931, o poeta comunista e surrealista francês Benjamin Péret (1899-1959) escreveu um livro sobre João Cândido e a Revolta da Chibata que nunca chegou a ser publicado. Os manuscritos foram apreendidos e destruídos pela polícia de Vargas, e seu autor foi preso e expulso do Brasil por ser considerado uma pessoa nociva. Portanto, não se sabe ao certo o seu conteúdo.<sup>4</sup>

O livro referido, *A revolta de João Cândido*, do Médico Adão Manuel Pereira Nunes pregava que todos deveriam se unir em prol de uma revolução única e não isoladamente como havia ocorrido com a Revolta da Chibata.<sup>5</sup>

Neste mesmo período o PCB (Partido Comunista Brasileiro) e a ANL (Aliança Nacional Libertadora) planejavam uma tentativa de golpe contra o governo Vargas, a Intentona Comunista. Discursos nos quais faziam-se associações entre os movimentos dos marinheiros de

---

<sup>3</sup> NASCIMENTO, Álvaro Pereira. A Revolta da Chibata e o seu centenário. *Revista Perseu*, n. 5, ano 4, 2010, p.30.

<sup>4</sup> CAPANEMA, Sílvia P. Almeida. Do marinheiro João Cândido ao Almirante Negro: conflitos memoriais na construção do herói de uma revolta centenária. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol.31, n.º61, 2011.

<sup>5</sup> NASCIMENTO, Álvaro Pereira. A Revolta da Chibata e o seu centenário. Op. cit., p.30.

1910 e a proposta do PCB eram usados de modo a angariar simpatizantes entre militares.<sup>6</sup> Curiosamente, João Cândido nunca fez parte do PCB e nem mesmo da Aliança Nacional Libertadora. Neste mesmo período, João Cândido fez parte da AIB (Ação Integralista Brasileira) que tentava também um golpe contra o governo Vargas, considerado um movimento de extrema direita nacionalista.

No ano de 1959, foi lançado por Edmar Morel<sup>7</sup>, o livro *A Revolta da Chibata – subsídios para a história da sublevação da esquadra pelo marinheiro João Cândido em 1910*. A mesma obra foi relançada em novas edições em 1963, 1979, 1986 e 2010. Em 2010, houve o lançamento da quinta edição, que foi comemorativa do Centenário da Revolta da Chibata. Essa edição foi organizada por Marco Morel, que inclui algumas informações novas e novos anexos que não se conhecia nas edições anteriores.

Há exatos cinquenta anos surgia a expressão “Revolta da Chibata”, criada por Edmar Morel (1912 - 1989) como título de seu livro acabou batizando o movimento dos marinheiros de 1910. Foi incorporada e serviu de base para a elaboração de memórias coletivas, livros de história, criações artísticas e, recentemente, do discurso oficial sobre o tema. Consagrou-se assim, uma interpretação do episódio que valoriza o papel dos marujos e do líder principal da rebelião, João Cândido, como agentes históricos em defesa da dignidade e da justiça social.<sup>8</sup>

O livro de Edmar Morel é, sem dúvida, o fundador de uma historiografia sobre o tema. Embora Morel fosse um jornalista, ele realizou uma extensa pesquisa com consulta a inúmeras fontes. Teve uma grande repercussão e até hoje é um livro referência sobre o assunto.

Edmar Morel se posicionou explicitamente a favor do movimento dos marinheiros e se tornou amigo próximo de João Cândido, que participou ativamente da elaboração do livro, através de depoimentos e esclarecendo dúvidas ao autor. Para João Cândido, este livro continha a sua história. Na sua entrevista ao MIS em 1968, João Cândido incorpora diversas narrativas deste livro como sendo de sua autoria.

---

<sup>6</sup> NASCIMENTO, Álvaro Pereira. A Revolta da Chibata e o seu centenário. *Revista Perseu*, n. 5, ano 4, 2010, p. 31.

<sup>7</sup> José Edmar de Oliveira Morel nasceu em Fortaleza em 17 de março de 1912. Aos 20 anos mudou-se para o Rio de Janeiro onde se tornou jornalista. Trabalhou em vários jornais como *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *A Pátria*, *Diário de Notícias*, *A Nota*, *Jornal da Noite*, *A batalha*. Foi fundador da *Última Hora* e também participou da imprensa alternativa e de esquerda como *O Amanhã*, *Diretrizes*, *Panfletos*, *Libertação* e *O Semanário*. Escreveu diversos livros e ganhou prêmios. Faleceu em 14 de Novembro de 1989.

<sup>8</sup> MOREL, Edmar. *A Revolta da Chibata: Subsídios para a história da sublevação na esquadra pelo marinheiro João Cândido em 1910*. São Paulo: Paz e terra, 2009, p. 13.

João Cândido que continuava a vender peixes na praça XV (RJ) em situação de pobreza recebera várias vezes Edmar Morel, prestara depoimentos e esclarecimentos. Agora o chamado Almirante Negro considerava o livro como “minha história” e literalmente assinou em baixo, participando de sessões de autógrafos com o autor. A primeira edição, pela editora Irmão Pongetti, dentro do espírito da época, foi lançando inicialmente entre os gráficos e trabalhadores manuais que confeccionaram a obra. Datada de 1959, ficou pronta no final de 1958.<sup>9</sup>

Mesmo com algumas críticas, diversos autores como Mário Maestri, Marcos A. da Silva, Fernando Granato e Paulo Ricardo de Moraes usaram o livro de Edmar Morel como referência e base. Seu conteúdo tem sido reproduzido tanto pela historiografia como o foi pelo próprio João Cândido, que se apropriou do seu discurso.

Ao lado de tais características essa publicação consolidou, em linhas gerais, um ponto de vista interpretativo sobre o episódio, mesmo que vários “seguidores” tenham suas diferenças e críticas quanto à obra. Além de participar na elaboração da memória sobre o tema, o livro é também, uma referência historiográfica, historiadores navais e civis tem se esforçado por elaborar, a seu turno, uma vertente historiográfica para se contrapor à linha interpretativa apresentada no livro de Edmar Morel.<sup>10</sup>

O livro de Edmar Morel possui em torno de trezentas páginas e divide-se em quatorze capítulos, os quais dez são dedicados à análise da Revolta da Chibata e os outros quatro são dedicados a João Cândido. Ele é apresentado como um herói popular que representa a luta do povo brasileiro, principalmente a luta da população negra, não apenas por liberdade, mas também por dignidade e respeito.

A Revolta da Chibata, segundo Edmar Morel, representava a luta contra todas as injustiças sociais, políticas e econômicas que a população brasileira passava, bem como a população negra, que mesmo após a abolição da escravidão permanecia sendo tratada como escrava e discriminada, principalmente dentro da Marinha. Portanto, para ele, a luta de João Cândido e os demais marinheiros na Revolta da Chibata passava necessariamente pela luta por cidadania da população negra e ex-escrava.

O livro de Morel também tem uma abordagem mais à esquerda em sua interpretação dos acontecimentos de 1910. Embora Morel nunca tenha feito parte do PCB, ele era membro da ANL, e é reconhecido como um intelectual de esquerda no Brasil.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> MOREL, Edmar. *A Revolta da Chibata: Subsídios para a história da sublevação na esquadra pelo marinheiro João Cândido em 1910*. São Paulo: Paz e terra, 2009, p. 16.

<sup>10</sup> Idem. *Ibidem*, p. 27.

<sup>11</sup> MAESTRI, Mário. A Revolta da Chibata faz cem anos. *Antíteses*, v.3, n. esp., dez. 2010, p.29.



Em a Revolta da Chibata não há espaço para as pretensões pernósticas, hipócritas e pueris sobre a imparcialidade quanto às partes, no relativo ao estudo dos confrontos sociais. A simpatia de Edmar Morel esteve sempre com os marinheiros revoltados, não por opção aleatória, apriorismos ou preconceito, mas porque interpretavam o que via, com justa razão, de mais saudável nas entranhas de seu país. Uma adesão incondicional regida sempre pelo princípio cristão ou leninista, como se queira, que apenas a verdade, no seu caso, histórica, “liberta” ou é “revolucionária”. Processo epistemológico que garantiu e garante ao livro lugar germinal na historiografia brasileira, passado já cinquenta anos.<sup>12</sup>

Em 1988 foi lançado o livro *A Revolta dos Marinheiros de 1910*, do Vice-Almirante reformado Hélio Leôncio Martins. Este livro contém a versão da Marinha, o olhar da corporação militar sobre os fatos. Os marinheiros são apresentados como subversivos, pessoas ignorantes e desqualificadas. O autor desqualifica o papel de João Cândido na revolta.

Este livro contém a chamada “versão oficial dos fatos”. No entanto, não foi a primeira tentativa da Marinha de lançar a sua versão. Em 1959, o Serviço de Documentação Geral da Marinha (SDM) convidou formalmente o comandante Oliveira Bello para escrever um livro sobre a Revolta da Chibata em resposta ao livro de Edmar Morel.

De acordo com o entendimento da Marinha, esta seria a história verdadeira, em resposta à primeira edição do livro do Edmar Morel, que exaltava a revolta e colocava João Cândido em uma posição de herói e líder do movimento.

O referido livro nunca chegou a ser publicado, pois por motivo de saúde o comandante Oliveira Bello não pode terminá-lo. O livro ficou no Arquivo Histórico do SDM, sob o título de *Sucintos elementos autênticos da vida do ex-marinheiro João Cândido na Marinha de Guerra, entre os anos de 1895 e 1912*.

O livro de Oliveira Belo, que foi fundador da versão da marinha sobre a Revolta da Chibata pautava-se no paradigma racista. Para ele, a eclosão da revolta dos marinheiros passava pela degeneração moral da raça negra. João Cândido era um covarde, não um líder, muito menos um herói. João Cândido e os demais marinheiros eram completamente desqualificados e não havia nada de extraordinário nas manobras que estes fizeram enquanto estavam à frente da esquadra.

Este livro serviu de base para o do Vice-Almirante reformado Hélio Leôncio Martins. Embora os dois livros possuam algumas divergências, essencialmente apresentam a mesma versão sobre os fatos.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> Idem, *Ibidem*, p.29.

<sup>13</sup> NASCIMENTO, Álvaro Pereira. *A Revolta da Chibata e o seu centenário*. Op. cit., p. 34.

Na década de 80 surgiram outros livros sobre o tema, como o de Mário Maestri e Marcos Silva, ambos pautados em parâmetros marxistas. O primeiro destacava a questão racial presente nos acontecimentos de 1910. Por sua vez, o segundo tentava compreender a ligação entre os marinheiros e o movimento operário da época através da análise da recepção da revolta dos marinheiros nos jornais operários.<sup>14</sup>

Em setembro de 2010, foi realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), um seminário internacional comemorativo do centenário da Revolta da Chibata. O seminário chamava-se *Revolta da chibata - 100 anos: história e historiografia* e foi organizado pelos historiadores Marco Morel, Sílvia Capanema, Tania Bessone e Miguel Arias Neto.<sup>15</sup>

O referido seminário é de grande relevância para o tema, pois reuniu os principais historiadores que trabalham com a matéria, e os que possuem diferentes posições e vertentes historiográficas compareceram e expuseram suas posições.

Como consequência do seminário, houve a publicação de artigos produzidos pelos pesquisadores especialmente para aquele momento. Estes artigos foram publicados na revista *Antítese*, volume 3, em uma edição especial.

Um dos pesquisadores presentes no seminário foi o historiador militar e Vice-Almirante da Marinha do Brasil, Hélio Leôncio Martins. Ele apresenta resumidamente seus argumentos presentes em seu já referido livro sobre o tema.

Segundo ele, construiu-se um mito em torno da imagem de João Cândido, transformando-o em um herói, fato que não é condizente com a realidade. João Cândido era pouco preparado e vinha de um meio composto por delinquentes e violentos, não possuindo capacidade de tomar decisões.<sup>16</sup>

O marinheiro não estaria habituado ao dia-a-dia em um navio moderno como o *Minas Gerais*, uma vez que se acostumou ao trabalho nos antigos barcos a vela que não tinham exigências de conhecimentos técnicos, somente da força bruta.

Para o historiador Hélio Leôncio Martins, as causas do levante se deram pois houve uma modernização da frota marítima, o que não ocorreu com o pessoal a bordo, que continuava,

---

<sup>14</sup> NASCIMENTO, Álvaro Pereira. A Revolta da Chibata e o seu centenário. Op. cit., p. 34.

<sup>15</sup> Revolta da Chibata- 100 anos: História e historiografia.Semináriointernacionalrealizadona UERJ, setembro de 2010. *Antíteses*, v.3, n. esp., p. 6-10, dez. 2010.

<sup>16</sup> MARTINS, Hélio Leôncio. A criação de um mito. *Antítese*, v.3, n. esp., p.52-63, dez. 2010.

segundo ele, completamente despreparado tecnicamente e ainda desqualificados de inteligência e de moral. Portanto, a revolta não tem em si nenhum caráter de heroísmo ou coragem.

Para ele, a revolta não teve nenhum caráter político ou ideológico. O que havia era o descontentamento dos marinheiros em relação aos castigos físicos e ao novo regime de trabalho nos novos navios, já que neles havia hora para começar o trabalho e também para terminar, o que não acontecia nos navios a vela.

Nos novos navios havia uma disciplina praticamente industrial. Desta forma, os marinheiros não estavam se adaptando à nova carga de trabalho e nem ao novo tipo de trabalho que tinham naquele momento. Para ele, a Revolta da Chibata tratou-se unicamente de um motim militar, objetivando modificações no regime interno da Marinha.

Ele termina a sua explanação no seminário comemorativo da Revolta da Chibata com a seguinte frase: *a comédia de erros que afetou uma triste fase da vida da marinha pode ser lembrada, analisada, comentada, lamentada- mas nunca comemorada.*<sup>17</sup>

Também esteve presente ao seminário o historiador Mário Maestri<sup>18</sup>, de orientação marxista. Ele fez uma analogia aos marinheiros revoltosos de 1910 como “proletariados embarcados”. Analisa a dimensão racial do movimento, bem como a necessidade de uma historiografia comprometida com a transformação social e o fim das injustiças. Argumentos muito próximos aos apresentados em seu livro sobre o tema *Cisnes negros, uma história da Revolta da Chibata*, publicado em 2000, e no seu primeiro trabalho sobre o tema publicado no ano de 1982, intitulado *1910: a revolta dos marinheiros: uma saga negra.*<sup>19</sup>

Para o referido autor, a modernização da marinha também foi determinante para a eclosão da revolta. No entanto, tal fato se deu não porque os marinheiros fossem despreparados para ocupar estes navios ou degenerados moralmente. Ao contrário, eles ocupavam navios modernos e desempenhavam funções também modernas e qualificadas, eram o proletariado embarcado. Mesmo assim, eles eram tratados pelos oficiais racistas como escravos.

Os marinheiros eram maltratados e castigados fisicamente, tinham péssimas condições de trabalho e soldos baixíssimos. Para Mário Maestri, as questões raciais e os dilemas sociais,

---

<sup>17</sup> Idem. *Ibidem*, p. 63.

<sup>18</sup> Mário Maestri é doutor em História, professor da Universidade de Passo Fundo (UPF) e possui livros publicados sobre o tema.

<sup>19</sup> MAESTRI, Mário. A Revolta da Chibata faz cem anos. *Antíteses*, v.3, n. esp., dez. 2010, p.26.

bem como a luta de classes são fundamentais para a compreensão da eclosão da Revolta da Chibata.

A marujada impôs-se pela força das armas á despótica, aristocrática, elitista e racista oficialidade daquela arma. Dirigindo os canhões dos temíveis encouraçados para a capital da República, reclamaram a anistia, melhores salários, mais dignas condições de trabalho e existência, o fim dos castigos físicos. Mais de duas décadas após a Abolição e a República, os marinheiros, em sua maioria negros, mulatos, pardos e caboclos, eram açoitados como nos velhos tempos do cativoiro.<sup>20</sup>

O historiador Álvaro Pereira do Nascimento<sup>21</sup> também esteve presente ao encontro na UERJ em 2010. As pesquisas de Álvaro foram produto de sua tese de doutorado, defendida na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), no ano de 2002, e publicada no ano de 2008.

No seminário, Álvaro destacou os principais pontos das suas pesquisas sobre a Revolta da Chibata e João Cândido. Sua pesquisa tem como uma das maiores influências o historiador Marxista Inglês Edward P. Thompson, o que lhe permitiu travar um novo diálogo com o marxismo, que passa por valores e costumes. Portanto, o seu trabalho possui um lado voltado para a cultura da época.

Dentro desta perspectiva, ele tenta compreender as relações entre os envolvidos na revolta, bem como a relação entre marinheiros e oficiais se distanciando da visão dicotômica entre dominados e dominadores, brancos e negros, vítimas e algozes, que havia prevalecido até aquele momento nas pesquisas sobre o tema.

Após levar em conta essas questões, através da análise de inúmeras fontes, entendi que os revoltosos eram muito mais do que vítimas de barbaridades: ali estavam indivíduos defendendo suas posições e exigindo mudanças estruturais em costumes e valores nas relações de trabalho nos navios da marinha de Guerra.<sup>22</sup>

Para o autor, a não aceitação dos castigos corporais que estavam sendo feitos na Marinha de Guerra estava completamente ligado às mudanças culturais nas maneiras de punições aceitas pela sociedade. Até bem pouco tempo antes, era completamente aceito a existência de castigos corporais não apenas dentro da Marinha, mas em toda a sociedade. As punições eram realizadas diretamente no corpo daqueles que cometiam alguma transgressão.

---

<sup>20</sup> Idem. Ibidem, p.25.

<sup>21</sup> Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Sua dissertação de mestrado defendida na Unicamp em 1997 intitulada *Marinheiros em revolta: recrutamento e disciplina na Marinha de Guerra (1880-1910)* abordava o tema da Revolta da Chibata, possui livros e textos publicados sobre o tema.

<sup>22</sup> NASCIMENTO, Álvaro Pereira. Por tantos mares: trajetória de pesquisa e reflexões na rota da Revolta da Chibata. *Antíteses*, v.3, n. esp., dez. 2010, p.66.

No entanto, isso começava a não mais ser aceito, nem considerado justo e correto. As punições deveriam passar pela privação da liberdade, e não pelos castigos físicos. Dessa forma, o que mudou foi a cultura e os costumes sobre o castigo, sobre o que era correto e justo. Era algo que estava muito além da própria Marinha Brasileira. Eram transformações mais profundas ligadas a toda sociedade<sup>23</sup>.

A violência na Marinha de Guerra tinha uma história. Não poderia descrever os marinheiros como vítimas nas mãos de terríveis oficiais. E nem poderia engolir a versão de que os marinheiros eram “feras” ou “sub-homens” que se comportariam como civilizados somente à base do chicote, como muitos cronistas e historiadores militares da Marinha de Guerra defendiam (e alguns até hoje defendem). Tudo isso me levaria ao anacronismo[...] castigos físicos em relações de trabalho, torturas e execuções públicas foram sendo abandonadas e outras formas de punição se tornaram presentes após diversos debates e mudanças apresentadas por pensadores, religiosos e políticos na Europa, cujos reflexos chegaram às Américas logo em seguida.<sup>24</sup>

José Miguel Arias Neto<sup>25</sup>, também presente ao seminário, parte da análise do discurso. Através da verificação de inúmeros documentos produzidos pelos marinheiros, em especial o manifesto, documento enviado ao governo que continha as reivindicações do grupo de revoltosos, ele analisa o movimento de 1910.

Para ele, a Revolta da Chibata está inserida no quadro da Longa Revolução Republicana. Na luta pela conquista de direitos na República e na formação e aquisição de cidadania no Brasil. O historiador atribui à revolta um caráter político.<sup>26</sup>

De fato, é neste momento que termos como “cidadão” e “republicanos” estão adquirindo um sentido contemporâneo, em suas implicações sociais e políticas, assim como a ideia de direitos. Dois aspectos caracterizam este movimento revolucionário: a) a constituição do grupo que se autodenomina cidadãos portadores de direitos e b) a própria ideia do direito de ter direitos que fundamente o movimento.<sup>27</sup>

---

<sup>23</sup> Idem. Ibidem, p. 69.

<sup>24</sup> Idem. Ibidem, p. 69.

<sup>25</sup> Professor da Universidade Estadual de Londrina. Defendeu sua tese de doutorado em 2001 na USP intitulada *Em busca da cidadania: praças da Armada Nacional, 1867-1910*.

<sup>26</sup> NETO, José Miguel Arias. A Revolução dos Marinheiros. In: Revolta da Chibata- 100 anos: História e historiografia. Seminário internacional realizado na UERJ, setembro de 2010. *Antíteses*, v.3, n. esp., p. 6-10, dez. 2010.

<sup>27</sup> Idem. Ibidem, p.75.

A historiadora Silvia Capanema<sup>28</sup> apresentou sua tese defendida em 2009 sobre a Revolta da Chibata. Em seu artigo para as comemorações do centenário da Revolta da Chibata, fruto do seminário realizado na UERJ, ela retoma os principais pontos de seu trabalho.

Silvia apresentou uma prosopografia das principais lideranças do movimento. E, através de documentos inéditos, traça um perfil dos marinheiros brasileiros no período. Através desta análise foi possível enxergar alguns dados sobre eles como idade, tipo físico, cor e origem geográfica, bem como marcas corporais tais como tatuagens. Desta maneira, ela conseguiu traçar uma identidade comum entre eles. Embora eles fossem bastante diversos, eles se identificavam como marinheiros nacionais.<sup>29</sup>

Ela também destaca a modernização da marinha no período, em relação aos equipamentos usados e ao mesmo tempo a total despreocupação com o seu quadro humano.

Olhar de perto o perfil coletivo e os históricos dos indivíduos nos ajuda também a “dessacralizar” ou “desmitificar” construções, a desfazer “idealizações” ou “demonizações” concretizadas em torno dos chamados “personagens históricos”. Eles se tornam mais humanos, mais carnis e muitas vezes diferentes do que imaginávamos, mas, nem por isso, menos “heroicos” e importantes como atores e agentes de seu tempo histórico.<sup>30</sup>

Tania Bessone<sup>31</sup> em artigo preparado especialmente para o evento, destaca o papel dos jornais cariocas durante o levante dos marinheiros. Através da análise do discurso produzido pelos periódicos, como também de suas imagens, foi possível conhecer um pouco mais sobre o contexto em que a revolta estava inserida.<sup>32</sup>

As reações dos jornais, as diversas interpretações dadas ao episódio, bem como o imaginário sobre os marinheiros revoltosos presentes nos periódicos descortinam diversas questões sobre a sociedade brasileira.

---

<sup>28</sup> Professora na Universidade de Paris 13-Nord. Defendeu sua tese de doutorado em 2009 na École des Hautes Études intitulada *Nós, marinheiros, cidadãos brasileiros e republicanos: identidades, cidadania e memória na revolta de 1910*.

<sup>29</sup> CAPANEMA, Silvia P. de Almeida. Vidas de marinheiros do Brasil republicano: identidades, corpos e lideranças da revolta de 1910. *Antítese*, v.3, n. esp., dez. 2010, p. 90-114.

<sup>30</sup> CAPANEMA, Silvia P. de Almeida. Vidas de marinheiros do Brasil republicano: identidades, corpos e lideranças da revolta de 1910. *Antítese*, v.3, n. esp., dez. 2010, p.113.

<sup>31</sup> Professora do Departamento de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

<sup>32</sup> BESSONE, Tania Maria Tavares da Cruz Ferreira. A imprensa e o contexto da Revolta da Chibata: história e historiografia. *Antítese*, v.3, n. esp., dez. 2010, p.11-23.

A proposta deste texto é analisar a produção historiográfica que trata do tema, relacionando-a a uma fonte muito importante para os estudos históricos e que foram fundamentais para construir estas novas propostas: a imprensa. A imprensa do Rio de Janeiro tornou-se um elemento de larga importância na divulgação sobre movimentos sociais, as transformações da cidade e as contradições do governo republicano. Neste texto pretende-se destacar questões que contextualizaram a chamada “Revolta da Chibata” e como a historiografia contemporânea a discute.<sup>33</sup>

O historiador brasilianista americano Joseph Love<sup>34</sup> também esteve presente ao seminário. Em seu artigo, ele destaca como a revolta dos marinheiros no Brasil foi recebida pela imprensa estrangeira.

Ele ainda destaca o papel da Proclamação da República portuguesa nos acontecimentos na cidade do Rio de Janeiro. O navio São Paulo estava em Portugal quando a revolução portuguesa pôs fim à monarquia naquele país, um mês antes da Revolta da Chibata.

O navio brasileiro levava o Marechal Hermes da Fonseca em uma viagem internacional pela Europa. Ele havia sido convidado pelo rei português e estava presente em Portugal quando tudo se deu.

Na revolução portuguesa a Marinha e os marujos tiveram grande relevância na Revolução Portuguesa. Estes bombardearam a cidade e alguns pontos estratégicos em prol da instauração da República portuguesa. Por sua vez, os marujos brasileiros, a bordo do São Paulo, presenciaram a tudo.

Desta forma adquiriram noções sobre revolta marítima. Um mês mais tarde eclodia a revolta no Rio de Janeiro, e, desta vez, eram os marujos portugueses que estavam presentes. O navio português Adamastor estava fundeado na Baía da Guanabara para os festejos da posse do presidente Marechal Hermes da Fonseca.

Para o autor americano, o movimento dos marinheiros em 1910 consistiu basicamente na luta por garantias de direitos cidadãos já previstos na Constituição Republicana, mas que todavia não eram respeitados. Portanto, foi considerado um movimento político. Ideologias da época tais como comunismo e anarquismo, presentes principalmente este último em meios operários, não estavam presentes no movimento dos marinheiros de 1910.<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup> Idem, *Ibidem*, p.11.

<sup>34</sup> Professor do Lemann Institute for Brazilian Studies, Universidade de Illinois.

<sup>35</sup> LOVE, Joseph. Aspectos internacionais da Revolta da Chibata. *Antítese*, v.3, n. esp., dez. 2010, p.39-51.

Este artigo trata de quatro diferentes dimensões internacionais da Revolta da Chibata: 1) A viagem do encouraçado São Paulo a Lisboa- que trazia a bordo o presidente Hermes da Fonseca – durante a qual a monarquia portuguesa foi destituída, constituindo um modelo para os marinheiros brasileiros; 2) A recepção à interpretação da revolta pela imprensa francesa, britânica e americana, que rapidamente apontaram a tortura como questão principal; 3) os aspectos ideológicos da revolta, que estão relacionados aos direitos dos cidadãos sob a constituição de 1891; 4) As observações exteriores relativas às condições de trabalho do batalhão naval antes da segunda rebelião de dezembro, bem como a revelação externa do massacre ocorrido após esse segundo levante.<sup>36</sup>

Atualmente, diversas pesquisas estão sendo elaboradas sobre o tema, embora a Marinha continue mantendo a sua versão. A historiografia oficial já não compreende o movimento dos marinheiros da mesma maneira. Um bom exemplo é o desenvolvimento do Projeto Memória de 2008.

No interior do Estado Nacional e do Governo Federal, a postura predominante passou também a ser outra. A começar pela iniciativa pioneira da Fundação Banco do Brasil que em seu Projeto Memória de 2008 (idealizado em 2007), homenageou a figura de João Cândido, produzindo um conjunto multimídia distribuído em milhares de escolas e bibliotecas de todo país: livro foto-biográfico, vídeo documentário, exposição, material didático e endereço eletrônico. Esse projeto permitiu, ainda, considerável renovação da pesquisa documental sobre o episódio histórico com a localização e a digitalização de centenas de imagens e documentos, alguns inéditos, como as ilustrações e as memórias de João Cândido, publicados nessa edição esse Projeto Memória produzido pela Abra vídeo, foi apoiado pelo Arquivo Nacional (órgão da Casa Civil da Presidência da República) do mesmo modo que ministérios como da Igualdade Racial, Cultura, Educação, Esportes e dos Direitos Humanos se posicionaram publicamente no mesmo sentido.<sup>37</sup>

O projeto memória de 2008 traz uma pesquisa riquíssima sobre João Cândido e a Revolta da Chibata. Essa pesquisa teve a participação de diversos pesquisadores, entre eles, Marco Morel, Tania Bessone e Silvia Capanema. O projeto concebe a Revolta da Chibata como um movimento em prol dos direitos humanos<sup>38</sup>, o que o historiador Miguel Arias Neto compreende como um equívoco, pois seria um anacronismo.<sup>39</sup>

---

<sup>36</sup> Idem. *Ibidem*, p. 39.

<sup>37</sup> MOREL, Edmar. *A Revolta da Chibata: Subsídios para a história da sublevação na esquadra pelo marinheiro João Cândido em 1910*. São Paulo: Paz e Terra, 2009, p. 25.

<sup>38</sup> MOREL, Marcos. João Cândido a luta por direitos humanos. Livro fotográfico. Projeto memória 2008.

<sup>39</sup> NETO, Miguel Arias. João Cândido 1910-1968: arqueologia de um depoimento sobre a Revolta dos Marinheiros. *História oral*, 6, 2003, p. 159-85.



Alguns oficiais da marinha de guerra apontavam os marujos como brutos, bárbaros, violentos, ignorantes e intratáveis. Porém, ao contrário, foram justamente os marinheiros que, antenados com a modernidade e sentindo no corpo os efeitos do arcaísmo, iriam impor novos rumos à instituição. A luta pela afirmação dos direitos humanos estaria no cerne dessas mudanças.<sup>40</sup>

José Murilo de Carvalho<sup>41</sup> também possui um artigo sobre João Cândido que apresenta fatos interessantes e inéditos até aquele momento.<sup>42</sup> José Murilo trata exclusivamente sobre João Cândido, e não sobre a Revolta da Chibata. Seu artigo gira em torno de ideias e conjecturas sobre a personalidade do marujo.

A produção do artigo de José Murilo foi desencadeada quando este passeava por Minas Gerais e, ao entrar num museu em São João Del Rei, encontrou dois bordados produzidos pelo marinheiro enquanto esteve preso na Ilha das Cobras entre 1910 e 1911.

Milagrosamente, o doador dos bordados ainda estava vivo e recebeu José Murilo que pode lhe entrevistar. Tratava-se de um antigo sargento do exército, com mais de noventa anos, que havia prestado serviço na Ilha das Cobras no mesmo período em que João Cândido lá esteve preso.

Ele contou a José Murilo que conheceu João Cândido e que ficaram amigos. Contou também que João Cândido passava todo o tempo bordando. O marinheiro havia lhe presenteado com os dois bordados que, mais tarde, quando retornara à sua cidade, doou ao museu.

Estes novos fatos fizeram José Murilo elaborar em seu artigo uma espécie de reflexão sobre a personalidade do marujo. O autor primeiramente expõe todas as características usualmente atribuídas a João Cândido, tais como bruto, cruel, violento, e contrapõe ao simbolismo do bordado.

O simples fato de um homem bordar no início do século XX já contém em si características diferenciadas, pois este era um ofício considerado na época típico de uma mulher. O conteúdo dos bordados também tem um caráter sentimental, expondo um João Cândido completamente diferente do que até então era conhecido.<sup>43</sup>

---

<sup>40</sup> MOREL, Marcos. João Cândido a luta por direitos humanos. Livro fotográfico. Projeto memória 2008, p.36.

<sup>41</sup> Doutor pela Universidade de Stanford (EUA).

<sup>42</sup> CARVALHO, José Murilo de. Os bordados de João Cândido. *Manguinhos*. História, Ciências, Saúde. Rio de Janeiro, v. 2, jul.- out. 1995, p. 68-84.

<sup>43</sup> Vale ressaltar que a marinha exige ainda hoje que seus militares mantenham um kit de costura de emergência para que possam cuidar de seu fardamento. Assim como também exige que todas os pertences de seus militares estejam devidamente identificado, como por exemplo as toalhas. Hoje essa identificação é facilmente feita com uma caneta para tecidos, no entanto em 1910 é muito provável que fosse feito pelos próprios marinheiros com uma espécie de bordado rudimentar, assim como o encontrado nos bordados de João Cândido de São João Del Rey.

Portanto, o artigo de José Murilo tenta desbravar a personalidade do velho marujo e ao mesmo tempo decodificar os simbolismos por trás do bordado. De forma coincidente, a historiadora Silvia Capanema em suas pesquisas sobre a Revolta da Chibata, através da análise de fontes que descreviam os marinheiros fisicamente por volta de 1910, pôde observar nos dados sobre tatuagens que os símbolos comuns representados nos corpos dos marinheiros eram os mesmos símbolos que aparecem nos bordados de João Cândido.<sup>44</sup>

Portanto, as imagens que aparecem no bordado de João Cândido contém toda uma simbologia própria do mundo da marinha na época, compartilhada pelos marinheiros de maneira geral.

Para os que se preocupam em construir o mito de João Cândido como herói de uma classe ou de uma raça, como o líder determinado e incontestado da revolta dos marujos, as revelações dos bordados podem parecer perturbadoras. Para os que preferem valorizar os aspectos humanos dos personagens históricos, para os que respeitam mais os heróis quanto mais humanos pareçam, os bordados são uma contribuição preciosa para a biografia de João Cândido. Em sua forma ingênua, em seu rico simbolismo, os bordados de São João Del Rei nos bordam um João Cândido maior do que o construído por seus detratores e mais autêntico do que o mitificado por seus admiradores.<sup>45</sup>

Existem muitas interpretações sobre João Cândido e a Revolta da Chibata conforme apresentadas acima. Porém, de maneira geral, a historiografia sobre o tema tem se polarizado em torno de duas principais vertentes

De um lado, aqueles que como Edmar Morel, ainda que com algumas ressalvas, defendem o papel central de João Cândido na revolta e sua participação ativa em seus preparativos. Estes entendem a Revolta da Chibata como uma revolta justa, corajosa, necessária e indispensável para que os castigos corporais deixassem de existir dentro da Marinha.

Do outro lado, a versão da Marinha, que desqualifica João Cândido, colocando-o como iletrado e ignorante, rude, despreparado e ainda medroso. Desqualifica os marinheiros e a própria revolta, que segundo a corporação, não foi planejada mas sim um ato de rebeldia e quebra de hierarquia que jamais poderia ser tolerado dentro da Marinha.

---

Pesquisa realizada site CIAW ([https://www.mar.mil.br/ciaw/instrucao\\_cfo\\_2015.html](https://www.mar.mil.br/ciaw/instrucao_cfo_2015.html)), acessado em 04 de março de 2015.

<sup>44</sup> CAPANEMA, Silvia P. de Almeida. Vidas de marinheiros do Brasil republicano: identidades, corpos e lideranças da revolta de 1910. *Antítese*, v.3, n. esp., dez. 2010, p. 101.

<sup>45</sup> CARVALHO, José Murilo de. Os bordados de João Cândido. Op. cit., p. 81.

A historiografia apresentada também evidencia as diversas disputas de memória em torno do personagem e do tema Revolta da Chibata. Questões políticas e ideológicas, assim como também historiográficas estão no cerne destas disputas. João Cândido é, sem sombra de dúvidas, um dos personagens mais polêmicos da história brasileira. Ele é capaz de despertar paixões e ódios profundos.

Podemos dizer que a memória é um elemento importante da formação da identidade individual e coletiva, e por isso muitas vezes ela pode ser usada, manipulada e forçada ao esquecimento por ações de grupos, classes, governos e instituições diversas. A história da história da Revolta da Chibata reflete muito bem usos diversos da sua memória. Em seus 100 anos, a memória do movimento de 1910 passou pelo surgimento do PCB, pelo regime de exceção do Estado Novo, pela conscientização do racismo no Brasil, pelo Golpe Militar de 1964, entre outros. Nesses momentos existiram disputas e usos da memória da revolta que devemos buscar, mesmo que sumariamente. É uma forma de trazer ao presente reflexões sobre a inserção desse acontecimento em movimentos sociais e partidários, em projetos educacionais e na luta por direitos. Tal inserção foi sucessivamente combatida, muitas vezes a força, a fim de apagar ou distorcer uma memória que incomodava, e ainda incomoda, militares e governantes.<sup>46</sup>

As disputas em torno da memória de João Cândido perpassaram diversos caminhos e ainda hoje estão presentes na sociedade brasileira. Por um lado, as esquerdas sempre o incorporaram ao rol dos seus heróis e bons exemplos. Por outro lado, a Marinha reservou para ele um lugar bem menos prestigiado.

Ele representa diferentes grupos, pois diferentes interpretações são dadas às suas atitudes de 1910: movimento social e popular, que busca melhores salários, melhores condições de vida para uma parcela mais desfavorecida economicamente e socialmente da população brasileira; movimento em prol de respeito e igualdade para a população negra que mesmo após a Abolição continuava sendo tratada como escrava dentro dos quadros da Marinha de Guerra do Brasil; movimento em prol dos direitos humanos, que não eram respeitados dentro da Marinha; movimento político que lutava pela consolidação dos direitos do cidadão na República brasileira; motim militar que quebrou a hierarquia, a ordem e a disciplina dentro da Marinha.

Da mesma maneira, existem diferentes interpretações sobre seu personagem principal, João Cândido: para alguns um herói popular, símbolo de várias lutas, um exemplo a ser seguido; para outros, um homem comum, sem nenhuma instrução que se tornou um mito através de manipulações da história.

---

<sup>46</sup> NASCIMENTO, Álvaro Pereira. A Revolta da Chibata e o seu centenário. Op. cit., p.29.

O presente trabalho não é uma análise sobre os diferentes usos da memória e da imagem de João Cândido. O presente trabalho é uma análise da memória construída por João Cândido. Do que ele se recorda, como ele interpreta tais acontecimentos sobre sua vida e qual a imagem que tenta construir de si mesmo, bem como a análise dos processos de construção de memória pelos quais passaram o personagem. No entanto, é inevitável tocar nas apropriações da memória de João Cândido. Este assunto perpassará todo o trabalho.

Do mesmo modo, a pesquisa aqui apresentada não é uma biografia de João Cândido. No entanto, a questão biográfica e principalmente autobiográfica perpassará todo o trabalho, dado as particularidades das fontes.

## 1.2 Biografia e história: entre polêmicas e possibilidades

As biografias estão presentes na história da humanidade desde a Antiguidade. Plutarco, com suas *Vidas paralelas*<sup>47</sup>, já narrava vidas. De lá para cá, muitas coisas mudaram. Porém, biografias ou simplesmente narrativas vivenciais<sup>48</sup> continuam presentes em nosso mundo e despertam cada vez mais interesse, tanto no mundo acadêmico, quanto no público em geral.

A título de ilustração, vale lembrar, que desde abril de 2013 o Brasil vivencia a polêmica das biografias não autorizadas. Em dois de abril, a Comissão de Constituição e Justiça da Câmara aprovou um projeto que altera o artigo 20 do Código Civil. O projeto de lei 393/11, do deputado Newton Lima (PT-SP) autoriza a divulgação de imagens, escritos e informações biográficas de pessoas – públicas, mesmo sem autorização da mesma ou de seus familiares.<sup>49</sup>

Desde então, uma grande polêmica se formou diante do assunto. O tema esteve na pauta da maioria dos jornais até o final do ano de 2013. O auge da discussão ocorreu no mês de

<sup>47</sup> PLUTARCO. *Vidas Paralelas*. In Várzeas, Marta. *Coleção autores gregos e latinos*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

<sup>48</sup> Eurídice Figueiredo definiu *narrativas vivenciais* como narrativas privadas que se tornaram públicas, tais como diários, cartas, relatos de infância, memórias, autobiografias, entrevistas etc. Vale ressaltar que a partir da década de 80 ocorreu uma intensa proliferação das diferentes formas de *narrativas vivenciais*. A história não passou intacta por estas transformações; cada vez mais a história utiliza como fonte algum tipo de *narrativa vivencial*. Para história estas transformações tiveram um impacto relevante. FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

<sup>49</sup> Câmara aprova publicação de biografias não autorizadas. *Jornal O Globo*. País. Rio de Janeiro, 03 de abril de 2013, p. 09.

outubro, quando o assunto foi apresentado quase que diariamente nos jornais, através de reportagens, opiniões de leitores, artigos e entrevistas. Um bom exemplo é o do Jornal *O Globo*, no qual a expressão *biografia não autorizada* está ausente no mês de outubro em apenas sete edições do jornal.<sup>50</sup>

O assunto ganhou grande repercussão. De um lado posicionou-se o Sindicato Nacional de Editores de Livros (SNEL) que, além de aguardar a decisão do Congresso, entrou com uma Ação Direta de Inconstitucionalidade no Supremo Tribunal Federal (STF) contestando o artigo 20 e 21 do Código Civil. Ao lado do SNEL se colocaram vários escritores e jornalistas, do outro lado da questão ficou o grupo “Procure saber”, formado por diversos artistas da MPB que defendiam a não alteração da lei, de forma que permanecesse a necessidade de prévia autorização do biografado para a publicação da biografia.

Um grupo de intelectuais divulgou um manifesto intitulado *Manifesto dos intelectuais Brasileiros contra a censura às biografias*<sup>51</sup>, defendendo a alteração da lei e, portanto, a não exigência de autorização prévia do biografado e da família dele, no caso do mesmo ser falecido.

O manifesto referido resume bem os diversos argumentos apresentados nos jornais ao longo de 2013. Ao longo dos seus onze parágrafos, os autores apresentaram seus argumentos, os justificaram, traçaram um panorama da prática biográfica ao longo dos anos, a sua relevância na atualidade, e o interesse que a mesma desperta em todos.

Desde o século XIX, a biografia teve papel importante na construção da nossa ideia de nação, imortalizando personagens e ajudando a consolidar um patrimônio de símbolos e tradições nacionais.

Mais recentemente, na segunda metade do século XX, a biografia ganhou outra dimensão: além de relatar os feitos dos grandes nomes, transformou o personagem em testemunha de sua época. A biografia moderna não é só a história de uma pessoa, mas também de uma época, vista através da vida daquela pessoa.

No Brasil, tal forma de manifestação encontra-se em risco, em virtude da proliferação da censura privada, que é a proibição das biografias não autorizadas.

A ninguém é dado impedir a livre expressão intelectual ou artística do outro, garantia consagrada na Constituição democrática de 1988, que banuiu definitivamente a censura entre nós. Por isso, não faz sentido exigir-se o consentimento prévio da personalidade pública cuja trajetória um autor ou um historiador pretende relatar (e, menos ainda, exigir-se a autorização de seus familiares, quando já falecido o biografado) como condição para a publicação de biografias.

É apropriado que a lei proteja o direito à privacidade. Mas este direito deve ser complementado pela proteção do acesso às informações de relevância para a coletividade, na forma de tratamento distinto nos casos de figuras de dimensão pública, os chamados protagonistas da história: chefes de Estado e lideranças

<sup>50</sup> Pesquisa realizada no acervo online do jornal O Globo (<http://acervo.joglobo.globo.com/>), acessado em 17 de maio de 2014.

<sup>51</sup> *Manifesto dos intelectuais brasileiros contra a censura às biografias. Jornal O Globo. Caderno de Economia. Rio de Janeiro, 25 de setembro de 2013, p. 13.*

políticas, grandes nomes das artes, da ciência e dos esportes.

O Brasil é a única grande democracia na qual a publicação de biografias de personalidades públicas depende de prévia autorização do biografado. Um país que só permite a circulação de biografias autorizadas reduz a sua historiografia à versão dos protagonistas da vida política, econômica, social e artística. Uma espécie de monopólio da história, típico de regimes totalitários.

Este erro produz efeito devastador sobre a atividade editorial. A necessidade do consentimento prévio das pessoas retratadas nas obras cria um balcão de negócio de valores vultuosos, em que informações sobre a nossa história são vendidos como mercadorias.

Há um efeito ainda mais grave no que tange a construção da memória coletiva do país. O conhecimento da história é um direito da cidadania, independentemente de censura ou licença, do Estado ou dos personagens envolvidos. O ordenamento jurídico deve assegurar pluralidade, cabendo a sociedade e ao cidadão formarem livremente sua convicção.

É pertinente lembrar que a dispensa do consentimento prévio do biografado não confere ao autor imunidade sobre as consequências do que escrever. Em casos de abuso de direitos e de uso de informação falsa e ofensiva à honra, a lei já contém os mecanismos inibidores e as punições adequadas à proteção dos direitos da personalidade.

Hoje, quando a sociedade clama pela ética e pela plena liberdade de expressão, está mais do que na hora de eliminar este entulho autoritário e permitir novamente que os brasileiros possam ter acesso à sua própria história.

Assim, os intelectuais brasileiros apoiam as iniciativas legislativas e judiciais voltadas à correção dessa anomalia do ordenamento jurídico brasileiro, de maneira a permitir a publicação e a veiculação de obras biográficas sobre os protagonistas de nossa história, independentemente da autorização dos personagens nelas retratados.<sup>52</sup>

Os autores apresentaram alguns fundamentos históricos que comprovam a relevância da produção de biografias para a construção da história nacional. De fato, esse foi e continua sendo um recurso usado não apenas no Brasil, mas em diversas nações. Tal argumento evidência, desde o início do manifesto, a preocupação dos autores de colocar em primeiro plano a relação estreita entre biografia, história e memória.<sup>53</sup>

---

<sup>52</sup> *Manifesto dos intelectuais brasileiros contra a censura às biografias. Jornal O Globo. Caderno de Economia. Rio de Janeiro, 25 de setembro de 2013, p. 13.*

<sup>53</sup> A visão do manifesto anteriormente citado é aquela que considera que uma biografia para ser publicada não precisa necessariamente da autorização do biografado ou de sua família. Ademais, os autores chamaram de censura privada e consideraram que seu uso é um risco para o país, pois o conhecimento histórico estaria sendo cerceado. Os responsáveis pela elaboração do manifesto não ignoraram o direito à privacidade que foi o ponto mais defendido pelos participantes do grupo do “Procure saber”. Porém, acreditam que este direito não deve se sobrepor ao interesse coletivo. Por este motivo, defendem que pessoas com uma dimensão pública não possuem o direito à privacidade na mesma proporção que outras pessoas, quando se tratar de assuntos de interesse coletivo. Entende-se pessoa com dimensão pública as lideranças políticas e os expoentes das artes, ciências e esportes. Vale lembrar que o uso cada vez mais constante de biografias na atualidade não contempla apenas figuras públicas. No entanto, no que diz respeito à polêmica das biografias não autorizadas, é uma discussão que gira em torno apenas destas pessoas. Não se questiona o direito à privacidade de pessoas que não possuem esta dimensão. É claro que esta é uma questão paradoxal, uma vez que todos possuem alguma dimensão pública. Portanto, definir o que é uma pessoa pública, também não é algo simples, uma vez que todos, de certa maneira, podem em algum momento de sua vida ser considerados como tal. Os escritores do manifesto acreditam que a legislação brasileira já possui os mecanismos necessários para que, caso seja preciso, aquele que se sentir lesado por algo que foi escrito em uma biografia possa reivindicar seus direitos. Dessa maneira, o escritor não está isento de responder por aquilo que escreve. O escritor tem o direito de publicar a sua obra. No entanto, tem que se responsabilizar pelas informações prestadas, pois se o biografado se sentir ofendido de alguma forma deve recorrer à justiça. O referido manifesto foi

Os autores demonstraram que desde os primórdios da construção da nacionalidade brasileira, no século XIX, a biografia de personagens históricos ilustres são usados para a construção da idéia de nação, para a construção de uma memória coletiva, e para o conhecimento da história do país.

Eles indicaram as transformações ocorridas na segunda metade do século XX que deram um novo sentido à biografia. Neste período, a história e a biografia se reaproximaram depois de bastante tempo afastadas. As transformações no âmbito da historiografia, com a retomada da história política, a volta da narrativa e o retorno do indivíduo à narrativa histórica, reabilitaram a relação de história e biografia.<sup>54</sup> Essa relação nunca deixou totalmente de existir, porém ela se renovou a partir da década de 1980 do século XX.

Dentro dessa perspectiva histórica, o personagem biografado não possui valor apenas pela sua vida e seus atos isoladamente, ou seu valor como indivíduo apenas, mas é também sujeito cuja vida pode possibilitar o conhecimento do tempo no qual viveu. Ele está inserido em uma dada sociedade, vinculado a um contexto histórico<sup>55</sup> e a todo um arcabouço cultural. Portanto, a sua biografia não é apenas um amontoado de informações coletadas sobre o biografado, mas uma parte da história da sociedade e da cultura na qual ele se insere. Logo, seu conteúdo é de interesse coletivo e público.

As biografias se inserem no âmbito da historiografia moderna em um lugar privilegiado, que é o da construção da memória. A memória coletiva é um conjunto de conhecimentos e informações que a sociedade compartilha, que interfere diretamente na formação de uma identidade coletiva.

O biográfico possui um papel relevante na sociedade porque mitos e heróis são construídos e desconstruídos a todo momento. Assim também acontece com o personagem aqui analisado. A memória e imagem de João Cândido são frequentemente modeladas de modo a

---

assinado por intelectuais de diversas áreas, professores universitários, escritores, poetas, jornalistas, redatores, editores, historiadores, cientistas sociais, advogados, juristas, políticos, diplomatas, muitos dos quais membros da Academia Brasileira de Letras. São representantes das mais diversas áreas que possuem uma única opinião: são todos a favor da mudança do texto da lei e da liberação das biografias não autorizadas. O tema é polêmico e envolve muitas questões, como questões jurídicas, historiográficas, literárias e editoriais. Porém, mais do que isso, a biografia em si abrange muitas áreas. Ela não é pertencente a um único lugar. O gênero está presente dentro de diferentes campos do saber, portanto é um tema que envolve a muitos. A observação das assinaturas presentes no manifesto permite concluir a grande interdisciplinaridade que o tema possui.

<sup>54</sup> NEVES, Guilherme Pereira das. *História, teoria e variações*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2011, p. 81.

<sup>55</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000, p. 124.

responder aos anseios de diferentes interesses. Pois este espaço, como já dito antes, é privilegiado para a construção de memórias e identidades.

No dia 19 de outubro de 2013, o jornal O Globo exibiu uma entrevista feita por telefone com o historiador francês François Dosse<sup>56</sup>, autor do livro *O Desafio Biográfico*. Na entrevista, Dosse foi informado sobre os últimos acontecimentos que vinham ocorrendo no Brasil sobre as biografias não autorizadas e, logo em seguida, expôs sua opinião.

A entrevista, realizada pelo telefone, possui algumas falas de Dosse, e algumas de suas reações são narradas pelo autor. Inicialmente, o entrevistador demonstra seu conhecimento sobre o já referido livro sobre biografias legitimando seu conhecimento sobre o assunto e coloca o autor em um lugar de autoridade no tema.

O historiador francês, François Dosse, trabalha com biografias há bastante tempo e estuda, entre outros aspectos, as transformações que a biografia sofreu, suas diferentes nuances em variadas épocas. Essa relação não é, e nunca foi, linear; sempre foi bastante complexa. O autor francês chega a usar uma nomenclatura para a relação que o biógrafo estabelece entre o indivíduo biografado e a sociedade a qual ele pertence.

Essa relação se insere na discussão entre o grupo do “Procure saber” e os intelectuais manifestantes. A biografia não é apenas a narrativa das ações do biografado e nem mesmo a análise de suas atitudes, mas um complexo processo que se dá a partir de uma narrativa vivencial, que envolve a relação do biógrafo com o biografado, a relação do biografado com a sociedade em que ele vive e a relação da sociedade com o biografado. Assim, a imagem do biografado pode ser construída, desconstruída, modificada, repensada, remodelada, revivida e reinterpretada.

A polêmica das biografias não autorizadas continuou ainda por bastante tempo presente nos jornais, internet e redes sociais, pois o tema gera muitas divergências e essa discussão entre o que é público, e portanto, pode ser publicado, e o que é privado e logo teria que permanecer reservado, é uma discussão longa e cada vez mais difícil no mundo atual. Se por algum tempo esses aspectos da vida estavam bem delimitados, hoje se tornaram muito mais confusos.

No mundo atual, narrativas vivenciais são cada vez mais utilizadas, pois estão presentes, não apenas nas biografias, mas também fazem parte do cotidiano de todos. A televisão as utiliza com bastante frequência, e não é apenas a vida de pessoas públicas que são expostas. O homem e a mulher comum são cada vez mais consultados e envolvidos na obsessão biográfica

---

<sup>56</sup> Não há biografia sem liberdade de pesquisa. *Jornal O Globo*. Prosa & Verso. Rio de Janeiro, 19 de outubro de 2013, p.6.



da mídia. Estes estão sempre presentes na mídia com suas narrativas vivenciais em forma de casos, testemunhos, vítimas, algozes e nos reality shows. Nunca as narrativas vivenciais estiveram tão em uso como na atualidade e nunca foram tão comuns como entre o final do século XX e início do XXI.<sup>57</sup>

O conjunto de narrativas vivenciais como um todo, em todas as formas que elas se apresentam na mídia, em meios acadêmicos, em forma de biografias, autobiografias, memórias, cartas, entrevistas, formam o que Leonor Arfuch denominou de espaço biográfico<sup>58</sup>.

O espaço biográfico, pensando em tudo que está inserido dentro dele, por ser bastante amplo, é um espaço privilegiado para discussão das possíveis delimitações entre o público e o privado no mundo contemporâneo. E, apenas com uma olhadela, é possível verificar que esta delimitação é bastante flutuante.

O tempo transcorrido e, sobretudo, as transformações políticas das últimas décadas, o novo traçado mundial e o desdobramento incessante das tecnologias, que foi além de qualquer previsão, transtornaram definitivamente o sentido clássico do público e do privado na modernidade a ponto de essa distinção se tornar frequentemente indecível. Sob essa luz historicizada, a configuração atual de tais espaços se apresenta sem limites nítidos, sem atribuições específicas e submetida à constante experimentação.<sup>59</sup>

O espaço biográfico, além de ser um espaço de discussão entre o público e o privado, é também um espaço de construção do homem moderno e de sua subjetividade. A discussão entre estes dois campos é essencial para a delimitação do “eu” e do “nós”, da relação entre o individual e o coletivo numa sociedade. Portanto, o espaço biográfico é um espaço de compreensão e criação dos novos sentidos e subjetividades para a sociedade.

No mundo moderno de constantes transformações, não é de se estranhar que o sentido de conceitos antigos e consolidados venham a ser desconstruídos e modificados, para que atendam a novas demandas, para que dêem conta do novo mundo que se formou, para que sejam atuais e úteis. Esse é um momento no qual não há uma delimitação e clareza nesses conceitos, mas pode ser que seja um momento em que novos significados estejam sendo construídos, ou simplesmente, que nenhum sentido fixo seja criado e que a grande mudança

---

<sup>57</sup> ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico; dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 103.

<sup>58</sup> O espaço biográfico é um conceito criado pela doutora em letras, Leonor Arfuch, professora titular na Faculdade de Ciências Sociais e também na de Arquitetura, Desenho e Urbanismo da Universidade de Buenos Aires, em seu livro *O Espaço Biográfico, Dilemas da Subjetividade Contemporânea*.

<sup>59</sup> ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico...Op. cit.*, p. 95.

seja exatamente a sua fluidez. Se faz necessário acostumar-se com isso, tornando a essência do sentido do conceito a sua própria relatividade.

Além de essencial para a afirmação do sujeito moderno, o surgimento do espaço biográfico o foi também, como assinalamos, para traçar o limiar incerto entre o público e o privado e, conseqüentemente, a nascente articulação entre o individual e o social. É essa a relação, que leva do uno ao múltiplo, do eu ao nós, imprescindível numa indagação sobre a construção do campo da subjetividade.<sup>60</sup>

O discurso biográfico possui um papel central na construção de identidades, em um mundo pós-moderno no qual muitas identidades se desfazem e muitas outras se formam. As narrativas vivenciais ocupam um papel de espaço de articulação entre autocriação e identificação.

Se em outros tempos o discurso biográfico foi fundamental para a criação da nacionalidade, do sentido de nação e da identidade nacional, atualmente as narrativas vivenciais são um espaço novamente de criação de uma memória coletiva, porém não mais de uma sociedade inteira e sim de grupos minoritários, grupos que não fazem parte do grupo hegemônico<sup>61</sup>.

Dentro do espaço biográfico, novas narrativas são construídas de modo que articulam novas necessidades de um mundo moderno, constroem novas identidades, contribuem para o entendimento de novas questões ou questões antigas sob um novo ponto de vista, enriquecendo o debate democrático e democratizando o próprio espaço do debate.

Nos dias de hoje, com o avanço das novas tecnologias e dos meios de comunicação, as narrativas vivenciais tem se proliferado, e com algumas ressalvas, tem possibilitado uma democratização das informações, que deixaram de ser monopólio das grandes empresas midiáticas.

Essas narrativas vivenciais em alguns momentos rompem barreiras até então ditas como fixas, como as redes sociais, que mais do que um local de interação social são um espaço de uma certa narrativa vivencial, uma vez que pela adição de textos e imagens elabora-se toda uma narrativa na qual se conhece o indivíduo que a fez, sua vida, sua profissão, e em grande parte também a sua vida particular. São mais uma forma de narrativas de si<sup>62</sup>.

---

<sup>60</sup> ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico; dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 83.

<sup>61</sup> Idem. *Ibidem*, p.100.

<sup>62</sup> Narrativas vivenciais, na maior parte das vezes, também são escritas de si, ou seja, algo que se escreve de si mesmo, como diários, memórias, etc. Eurídice Figueiredo afirma que essas escritas de si são variações autobiográficas, pois ainda que a intenção do autor não seja fazer uma autobiografia, é uma escrita que possui elementos autobiográficos.

É claro que os desdobramentos das redes sociais podem parecer exagerados, e por vezes são. Porém também possuem o seu papel, o de moldar novos parâmetros e definições do que é público e do que é privado. Se entre os séculos XVI e XVIIhouve a formação da cultura moderna<sup>63</sup>, e com ela a criação de novos paradigmas da vida pública e principalmente da privada, quando a ascensão do romance teve especial contribuição para a criação de uma cultura da modernidade e de padrões para a vida íntima moderna<sup>64</sup>, talvez estejamos em um momento de remodelamento desses padrões e da nossa própria cultura.

O novo romance moderno destaca-se de toda a literatura anterior por sua representação do particular. Afasta-se das tramas tradicionais e das histórias arquetípicas e rompe com a preferência clássica pelo geral e universal. Narra a vida de pessoas particulares com todos os seus detalhes.<sup>65</sup>

Se o romance foi uma narrativa importante naquele momento, neste as narrativas vivenciais possuem um papel de destaque, dado o caráter criador e transformador da linguagem<sup>66</sup>.

A presente pesquisa se insere dentro deste espaço biográfico na medida que trabalha com fontes que são narrativas vivenciais e produz uma análise que passa pelo biográfico. Embora não seja uma biografia, ela tangencia o tema a todo momento, pois sua análise gira em torno de um personagem: João Cândido.

A biografia se desenvolveu tendo como base a noção de bios, que é o retratar uma vida e uma maneira de viver. Inicialmente, o seu comprometimento não era com o real ou o verídico, e sim com uma mensagem, um ensinamento.

A biografia na Antiguidade, construída por seus fundadores no Ocidente como Plutarco e Suetônio, caracterizava-se por uma profunda valorização dos conceitos morais e de ensinamentos que deveriam ser transmitidos através das gerações, de modo que seus personagens também ficassem imortalizados não só por intermédios de suas ações mas também por sua conduta frente aos desafios.

A história de vida contada deveria conter ensinamentos de valores e morais, ainda que não fosse exatamente o verídico. Dessa maneira, este gênero estava muito ligado a figura de um

---

<sup>63</sup> TAYLOR, Charles. As fontes do self. A construção da identidade moderna. São Paulo: Edições Loyola, 1997, p. 372.

<sup>64</sup> Idem. Ibidem, p. 372.

<sup>65</sup> Idem. Ibidem, p. 372.

<sup>66</sup> ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico... Op. cit., p. 30.

héroi, a construção de uma imagem de héroi, que normalmente era um héroi político ou militar.<sup>67</sup>

A relação entre Biografia e História foi bastante conturbada por muito tempo, fato que as levou a seguirem caminhos diferentes. Em alguns momentos se encontraram, em outros se separaram, porém sempre caminharam lado a lado. Mesmo entre encontros e desencontros, hoje gozam de uma relação bem mais próxima que em épocas passadas.

Na passagem do século XIX para o XX, a biografia passou por várias transformações, se renovou, originando o que foi denominado de como “Biografia Moderna”. Essas mudanças acentuaram-se a partir da década de vinte do séc. XX com a publicação de diversas obras dos chamados fundadores da Biografia Moderna como André Maurois, Lytton Strachey, Emil Ludwig e Stephan Zweig<sup>68</sup>.

A Biografia Moderna rompeu com o modelo biográfico anterior, uma vez que aborda principalmente o individual, o particular, com ênfase numa narrativa estruturada semelhantemente ao romance. Constituindo-se com personagens, narrador e muitas vezes organizada cronologicamente. Enfim, uma narrativa voltada para as ações humanas, as intrigas e, em dado momento, tornou-se conhecida como biografia romanceada.

Na primeira metade do século XX no Brasil, a biografia e a História estiveram juntas na construção de uma História nacional. As obras de Otávio Tarquínio de Souza, com suas biografias históricas de expoentes do período regencial, são um exemplo bem claro.<sup>69</sup>

Embora nesse primeiro momento do século XX História e Biografia estivessem bem próximas, este relacionamento mudou com algumas transformações no âmbito das ciências sociais e da história, uma vez que a aproximação entre esses dois campos fez com que a História se afastasse dos individualismos em busca de explicações mais gerais e coletivas.

O mergulho da história nas águas das ciências sociais durante boa parte do século XX, contribuiu para que a biografia permanecesse esquecida, uma vez que a história social e econômica davam prioridade a uma abordagem do coletivo e do geral, dando maior atenção a

---

<sup>67</sup> DOSSE, François. O desafio Biográfico... Op. cit., p. 124.

<sup>68</sup> GONÇALVES, Márcia de Almeida. *Em terreno movediço*. Biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009, p. 97.

<sup>69</sup> Idem. *Ibidem*, p. 21.

longas temporalidades, deixando de lado, portanto, o individual, o particular e o factual, elementos que seriam indispensáveis a uma biografia.<sup>70</sup>

A partir da década de 80 do século XX, o debate acerca das biografias tornou-se acirrado dentro do ambiente acadêmico francês. Deste momento em diante, vários trabalhos foram publicados relacionados ao biográfico e sua relação com a História.<sup>71</sup>

A reaproximação entre a biografia e a história no final do século XX ocorre principalmente pelas transformações que a História passa nesse período, como a retomada da história política, do factual, do individual, o renascimento do sujeito e a retomada da narrativa. Esses foram fatores que favoreceram a referida reaproximação. Hoje, biografia e história caminham juntas. Grande parte das discussões historiográficas são referentes à questões biográficas e ninguém, mesmo dentro da academia, questiona a relevância da biografia e das narrativas vivenciais.

### 1.3 Narrativas vivenciais e análise histórica

Atualmente as narrativas vivenciais estão cada vez mais presentes na história. Servem principalmente de fontes para o ofício do historiador, seja através da história oral, de memórias, cartas, diários ou autobiografias. As narrativas vivenciais são fontes preciosas para o historiador uma vez que possibilitam a construção do conhecimento sobre questões que até bem pouco tempo eram praticamente desconhecidas. Estas faziam parte do âmbito do privado e, portanto, ficavam de fora de documentos públicos e oficiais.

---

<sup>70</sup> GONÇALVEZ, Márcia de Almeida. *Em terreno movediço*. Biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009, p. 181.

<sup>71</sup> Dentro desse contexto, surgiram textos hoje consagrados como *A Ilusão Biográfica*, de Pierre Bourdieu, e *Les usages de la biographie*, de Giovanni Levi. Um texto de relevância ainda maior sobre o temas das biografias nesse período é *La Biographi*, de Daniel Madelénat, no qual o autor distingue três paradigmas biográficos. O primeiro ele chama de Biografia Clássica, cujo estilo se manteve desde a antiguidade até o século XVIII. O segundo nomeia de Biografia Romântica que englobam as obras entre o final do século XVIII e início do XX, as quais teriam características em comum. E, por fim, o que ele chama de Biografia Moderna, que são as biografias do século XX. Segundo o autor, estas últimas seriam filhas do relativismo ético, da psicanálise e das transformações da epistemologia histórica. Dentro dessa discussão sobre a retomada do biográfico, há ainda um texto anterior da década de 70, de Phelippe Lejeune, *Le pacte autobiographique*, no qual ele discute a autobiografia.

Através dessas narrativas vivenciais apareceram novos sujeitos, como o louco, o criminoso, a bruxa, entre outros. Os estudos e o conhecimento sobre a história da mulher terão um maior crescimento, pois essas narrativas vão oferecer informações sobre os espaços privados, que foram por bastante tempo o principal campo de atuação delas.

Essas novas fontes também permitiram novas informações sobre sujeitos normais, informações sobre suas práticas. Portanto, através dessas novas fontes foi possível estudar “novos sujeitos”, antigos sujeitos sob um novo ponto de vista, e inventar um “novo passado”<sup>72</sup>.

Esses sujeitos marginais, que teriam sido relativamente ignorados em outros modos de narração do passado, demandam novas exigências de método e tendem à escuta sistemática dos “discursos de memória”: diários, cartas, conselhos, orações<sup>73</sup>

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise comparativa entre duas narrativas vivenciais. O primeiro documento foi escrito por João Cândido Felisberto por volta de 1912, quando esteve preso à espera de seu julgamento pelas acusações que lhe foram impostas, logo em seguida ao seu envolvimento na Revolta da Chibata.

Ele escreveu suas memórias sobre pontos de sua vida considerados, por ele próprio, relevantes. São registros sobre sua vida de marinheiro, sobre a revolta, e sobre sua atuação no movimento. Esta fonte foi na época publicada no jornal A Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro e atualmente encontra-se publicada entre os anexos do livro A Revolta da Chibata, de Edmar Morel, organizado por Marco Morel, republicado em 2010.

Suas memórias são, portanto, também uma escrita de si. Assim, possuem diversos elementos autobiográficos e serão analisadas por este ponto de vista. O segundo documento a ser analisado é uma entrevista realizada pelo Museu da Imagem e do Som (MIS), em 1968, com o mesmo João Cândido Felisberto. Pauta-se sobre os mesmos temas, a vida do personagem antes da Marinha, sua vida como marujo, a revolta dos marinheiros e seu papel na mesma.

A entrevista pauta-se também nas memórias de João Cândido. No entanto, em uma entrevista encontram-se outros elementos, como por exemplo, a fala e o lugar de fala do entrevistador, que não é isento de interferência na entrevista. Muito pelo contrário, possui um papel direcionador para aquilo que acredita que deve ser rememorado.

Portanto, são dois documentos diferentes, produzidos em épocas diferentes, porém tratam do mesmo tema e usam as memórias do marinheiro como referência. Será feita então

---

<sup>72</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo Passado, cultura da memória e guinada subjetiva*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p.15.

<sup>73</sup> Idem. *Ibidem*, p.17.

uma análise entre estes dois documentos, problematizando suas dimensões autobiográficas nas suas relações com o registro e a construção de memórias individuais e coletivas.

Embora os dois documentos sejam, por este motivo, bastante próximos, são em si mesmo, bem diferentes, uma vez que as memórias mudam, se transformam, alteram-se, e se sobrepõem. Logo, os dois documentos escritos num intervalo de tempo de cinquenta e seis anos deixam transparecer toda uma série de transformações ocorridas nas memórias individuais de João Cândido bem como nas memórias e histórias associadas à Revolta da Chibata e aos seus significados.

Os estudos acerca da memória se fortaleceram a partir da Segunda Guerra Mundial, com o levantamento de dados sobre o Holocausto. Como parte da documentação sobre o assunto havia sido destruída pelos nazistas, os relatos dos sobreviventes sobre o que viram e viveram ganhou grande destaque. O mesmo ocorreu na América Latina com a redemocratização, após longo período de governos militares e autoritários.<sup>74</sup>

Por outro lado, o próprio contexto da pós-modernidade tem favorecido os usos sociais e os discursos focados no valor da memória, em um cenário de crises de paradigmas. A sociedade pós-moderna busca no passado explicações e respostas para novas problemáticas.

Se na Antiguidade, e durante todo o período clássico, o ideal estético estava no passado (basta pensar em todas as querelas entre os antigos e os modernos), a partir do final do século XVIII, com os ideais iluministas, o pólo de atração muda: as esperanças passam a estar depositadas no futuro. Com a pós-modernidade, que representava o fim daquilo que Jean-François Lyotard chamou de grandes narrativas – na verdade ele estava visando, sobretudo o marxismo –, o futuro desaparece do campo de visão. Atolado no presente, o sujeito vai-se projetar sobre o passado, o que explica a proliferação das escritas da memória e da história.<sup>75</sup>

Embora possa parecer paradoxal essa atitude pós-moderna, a mesma pode ser explicada pelo fato de que as sociedades ocidentais pós-modernas estão cada vez mais ligadas ao presente, no instante, no agora, e que este instante está cada dia mais rápido, mais móvel e mais fugaz, o que gera uma série de incertezas e instabilidades que a sociedade tenta resolver buscando possíveis respostas em seu passado.

A pós-modernidade vinha sintetizar o estado de coisas, a crise dos grandes relatos legitimadores, a perda de certezas e fundamentos (da ciência, da filosofia, da arte) da valorização dos ‘micro relatos’, o deslocamento do ponto de mira onisciente e ordenador em benefício da pluralidade de vozes, da hibridização, da mistura irreverente de cânones retóricos, paradigmas e estilos.<sup>76</sup>

<sup>74</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo Passado, cultura da memória e guinada subjetiva*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p. 34.

<sup>75</sup> FIGUEIREDO, E. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p25.

<sup>76</sup> ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico... Op. cit., p. 17.

Por outro lado, a pós-modernidade possui um ponto de vista sempre plural. Portanto, já não é mais possível pensar em uma verdade absoluta e única. O conhecimento se tornou mais dinâmico. Nesse sentido, os discursos de natureza memorialista e autobiográfica oferecem um campo bastante fecundo, já que o que eles demonstram é o ponto de vista de um sujeito, que dificilmente será o mesmo ponto de vista de outro sujeito, ainda que se trate do mesmo tema ou questão.

Os dois documentos analisados nessa dissertação, nos capítulos subsequentes, podem ser considerados formas de escrita de si, pois possuem elementos autobiográficos e, portanto, para sua melhor compreensão é necessário um melhor entendimento das questões que tocam as autobiografias.

A autobiografia possui em si o comprometimento com três questões fundamentais que estão contidas no seu próprio significado. A *grafia* contém em si a ideia de que a autobiografia é uma escrita que representa a realidade através da linguagem, ou seja, da escrita. O *auto* carrega em si o sentido que a autobiografia possui o comprometimento da identidade de um sujeito com ele mesmo. O *bios* traz em sua semântica um comprometimento com uma existência real, com a vida<sup>77</sup>.

A semântica da autobiografia foi profundamente questionada durante algum tempo principalmente pelo pós-estruturalismo, uma vez que ela traz alguns conflitos. Atualmente, a linguística e as neurociências assim como as correntes dominantes da epistemologia consideram que a realidade em si não é acessível ao homem através de sua consciência ou dos próprios signos da linguagem. Portanto, como distinguir um discurso ficcional de um discurso factual, que possui um comprometimento com uma realidade, com o “efetivamente vivido”, torna-se a questão central. Visto que o discurso autobiográfico contém em si a necessidade de ser reconhecido como um discurso comprometido com a realidade, essas são implicações diretamente ligadas a este gênero. Qual seria então a fronteira ou a distinção explícita entre o experimentado e o imaginado nas narrativas derivadas do exercício individual da lembrança?

Diversas teorias foram desenvolvidas ao longo dos anos para responder essas questões. Uma das mais plausíveis é atribuída a Robert Brandom<sup>78</sup>, que pretende reconciliar a realidade

---

<sup>77</sup> GALLE, Helmut. *Elementos para uma nova abordagem da escritura autobiográfica*. Matraga: Revista do Programa em Pós-Graduação em Letras / Universidade do Estado do Rio de Janeiro, p. 65.

<sup>78</sup> Brandom, Robert B. *Expressive Vernunft. Begründung, Repräsentation und diskursive Festlegung*. Darmstadt: WBG, 2000.



externa à teoria da linguagem de índole pragmática<sup>79</sup>. A sua explicação tem como base a semântica inferencial e a pragmática normativa.

De acordo com a semântica inferencial, o conteúdo semântico de uma afirmação, ou seja, o sentido que ela possuiu é resultante da rede de inferências nela contidas. Quando se afirma algo, a compreensão do seu sentido está diretamente ligada ao conhecimento que o ouvinte possui do significado de cada palavra dita. É justamente o que está explícito na afirmação. Contudo, seu conhecimento vem principalmente pelo que se infere, pelo que não está explícito. Por exemplo, “A maçã era gostosa”, o entendimento da frase ocorre uma vez que se sabe o que é uma maçã, é um fruto, que dá em árvore, em climas temperados, de formato arredondado, de textura conhecida, e também sobre o que não é uma maçã, não é quadrada, não é salgada, não é amarga. Então, inferências ocorrem pela prática comunicativa social contida na memória de cada ouvinte.

Já a pragmática normativa ocorre pela contagem de proposições verdadeiras e falsas que cada pessoa possui em sua memória. Logo pela junção dessas duas questões chega-se à conclusão do que é verdadeiro e do que é falso. E a correspondência entre os elementos no mundo e as afirmações feitas é realizada pelas próprias palavras que dão nome às coisas.

Assim de acordo com Robert Brandom, a diferença entre um discurso pragmático, factual e verdadeiro, de um discurso ficcional é possível. Logo, a autobiografia possui um discurso comprometido com uma dada realidade, e mesmo que não seja possível a compreensão da realidade em si pelo autobiógrafo e pelo leitor, é possível uma distinção de um discurso pragmático de um discurso ficcional, e esta é uma diferenciação no âmbito da própria linguagem.

O prefixo auto de autobiografia pressupõe a identidade de um sujeito consigo mesmo, um sujeito que seja consciente de si, que tenha memória, no jogo cambiante de lembranças e esquecimentos, de sua vida, e que se mantenha fiel a si mesmo através do tempo<sup>80</sup>. No entanto, esse é um dilema teórico preocupante, uma vez que não existe uma identidade substancial do sujeito através do tempo. O sujeito que escreve uma biografia não é o mesmo que viveu e descreveu as ações agora narradas. Portanto, são dois, ou mais sujeitos diferentes.

---

<sup>79</sup> GALLE, Helmut. *Elementos para uma nova abordagem da escritura autobiográfica*. Matruga: Revista do Programa em Pós-Graduação em Letras / Universidade do Estado do Rio de Janeiro, p. 65-69.

<sup>80</sup> GALLE, Helmut. *Elementos para uma nova abordagem da escritura autobiográfica*. Matruga: Revista do Programa em Pós-Graduação em Letras / Universidade do Estado do Rio de Janeiro, p. 65-69.

Para solucionar essa questão, Paul Ricoeur propõe uma distinção analítica da identidade do sujeito. Para ele, o sujeito possui duas identidades: a identidade *idem* (o mesmo) e a identidade *ipse* (de si). Portanto, para ele, o sujeito possui “duas” identidades.

A primeira identidade proposta por Ricoeur é a *mesmeidade-idem*. Esta identidade seria aquela que permanece por toda a vida do sujeito. Ela pode ser identificada como, por exemplo, uma identidade genética, que é a mesma desde o nascimento do sujeito até a sua morte. Poderia ser considerada também o corpo do sujeito, embora essa definição não seja plena, uma vez que até o corpo se transforma com o passar dos anos. No entanto, essa identidade é aquela que identifica a pessoa como um único ser.

A segunda identidade proposta por Ricoeur se chama *ipseidade*. Ela envolve duas maneiras de pensar a nossa permanência no tempo, o caráter do sujeito e a constância de si mesmo, e está ligada à ética de cada sujeito. O caráter seria um conjunto de traços e valores adquiridos através do tempo, ou seja, é mutável, e não nato. O caráter é adquirido em sociedade e a ética do sujeito é algo também mutável, uma vez que necessita ser reafirmada a cada momento, a cada ação do sujeito.

Na autobiografia, as duas identidades do autor se empenham em formar uma coerência no caos das ocorrências da vida, através da narração, criando um sentido, uma lógica para o sujeito, uma identidade única e coerente para ele.

O autor tenta criar uma identidade única que imbua de coerência os fatos vividos. Porém, essa identidade única só existe no texto, na narrativa, esta só se cria através da narração, do sentido que se dará aos fatos na narratividade. Daí vem o conceito de identidade narrativa de Ricoeur<sup>81</sup>.

O mesmo acontece em uma biografia na qual o biógrafo tenta criar uma identidade única e coerente para o biografado na narrativa, de modo que os acontecimentos façam sentido, que as ações do biografado tenham um sentido único, que apontem para a identidade narrativa do sujeito.

Conclui-se então que a identidade do sujeito é, portanto, construída, não que seja falsa ou ilusória, mas só se pode percebê-la como unidade, elaborada pela narrativa, através do texto, uma vez que na vida em si, nas ações em si, sem a narração, essa unidade não existe.

A autobiografia, ainda, contém em si o sentido do *bios*, que significa vida. Nele estão contidas as junções dos dois sentidos apresentados anteriormente. Uma vida pressupõe uma

---

<sup>81</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Volume 3. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, 498p.

existência real, fora do texto, e uma identidade única de um sujeito. No entanto, nem todas as ações do sujeito serão retratadas em uma autobiografia. As escolhas são feitas de maneira que completem uma história, que completem o sentido que se quer dar à narrativa. Portanto, tanto numa biografia quanto em uma autobiografia, alguns fatos são escolhidos para entrar na narrativa e outros deixam de ser narrados. Há nisso o lembrado (e narrado) e o suprimido (e esquecido), há memória.

Essas escolhas algumas vezes são conscientes, mas em grande parte não o são. No caso de um texto autobiográfico, muitas vezes essas escolhas são feitas para responder a uma questão atual do próprio autor. As memórias são constantemente reinterpretadas pelo sujeito de modo a responder novas questões, a memória não é um depósito que devolve dados gravados como o disco rígido do computador<sup>82</sup>.

O mesmo ocorre com a memória coletiva. Ela é fluida, é constantemente remodelada, modificada, transformada de acordo com questões coletivas atuais. Uma memória possui muitas vezes uma ligação maior com o presente do que com o próprio passado a qual pertence, pois possui em si uma interpretação, uma explicação ou uma compreensão para algo atual.

Portanto, os fatos narrados em uma autobiografia e as interpretações nelas contidas são escolhas momentâneas que culminam em uma identidade narrativa também momentânea, uma vez que outras escolhas poderiam ter sido feitas e resultariam em diferentes identidades. É, portanto, uma identidade entre muitas outras possíveis, um eu entre muitos outros “eus” possíveis.

A virada pragmática na teoria autobiográfica teve início em 1975 com Phillipe Lejeune<sup>83</sup>. Este autor criou o conceito de pacto autobiográfico, o autor, por sua identidade com o narrador e com o protagonista, assume a responsabilidade pelos atos de fala do narrador e pelas afirmações sobre o protagonista.<sup>84</sup>

De acordo com o pacto autobiográfico, de Phillipe Lejeune, numa autobiografia o autor é o mesmo que o narrador, que é o mesmo que o protagonista da história. Então, este assume a responsabilidade pelo que se é narrado. Portanto, de acordo com esta ideia, existe uma espécie de contrato entre o autor e o leitor no qual o autor se compromete, se responsabiliza com o leitor

---

<sup>82</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo Passado, cultura da memória e guinada subjetiva*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p.74.

<sup>83</sup> LEJEUNE, Phelippe. *O pacto autobiográfico de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

<sup>84</sup> GALLE, Helmut. *Elementos para uma nova abordagem da escritura autobiográfica*. Matraga: Revista do Programa em Pós-Graduação em Letras / Universidade do Estado do Rio de Janeiro, p. 79.

pela veracidade dos fatos narrados, ou seja, um compromisso com o real. Por sua vez, o leitor identificará no próprio texto, através das informações narradas, a veracidade ou não dos fatos, o cumprimento ou não do pacto autobiográfico.

A teoria sobre o pacto autobiográfico possibilitou a diferenciação entre a autobiografia e o romance, uma vez que os dois possuem uma estrutura narrativa semelhante. Porém, o romance é texto de natureza ficcional.

O modelo apresentado por Phillippe Lejeune foi adaptado por Gerard Genette<sup>85</sup>, que sistematizou as questões apresentadas pelo primeiro, da seguinte maneira: entre o autor e o protagonista existe uma identidade jurídica, entre o autor e o narrador, uma relação de responsabilidade ética e entre o protagonista e o narrador a identidade de referência do pronome.<sup>86</sup>

Esta nova definição facilitou o entendimento de questões que não ficavam resolvidas pelo pacto autobiográfico. Como certos casos de ficção que incluem o nome do autor como narrador e protagonista, sem que exista uma verdadeira identidade entre eles, e que o leitor só se dá conta no decorrer da leitura, uma vez que apresentam algum fato absurdo ou que o leitor tem conhecimento que não aconteceu, nesses casos existe um pacto autobiográfico “falso”.

Porém, os romances autobiográficos não se enquadram dentro de nenhuma das duas teorias anteriormente expostas, pois em um romance autobiográfico existe uma semelhança entre o que é narrado e o real, uma semelhança de identidade entre o autor, o narrador e o personagem. No entanto, o autor nega o pacto autobiográfico. Ele não admite a veracidade dos fatos narrados e nem a sua identidade. Portanto, não existe o pacto autobiográfico nesses casos. Para melhor explicar esses casos, Philippe Gasparini<sup>87</sup> definiu o conceito de verossimilhança, argumentando que nesses casos o pacto autobiográfico não é explícito.

Os dois documentos analisados na presente pesquisa possuem traços autobiográficos, portanto, requerem atenção em relação aos pontos anteriormente citados. O autor é o mesmo, João Cândido. O narrador também é o mesmo, também João Cândido. E o personagem, mais uma vez, João Cândido.

---

<sup>85</sup> GENETTE, Gerard. *Fiction et diction*. Paris: Editions du Seuil, 1991.

<sup>86</sup> GALLE, Helmut. *Elementos para uma nova abordagem da escritura autobiográfica*. Matraga: Revista do Programa em Pós-Graduação em Letras / Universidade do Estado do Rio de Janeiro, p. 80.

<sup>87</sup> GASPARINI, Philippe. *Est-il je ? Roman autobiographique et autofiction*. Paris: Seuil, 1975.

No entanto, ainda é mais complexo por se tratar de dois documentos escritos em tempos distintos e distantes. Se o autor, o narrador e o personagem são apenas um, ao mesmo tempo eles também são três, uma vez que não existe uma unidade real entre eles. E como se trata de dois documentos não são três e sim seis. Temos dois autores: João Cândido em 1912 e João Cândido em 1968. Temos dois narradores: João Cândido em 1912 e João Cândido em 1968. E temos dois personagens: João Cândido em 1912 e João Cândido entre 1912 e 1968.

Por outro lado, também é necessário ficar atento aos artifícios usados para criar uma identidade narrativa. As escolhas feitas pelos autores, o que é lembrado e o que é esquecido. As explicações e interpretações que mudam de acordo com as necessidades e expectativas do presente, ou seja, do tempo em que a narrativa acontece.

Embora os dois documentos sejam discursos de memória e escritas de si, o segundo documento, a entrevista concedida por João Cândido ao MIS, possui algumas peculiaridades específicas por se tratar de uma entrevista.

Ao trabalhar com uma entrevista, será utilizado um arcabouço teórico retirado dos estudos da linguagem. Na atualidade muito se utiliza as entrevistas como fontes. Ela está presente no dia-a-dia em diversas situações. No entanto, existem duas perspectivas de entrevista: a entrevista quantitativa e a qualitativa. Nesse trabalho utilizaremos a entrevista qualitativa, ou seja, uma entrevista única na qual será analisado seu conteúdo, sua narração, seu discurso.

A entrevista qualitativa apresenta diferenças em relação à entrevista quantitativa. Nesta última, a entrevista é tradicionalmente usada para coletar informações do entrevistado, como por exemplo, os censos. Já na primeira, o enfoque é outro, o foco fica no discurso construído em cooperação, tanto do entrevistado como do entrevistador<sup>88</sup>.

A entrevista qualitativa, que é a trabalhada nesta pesquisa, é pensada como um evento interacional, ou seja, um evento construído por cooperação entre todos os participantes, o entrevistador, o pesquisador, aquele que realiza a análise da entrevista. Na entrevista qualitativa, o ponto principal não é verificar se as respostas do entrevistado são verdadeiras ou falsas, e sim o sentido que o entrevistado pretende construir, ou valorizar, com suas afirmações e sua narrativa.

---

<sup>88</sup> SANTOS, William Soares dos. Níveis de interpretação na entrevista de pesquisa de natureza interpretativa com narrativas. In: BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares dos. A entrevista na pesquisa qualitativa: Perspectivas em análise da narrativa e da interação. Rio de Janeiro: Quarter: Faperj, 2013. p.11.

Essa perspectiva torna a análise ainda mais complexa, uma vez que no segundo documento, a entrevista de 1968, o autor não é apenas João Cândido. Ele é apenas um dos autores. Já que o entrevistador é coautor com ele, bem como todos os demais participantes da entrevista.

Assim como nas memórias, também nas entrevistas emergem diversas narrativas, e são essas narrativas o foco de análise daquelas. Para que o entrevistado forneça uma quantidade maior de narrativas é necessário que as perguntas realizadas sejam abertas e não fechadas, possibilitando que o entrevistado tenha mais liberdade em suas narrações.

Em primeiro lugar, é central a percepção que as pessoas utilizam a narrativa não apenas para (re)construir eventos passados, mas, entre outros objetivos, para que tais eventos sejam interpretados de acordo com as representações que desejam. Narramos de forma que as histórias estejam adequadas a determinados objetivos.<sup>89</sup>

A narrativa é um ponto central dentro da análise desse tipo de documentação. Ao partir de uma análise mais aberta como esta, na qual as informações contidas não são analisadas apenas pelo ponto de vista do dito e do não dito, mas também por meio das intenções, das visões de mundo e das identidades contidas no discurso. Dessa forma, há um enriquecimento maior da análise. Para a história, é uma possibilidade de adquirir mais informações de suas fontes, em uma perspectiva mais abrangente, podendo gerar novas interpretações, até mesmo de documentos que já tenham sido analisados anteriormente.

Aplicar uma análise teórica sobre um ponto de vista dos estudos da linguagem e da teoria literária é a possibilidade de enxergar questões imbricadas nos discursos de memória, nas escritas de si, nas autobiografias e no espaço biográfico.

A análise das narrativas produzidas por esse tipo de documento precisa atentar para o fato de que as narrativas são necessariamente construídas, ou seja, envolvem diversos personagens, é, portanto um processo interacional, também envolve um processo dinâmico e situado de expor e interpretar quem somos. Dessa forma, a construção de narrativas está intimamente relacionada à construção identitária.<sup>90</sup>

---

<sup>89</sup> Idem. *Ibidem*, p.12.

<sup>90</sup> SANTOS, William Soares dos. Níveis de interpretação na entrevista de pesquisa de natureza interpretativa com narrativas. In: BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares dos. *A entrevista na pesquisa qualitativa: Perspectivas em análise da narrativa e da interação*. Rio de Janeiro: Quarter: Faperj, 2013, p.25.

Toda narrativa integra uma construção dialógica em que tornam-se salientes os traços de “apoio” que o interlocutor fornece ao contador da estória - por exemplo, sinais de retroalimentação como “mhmhm”, “tá”, “sei”; sinais de ratificação tais como a repetição de elocuições; pedidos de informação, pedidos de esclarecimento, pedidos de confirmação etc.<sup>91</sup>

A análise das entrevistas deve seguir alguns níveis de interpretação<sup>92</sup>, que de acordo com Riessman<sup>93</sup> são cinco: a vivência da experiência, a narração da experiência, a transcrição da experiência, a análise, e a leitura da versão final da pesquisa.

A primeira é referente à própria experiência, a experiência vivida no momento real do ocorrido, vivida pelo narrador ou entrevistado, ou ainda a experiência do pesquisador ou do entrevistador no momento da participação na produção da narrativa (entrevista).

O segundo momento é referente à narração da própria experiência, a representação dos eventos organizados na narrativa. É, portanto, o retorno da experiência, mas não é a experiência em si. Envolve a memória, o lembrar, o rememorar e a possibilidade de pensar sobre a experiência vivida e criar um sentido para a mesma.

A terceira parte da interpretação consiste na transcrição da experiência realizada pelo pesquisador. Essa também é uma parte que envolve interpretação, uma vez que essa transcrição pode ser feita de diferentes maneiras, de acordo com diferentes teorias. Portanto, também é um momento de seleção e interpretação.

A parte final para o pesquisador consiste na análise da experiência. Também envolve interpretação, uma vez que o pesquisador tenta criar sentido segundo alguns posicionamentos teóricos, segundo algumas escolhas para aquilo que é analisado. Ele cria assim uma versão final para sua pesquisa.

No entanto, a interpretação não para por aí. O leitor que lê a versão final da pesquisa também cria sua própria interpretação do que lê. Percebendo a leitura como uma prática interacional e plurivocal entende-se que esta sim é a última parte dos níveis de percepção que sofrem as narrativas. Incluindo-se dentro destas, no caso dessa pesquisa, a entrevista. A

---

<sup>91</sup> Idem. Ibidem, p.25.

<sup>92</sup> Idem. Ibidem, p.25.

<sup>93</sup> RIESSMAN, C. K. Narrative Analysis. London, New Burh Park: SAGE Publications, 1993.

narrativa é uma criação dinâmica, pois envolve o narrador, o ouvinte, o pesquisador, o analista e o leitor<sup>94</sup>.

A entrevista de pesquisa interpretativista é uma ferramenta importante para compreensão de como as pessoas estruturam suas narrativas, bem como para compreender outros fatores, como, por exemplo, o sentido que os indivíduos fazem de si mesmos e sua compreensão do mundo e de suas experiências.<sup>95</sup>

A pesquisa com entrevista pode ser feita de diferentes maneiras. Ao longo do tempo apresentou diferentes possibilidades teóricas. De acordo com Silverman<sup>96</sup>, essas teorias são classificadas a partir de uma visão tradicional, como positivista, emocionalista e construcionista.

Na pesquisa positivista com entrevista, o que está presente é a ideia de que se quer descobrir a verdade nas respostas do entrevistado. A entrevista é vista como algo objetivo, em que o entrevistador é neutro, não tendo nenhuma influência sobre as respostas do entrevistado. Dessa maneira, o que se produziria seria uma verdade objetiva e clara.

Do ponto de vista emocionalista, a entrevista é pensada como um momento de reflexão sobre o outro, no qual deve haver um envolvimento entre entrevistado e entrevistador, pois através dessa ligação se produziriam narrativas emocionais nas quais o entrevistado se exporia de maneira completa.

Na entrevista como construção, a ideia é que a narrativa final é construída tanto pelo entrevistado quanto pelo entrevistador. Porém, esta modalidade sofre ainda algumas críticas. Dentro de uma visão contemporânea estão presentes as ideias construcionistas e interacionistas.

Como forma de discurso, produção conjunta de entrevistados e entrevistadores, do que conversam entre si e como conversam (...) através desta metodologia pode se dar como de os sujeitos percebem, organizam e atribuem significados a si mesmo, suas experiências e seus mundos culturais e pessoais.<sup>97</sup>

---

<sup>94</sup> SANTOS, William Soares dos. Níveis de interpretação da entrevista de pesquisa de natureza interpretativa com narrativas. In: BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares dos. *A entrevista na pesquisa qualitativa: Perspectivas em análise da narrativa e da interação*. Rio de Janeiro: Quarter: Faperj, 2013. p.33.

<sup>95</sup> Idem. *Ibidem*, p.33.

<sup>96</sup> SILVERMAND, D. *Interpreting qualitative data. Methods for analyzing talk, text and interaction*, 2ed. London: SAGE, 2001.

<sup>97</sup> ROLLEMBERG, Ana Tereza Vieira Machado. *Entrevistas de pesquisa: oportunidades de construção de significados*. In: BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares dos. *A entrevista na pesquisa qualitativa: Perspectivas em análise da narrativa e da interação*. Rio de Janeiro: Quarter: Faperj, 2013, p.37.



A análise da narrativa possui um papel central dentro da perspectiva de trabalho com discursos de memória e escritas de si. Os dois documentos trabalhados serão analisados a partir destes pontos de vista.

O segundo documento possui ainda uma segunda peculiaridade, ele é um documento oral, fruto de uma oralidade e, portanto, possui características próprias. O segundo documento foi produzido no final da década de 60, quando o debate sobre história oral no Brasil ainda era bastante insipiente. Então o referido documento, bem como os demais produzidos pelo MIS na mesma época se distanciam metodologicamente de entrevistas realizadas mais tarde, tal como hoje. No entanto, podemos dizer que são documentos precursores de uma história oral no Brasil.

A introdução da história oral no Brasil é reconhecidamente datada da década de 70, porém sua expansão se deu a partir da década de 90. Portanto, o documento do MIS, não foi produzido pensando em uma utilização nos moldes de uma história oral, no entanto, ele possui uma série de especificidades por ser fruto de uma oralidade que o coloca em um patamar muito próximo de entrevista produzidas para tal fim<sup>98</sup>.

---

<sup>98</sup> AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 9.

## 2 MEMÓRIAS DE JOÃO CÂNDIDO EM 1912

Neste segundo capítulo a fonte de análise será o texto intitulado *A vida de João Cândido – ou o sonho da liberdade*. Este documento foi escrito pelo próprio João Cândido, quando esteve internado no Hospital dos Alienados, logo após a Revolta da Chibata em 1910. O conteúdo narra em detalhes sua vida na Marinha e sua participação na Revolta da Chibata.

Este texto foi publicado no jornal A Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro. A publicação deu-se em doze partes ou capítulos e foi veiculada entre os dias 31 de dezembro de 1912 e 12 de janeiro de 1913. A publicação do primeiro capítulo ocorreu um dia após a libertação de João Cândido da Ilha das Cobras. Após o julgamento, foi considerado que nada havia que o incriminasse em relação ao levante do Batalhão Naval, acontecido dias após a Revolta da Chibata. Quanto à Revolta da Chibata, não houve condenação criminal, uma vez que todos os participantes dela haviam sido anistiados. João Cândido foi, contudo, excluído da Marinha por já ter cumprido o seu tempo de serviço.<sup>99</sup>

A publicação foi editada num momento em que os jornais noticiavam a sua libertação. Ela estava sendo guardada, segundo o redator do jornal, há um ano e meio, esperando a melhor oportunidade para vir a ser publicizada. O momento oportuno se deu quando ocorreu a libertação de João Cândido.

Este documento teria sido escrito pelo próprio João Cândido. Portanto, fruto de sua memória e como tal traz à tona algumas lembranças e deixa de lado muitas outras. Ele é fruto de um movimento constante entre as lembranças e os esquecimentos e sem sombra de dúvidas os esquecimentos são tão importantes quanto às próprias lembranças.

O seu autor é o próprio personagem, João Cândido, portanto, possui valor autobiográfico. Ele recorda e narra fatos sobre sua própria vida, sobre o que ele viu, ouviu e viveu. Ele é o narrador da sua própria história como fica explicitado na primeira parte do título de suas memórias, *A vida do marinheiro João Cândido*. Ele cria a sua própria identidade a de

---

<sup>99</sup> Os marinheiros envolvidos na Revolta da Chibata foram anistiados pelo governo, essa foi uma condição imposta pelos revoltosos para que houvesse a rendição do grupo, logo não poderiam ser punidos. No entanto, alguns dias após o fim da Revolta da Chibata ocorreu um novo levante, desta vez no Batalhão Naval, uma revolta composta basicamente por fuzileiros navais. Os marinheiros que haviam participado da Revolta da Chibata, entre eles João Cândido, foram acusados de serem cúmplices neste novo levante e por este motivo foram presos e julgados. O julgamento concluiu que eram todos inocentes e, portanto foram libertados. Após ser inocentado João Cândido foi excluído da Marinha, pois já tinha cumprido seu tempo de serviço, dando início a sua vida como civil. Portanto, João Cândido não foi expulso da Marinha e sim excluído por já ter cumprido o seu tempo de serviço há bastante tempo.

marinheiro e pretende narrar a sua vida, certa existência, carregada de um sentido. Sentido este que vem explicitado logo em seguida na segunda parte do título de suas memórias, O sonho de liberdade<sup>100</sup>.

Essas memórias do marinheiro foram publicadas na 5ª (quinta) edição do livro *A Revolta da Chibata*, de Edmar Morel, organizado por Marco Morel, de onde foram retiradas todas as citações referentes a esta. A publicação do texto original da Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro encontra-se na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, onde estão arquivados diversos exemplares deste jornal.

As memórias de João Cândido geraram uma série de polêmicas. A primeira delas em relação à autenticidade das mesmas. Sabe-se que ele, realmente, é o seu autor, pois, consta nas observações médicas, feitas no Hospital dos Alienados, que João Cândido pediu aos médicos duas folhas de papel para escrever suas memórias, e que as teria ditado a outro paciente de nome Castanhola, e ainda, que intencionava publicá-las<sup>101</sup>. Estas informações constam no capítulo “Covardia”, do livro de Edmar Morel. Segundo Morel, João Cândido ter-lhe-ia confirmado sua existência. Todavia, João Cândido também afirmou que suas memórias teriam sido destruídas quando ele retornou à prisão da Ilha das Cobras, juntamente com outros pertences que ele possuía naquele momento, como uma bíblia e o retrato de sua mãe<sup>102</sup>.

Esta informação ainda gera muitas interrogações, uma vez que se sabe que suas memórias foram publicadas entre 1912 e 1913. Haveria uma cópia? Ele sabia da sua publicação? Por qual motivo não contou a Morel? Sabemos que a descoberta dessas memórias é relativamente recente, e na época da publicação da primeira edição do livro de Edmar Morel em 1959, bem como nas reedições posteriores o mesmo não tinha conhecimento delas.

Partes dessas interrogações podem ser respondidas. No entanto, outras, ficarão no plano das hipóteses. Consta no jornal que, depois da publicação do dia 31 de dezembro de 1912, o qual afirmava que João Cândido teria nascido em Corrientes, Argentina, ele próprio teria

---

<sup>100</sup> É importante ressaltar que liberdade é uma das palavras que aparece nos bordados de João Cândido, descobertos por José Murilo de Carvalho. Ela também pode ser visualizada em duas fotografias dos revoltosos durante a Revolta da Chibata: a primeira fotografia possui um cartaz nas mãos de alguns marinheiros, no qual se pode ler viva a liberdade, a mesma que serve de capa da 5ª edição do livro de Edmar Morel e a segunda fotografia traz estampada em um lenço pendurado no pescoço de outro marinheiro as palavras ordem e liberdade. Ambas encontram-se no acervo da Biblioteca Nacional.

<sup>101</sup> MOREL, Edmar. *A Revolta da Chibata: Subsídios para a história da sublevação na esquadra pelo o marinheiro João Cândido em 1910*. 5ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009, p.198.

<sup>102</sup> Idem. *Ibidem*, p. 205.

comparecido à redação do jornal, questionando a informação, o que foi corrigido na edição seguinte.

Se ele sabia da publicação, por que omitiu esta informação a Morel? O próprio Morel testemunhou que João Cândido era possuidor de uma preciosa memória, que se recordava dos fatos com bastantes detalhes. No entanto, essa parte ele não contou, e o motivo que o levou a isso poderia ser esquecimento, ou então, ele poderia ter achado que Edmar Morel já possuía esta informação. O certo, é que não sabemos.

O que sabemos é que, ainda no Hospital dos Alienados, foi feita uma cópia a pedido do diretor da instituição, o psiquiatra Juliano Moreira, que um dia pretendia escrever um livro sobre a revolta dos marinheiros e, segundo Marco Morel, tal manuscrito teria passado por várias mãos.

Primeiramente pertenceu a Edgar Brasil, fotógrafo de cinema que pretendia realizar um filme sobre o assunto. Porém, ele morreu antes de realizá-lo. Então, a sua mãe doou o material a José Roberto Teixeira Leite, historiador e crítico de arte, que por sua vez, passou para Edgar de Castro Rebello, professor de direito constitucional, que veio a falecer, não deixando descendentes, e daí em diante, não se sabe o que ocorreu com esta cópia do manuscrito.<sup>103</sup>

Segundo o professor Teixeira Leite, o manuscrito ocupava “umas trinta ou mais folhas de papel almaço preenchido de ambos os lados à tinta e em letra graúda”. Entre os dados biográficos, constava que João Cândido nascera em Corrientes, Argentina – algo que o marujo sempre negou.<sup>104</sup>

A publicação das memórias de João Cândido na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro levanta a possibilidade da existência de uma segunda cópia do manuscrito, já que os originais, segundo João Cândido, foram destruídos. Ou, então, a versão de João Cândido é equívoca, e o manuscrito que os redatores da Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro tiveram em mãos eram os originais de João Cândido.

Sabe-se que os manuscritos que os redatores possuíam não eram os mesmos que foram copiados pelo psiquiatra Juliano Moreira, pois os redatores do jornal informaram que parte das memórias foram ditadas no Hospital dos Alienados e partes em outro hospital onde João Cândido ficou internado, depois que retornou à prisão da Ilha das Cobras. É possível, todavia, que esta informação, dada pelos redatores, pode também não ser verdadeira. Alguns jornais da

---

<sup>103</sup> MOREL, Edmar. *A Revolta da Chibata*: Subsídios para a história da sublevação na esquadra pelo o marinheiro João Cândido em 1910. 5ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009, p. 286.

<sup>104</sup> Idem. *Ibidem*, p. 286.

época em que João Cândido esteve internado no Hospital do Exército noticiaram ter enviado jornalistas para falar com ele e que o mesmo estava totalmente incomunicável.<sup>105</sup>

O fato é que João Cândido afirmou que todo o original foi destruído na Ilha das Cobras. Porém, nada impede que uma segunda cópia tenha sido feita antes da destruição dos originais, até porque era pouco provável que João Cândido entregasse os originais para os redatores. O mais provável é que fosse uma cópia. Ainda existe a possibilidade de que os originais não tenham sido destruídos, e sim tomados de João Cândido e que ele tenha presumido a sua destruição.

O grande problema é que João Cândido em nenhum momento afirmou que tenha ditado outras partes para alguém em outro hospital, embora se saiba que ele realmente ficou internado em dois outros hospitais depois que retornou à Ilha das Cobras.

Conforme ele afirmou a Edmar Morel, quando ocorreu o seu retorno à prisão, foi colocado em uma cela com infiltrações e foi-lhe suprimida uma refeição, o que fez com que ficasse doente, fato que motivou a sua internação no Hospital da Marinha. Depois, sem saber o motivo, foi removido para o Hospital do Exército, onde ficou por poucos dias.<sup>106</sup>

Então, ele realmente esteve internado nestes dois hospitais, e pode ter sido nestes espaços que ditou o restante de suas memórias para os redatores da Gazeta de Notícias. No entanto, não existe em nenhum lugar, até o momento, informações que venham a confirmar essa possibilidade.

Segundo o redator do mesmo jornal (08/01/1913), “a história estava e está escrita num caderno de almoço, com capa de papel escuro. É feita a lápis, dos dois lados. Pode ser vista por

---

<sup>105</sup> Entre o meio do ano de 1911 até o final da primeira metade do ano de 1912 vários jornais cariocas noticiaram a entrada e saída de João Cândido do Hospital do Exército, o que ocorreu diversas vezes, uma vez que estando lá internado ele era intimado a depor nas audiências do Superior Tribunal Militar, a qual estava respondendo processo. Os jornalistas acompanharam essas audiências e a transferência de João Cândido do referido hospital até a Ilha das Cobras. Ele era sempre acompanhado por uma escolta militar até a estação de trem de São Francisco Xavier, de trem seguia até a Central do Brasil, sempre escoltado e seguido pelos jornalistas atentos a todos os movimentos do marinheiro. Na Central, ele seguia a pé até a Ilha das Cobras. No caminho era sempre reconhecido pelos populares que formavam cortejo lhe seguindo. O jornal *A Noite* fez uma série de reportagens sobre o tema intitulada *A Odysséia de João Cândido*. Todos os jornais foram enfáticos ao afirmar que ele estava completamente incomunicável, nenhum jornalista conseguiu ter acesso a ele naquele hospital e nem no caminho que ele fazia dali até a referida ilha. Ver: *Diário de Notícias*. Os suplícios de João Cândido. 27 de fevereiro de 1912; *A Noite*. *A Odysséia de João Cândido*. 31 de julho de 1911, 04 de agosto 1911, 19 de dezembro de 1911, 26 de fevereiro de 1912; *Correio da Manhã*. João Cândido. 27 de fevereiro 1912 e 18 de março de 1912.

<sup>106</sup> MOREL, Edmar. *A Revolta da Chibata ...* Op. cit., p. 205.

quem quiser”. Ou seja, uma cópia redigida à tinta, outra a lápis, ambas desaparecidas sem deixar traços, até o momento.<sup>107</sup>

O redator em nenhum momento se identifica. No entanto, o pesquisador João Carlos Rodrigues afirma que foi João do Rio quem realizou a entrevista com João Cândido, o que é possível, pois ele era um dos principais redatores da Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro naquele momento. Na época, outro jornal, O Imparcial, acusou João do Rio de ser o verdadeiro autor das memórias. Portanto, elas seriam falsas.<sup>108</sup>

A autenticidade do documento foi bastante questionada, alegando-se que João Cândido fosse analfabeto. Ainda que isso fosse verdade, não interferiria na autenticidade do mesmo, uma vez que se sabe que o documento foi ditado, tanto quando ele estava no Hospital dos Alienados, quanto à suposta outra parte em outro hospital. No entanto, não é verdadeiro que ele fosse analfabeto, já que é de conhecimento que, enquanto esteve internado no Hospital dos Alienados, ele lia os jornais diariamente, hábito que carregou por toda a sua vida.

O marujo gaúcho falava bem espanhol e grego, além de ter noções de inglês e francês. O escritor João do Rio, depois de entrevistá-lo, ficou bem impressionado: “é um homem imensamente inteligente, com uma inteligência muito superior à de vários sujeitos que passam por notabilidade”. As supostas provas de seu analfabetismo são discutíveis. O fato de ser pobre e negro no período pós-abolição não o coloca automaticamente na condição de analfabeto, o que seria repetir surrados preconceitos. Quanto a ter assinado “a rogo” seu interrogatório no Conselho de Guerra ou ter ditado suas memórias no Hospital dos Alienados e na prisão, são gestos que indicam situações defensivas e de estresse combinadas com dificuldades motoras, pois a falangeta de seu dedo indicador direito fora decepada durante o serviço na Marinha. Edmar Morel testemunhou que a caligrafia do marujo era ruim e que o trauma no dedo o atrapalhava. Mas ainda assim João Cândido participou ao lado do escritor de noites de lançamento e um de seus autógrafos está guardado na Divisão de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional.<sup>109</sup>

Por tudo o que já foi apresentado, a autenticidade das suas memórias é digna de credibilidade, embora tenham sofrido algumas intervenções. Primeiramente, elas foram ditadas a outra pessoa, um paciente internado no Hospital dos Alienados, e supostamente ao redator que redigiu a segunda parte. Em segundo lugar, os redatores do jornal resumiram algumas partes, e como poderá ser verificado mais adiante, introduziram outras.

Em relação ao conteúdo, muitas partes são bastante similares a outros depoimentos de João Cândido e com testemunhos de outras pessoas. Suas memórias trazem uma série de

---

<sup>107</sup> MOREL, Edmar. *A Revolta da Chibata* ... Op. cit., p.287.

<sup>108</sup> Idem. *Ibidem*, p.329.

<sup>109</sup> Idem. *Ibidem*, p.329.

informações e apresentam grande riqueza de detalhes, embora algumas partes sejam divergentes, como por exemplo, a informação sobre o local de seu nascimento, que constava que fosse em Corrientes, Argentina. João Cândido, como já comentado sempre reivindicou a mudança.

Por que constava o local errado? Será que alguém mudou partes do conteúdo? No entanto, o mais curioso é que a cópia feita quando João Cândido ainda estava internado no Hospital dos Alienados, de acordo com o historiador e crítico de arte, José Roberto Teixeira Leite, que o possuiu, continha a mesma informação.

Existe ainda um segundo ponto divergente, que trata da forma como João Cândido se tornou líder da revolta. Segundo o texto das memórias publicadas na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, ele teria se escondido e, somente por pedido dos outros marinheiros, ele teria aceitado tal papel. Essa versão nunca foi confirmada por ele e foi desmentida por testemunhas do episódio. No entanto, também não deixa de ser curioso o fato de João Cândido não ter comparecido à redação do jornal novamente, como já havia feito anteriormente e desmentido tal versão.

O documento das suas memórias traz muitas informações sobre ele próprio, algumas inéditas. Infelizmente, o jornal está danificado em algumas partes, o que dificulta o entendimento da publicação, e algumas partes estão ilegíveis, o que faz com que algumas informações estejam incompletas.

Poderíamos dividir as memórias em duas partes: A primeira que vai do início da narração até o final do capítulo seis, excluindo-se os dois últimos parágrafos deste capítulo; a segunda parte, que se inicia no capítulo sete e prossegue até o fim da narrativa.

Na primeira parte possuem destaque as impressões do marinheiro João Cândido, suas aspirações e entendimento de mundo, suas visões sobre o Brasil, a Marinha e os marinheiros. Sua narração é nostálgica e evidencia sentimentos como o nacionalismo, o patriotismo e o militarismo. Os sujeitos das orações são predominantemente indeterminados.

Na segunda parte de suas memórias, a maneira de narrar muda. O conteúdo se torna predominantemente factual, e o ritmo da narrativa fica mais lento, o que antes era narrado entre anos e meses, passa a ser contado em dias, horas e minutos.

Já não é possível encontrar o marinheiro João Cândido com suas aspirações e sentimentos. E, ao analisarmos o conteúdo de sua factualidade, encontramos uma série de contradições que não nos levam a duvidar da veracidade dos fatos narrados, nos levam a duvidar da identidade de seu narrador, assim como de seu enquadramento como discurso de memória ou escrita de si.

A primeira publicação, a de 31 de dezembro de 1912, trouxe um resumo das suas memórias. Contudo, a partir do dia seguinte, foi modificado e passaram as memórias a serem publicadas na íntegra, por considerarem que assim seria mais interessante.

As memórias traziam informações sobre seu nascimento, como já mencionado antes. Afirmava que ele havia nascido em 24 de junho de 1882, na Argentina, na cidade de Corrientes, e que em 1889 emigrou para Santa Maria da Boca do Monte, tendo mais tarde ido morar na Vila do Rio Pardo, onde permaneceu até 1893, quando ocorreu a Revolução Federalista, na qual participou.

Depois da Revolução Federalista<sup>110</sup>, ele teria retornado para os seus pais, e tempos depois se mudou com sua família para Porto Alegre, onde foi entregue à família Resende. A razão de ter sido entregue para outra família não é apresentada e parte está ilegível. O texto segue afirmando que, em agosto de 1894, ele teria se alistado no Arsenal de Guerra daquela cidade, e o texto dá a entender que ele teria sido alistado por causa desta família ou, que esta família o teria obrigado a se alistar, ou ainda, que a família o teria entregado no referido Arsenal.

Em 31 de dezembro do mesmo ano, ele foi transferido para a Escola de Aprendizes de Marinheiros, começando sua vida na Marinha, que perduraria até 1912, quando após seu julgamento, foi excluído. Foram, portanto, praticamente dezoito anos de sua vida que dedicou à Marinha.

O texto segue informando sobre algumas viagens que ele realizou. A publicação traz a informação de que João Cândido embarcou, neste primeiro momento, em dois navios, o *Ondina* e o *Andrada*. No *Ondina*<sup>111</sup>, o comandante era o Capitão Joaquim Marques Leão, que na época

---

<sup>110</sup> A Revolução Federalista ocorreu na região sul do Brasil e envolveu questões políticas e econômicas particulares desta região, mas também se insere dentro do quadro de contestações ao governo de Floriano Peixoto. De um dos lados havia os revoltosos federalistas, também chamados de maragatos liderados por José Gaspar Silveira Martins, de outro lado estavam os republicanos apoiados pelo governo federal e liderados pelo presidente do estado do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos, estes eram chamados de pica-paus ou castilhistas. Aos revoltosos federalistas juntaram-se os revoltosos da Revolta da Armada de 1893, liderados pelo Almirante Custódio de Melo com a ajuda de Alexandrino de Alencar que apadrinharia João Cândido na Marinha. João Cândido lutou na Revolução Federalista ao lado dos republicanos legalistas comandados por Pinheiro Machado, que após a revolução se destacou nacionalmente tornando-se um dos políticos mais influentes do período e mais tarde teve um papel importante nas negociações entre o governo e os revoltosos da Revolta da Chibata. Portanto, a Revolução Federalista possui personagens em comum com a Revolta da Chibata, porém, desempenhando papéis diferentes.

<sup>111</sup> João Cândido nunca serviu no *Ondina*. O primeiro navio que ele embarcou foi o *Andrada*, como consta na cópia da sua Caderneta subsidiária do livro de Socorro pertencente ao Marinheiro Nacional da 16ª Companhia, 1ª classe, João Cândido, resumo de sua ficha (assentamentos) anexada ao processo dos Conselhos de Investigação e de Guerra, que se encontra no Arquivo Nacional (RJ), STM-BW, caixa 5479, doc. 2847, vol.2, pp.350-361. Consta



da Revolta da Chibata era o Ministro da Marinha. O outro navio, o Andrada, era comandado pelo Capitão Batista das Neves, que era o comandante do Minas Gerais na época da revolta, e foi morto por reagir aos revoltosos.

Como participante da tripulação do cruzador Andrada, ele participou da 1ª Divisão Naval de Apoio às Operações Militares de Canudos. Em 15 de setembro de 1897, partiu o Andrada para Santos, conduzindo os sobreviventes do corpo policial de São Paulo, em regresso de Canudos.

Em seguida foi o Andrada a Pernambuco buscar o 1º batalhão de Infantaria, mas ali chegando teve ordem de partir para o Ceará, a fim de receber a bordo os alunos da Escola Militar de Fortaleza que se tinham revoltado. Deixados os alunos militares em Pernambuco, teve ordem o Andrada de regressar a Bahia, onde chegou a três de julho. A 15 de setembro partiu o Andrada para Santos, conduzindo os sobreviventes do corpo policial de São Paulo, em regresso de Canudos. Por impossibilidade do momento, não pode o Andrada de cumprir ordem de [voltar à Bahia e voltou ao Rio [de Janeiro onde] chegou a 29 de [fim de frase ilegível] <sup>112</sup>

O final do texto, equivalente a alguns parágrafos, segundo Marco Morel, foi rasgado ou arrancado, o que impossibilita a sua consulta, e, portanto, não é possível obter a informação contida em seu conteúdo. Apenas o encontro dos manuscritos originais, em boas condições, dará acesso a estas informações.

No segundo dia de publicação, abandonado o resumo, passou a ser publicado o texto do marinheiro na sua totalidade. É claro que, como os próprios redatores salientaram, com algumas intervenções. O final da publicação trazia a informação de que João Cândido havia comparecido à sede do jornal para questionar o local de seu nascimento. O jornal, então, fez a retificação.

O marinheiro começa sua narração informando que no dia 27 de abril deixou o Paraguai, onde assistiu a toda a revolução. Embora não conste o ano, acredito que se trate da Revolução Paraguaia de 1904<sup>113</sup>, conhecida como a Revolução Liberal, pois começava o predomínio do partido liberal em detrimento do partido colorado. Em 13 de setembro de 1904, o Brasil enviou à Assunção a canhoneira Fernandes Vieira, que obedecendo a parâmetros da política externa do

---

no Livro *João Cândido* do jornalista Fernando Granato que João Cândido visitou o *Ondina* em 1893, quando tinha treze anos, que estava ancorado em Porto Alegre através do seu já protetor Alexandrino de Alencar.

<sup>112</sup> CÂNDIDO, João. Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade. In: MOREL, Edmar. A Revolta da Chibata: subsídios para a história da sublevação na esquadra pelo marinheiro João Cândido em 1910.p.292.

<sup>113</sup> Consta na cópia da sua Caderneta subsidiária do livro de Socorro pertencente ao Marinheiro Nacional da 16ª Companhia, 1ª classe, João Cândido, resumo de sua ficha (assentamentos) anexada ao processo dos Conselhos de Investigação e de Guerra, que se encontra no Arquivo Nacional (RJ), STM-BW, caixa 5479, doc. 2847, vol. 2, pp.350-361, que João Cândido esteve em Assunção no ano de 1904 a bordo do *Tiradentes*.

Barão do Rio Branco, deveria assistir o que estava acontecendo sem se intrometer, apenas impedindo que a capital paraguaia fosse bombardeada pelos revolucionários.

Em 27 de abril, deixei o Paraguai, onde assistira a toda à revolução. Deixei a capital da valente terra dos mais célebres caudilhos destes dias, com uma grande vontade de tornar a ver o meu Rio de Janeiro. Quanta saudade da minha pátria! Cheguei ao Rio alegríssimo, tendo ordem do Chefe do Estado-Maior da Armada para passar, a 14 de maio, a servir no comando geral das torpedeiras, embarcando no Bento Gonçalves.<sup>114</sup>

Esta informação se correta, e se tratando realmente de 1904, como tudo indica, apresenta uma lacuna na narrativa. No período de 1897 até 1904, não existe nenhuma informação sobre tal assunto em suas memórias. Os redatores podem ter suprimido esta parte ou as informações sobre este período poderiam estar no capítulo anterior, que foi resumido pelos redatores. Portanto, essas informações teriam sido descartadas, uma vez consideradas de pouca relevância. Ou ainda, poderiam estar na parte que foi rasgada ou talvez arrancada no final da publicação.

Comparando as informações até então presentes em sua memória com as informações constantes na cópia de sua caderneta, o período que está ausente em sua narrativa é o momento correspondente ao que João Cândido serviu no Riachuelo, de dezembro de 1897 até o início de 1903, no qual ficou cerca de cinco anos e o seu Comandante era o Almirante Alexandrino de Alencar. Mais o tempo em que foi instrutor da Escola de Aprendizes-Marinheiros de Pernambuco, e ainda, o tempo em que fez parte da Flotilha do Amazonas<sup>115</sup>. Curiosamente no mesmo período que o já referido Almirante Alexandrino foi nomeado Comandante da Divisão Naval do Norte<sup>116</sup>.

A narrativa continua em 1906, a bordo do navio Benjamim Constant. Este partiu rumo à Europa, comandado pelo Capitão-de-Fragata Pereira Lima. Pararam primeiramente na Bahia, depois aportaram, ainda, em São Vicente, Santos Antão e Açores. Passaram pela Inglaterra e aportaram em Antuérpia. Visitou Bruxelas, Amsterdã, Haia, Christania, Estocolmo, Copenhague, Kiel, Kronstadt, Havre e Cherburgo, Ferrol, Lisboa e rumaram de volta, passando por Fernando de Noronha, antes de retornar ao Rio de Janeiro.

---

<sup>114</sup> CÂNDIDO, João. *Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade*. Op. cit., p. 293.

<sup>115</sup> Cópia da sua Caderneta subsidiária do livro de Socorro pertencente ao Marinheiro Nacional da 16ª Companhia, 1º classe, João Cândido, resumo de sua ficha (assentamentos) anexada ao processo dos Conselhos de Investigação e de Guerra, que se encontra no Arquivo Nacional (RJ), STM-BW, caixa 5479, doc. 2847, vol. 2, pp.350-361.

<sup>116</sup> ALENCAR, Carlos Ramos de. *Alexandrino, o grande marinheiro*. Serviço de Documentação Geral da Marinha. Rio de Janeiro. 1989. P. 216.

O Benjamin Constant ia partir para o Mediterrâneo e o Mar do norte. Fui servir a bordo dele. Dentro de quatro meses, estaria a caminho do Velho Mundo. Projetava muitas coisas: uma viagem de trabalho, sim, mas com várias e boas compensações.<sup>117</sup>

Nesse relato, João Cândido deixou transparecer seus sentimentos em relação ao Brasil. Marinheiro, profundamente patriótico e nacionalista, deixou explícito o seu desejo de ver o país prosperar e crescer, deixando aflorar o orgulho de ser brasileiro. No entanto, se sentia profundamente insatisfeito por perceber que as suas expectativas não estavam sendo concretizadas e esperava que, em um futuro próximo, o seu desejo de ver o país prosperar fosse realizado.

Foram meses de muitas resoluções. Uma vez que me lembrava de continuar ali esperando outro dia de grandeza para o Brasil, em que eu, orgulhoso, trouxesse a farda da sua Marinha; outros momentos tinha eu de grande desânimo, cansado de esperar o que fora sempre o meu sonho. Chegou, entretanto, a época, o dia, em que não era possível mais irresoluções. Sufoquei os desânimos, as dúvidas, a lembrança das horas infelizes que passava. Não, o Brasil há de vencer! Muito em breve ele virá a ser poderoso, respeitado, sem receios de ataque a sua liberdade... ficarei, não me afastarei da sua armada, cujo futuro há de ser de muitas glórias.<sup>118</sup>

O sentimento em relação ao Brasil perdurou por toda a sua vida. Em muitos outros documentos fez-se presente. Em sua entrevista ao Museu da Imagem e do Som, de 1968, ou seja, mais de cinquenta anos depois, após ter sofrido muitas perseguições e decepções com o país, um ano antes de sua morte, permaneceu se posicionando da mesma maneira, orgulhoso da nação, desiludido com todos os problemas nacionais e profundamente esperançoso, acreditando que em um futuro próximo a realidade do país mudaria.

É preciso que trabalhemos muito, que haja muita união, parte com parte. Desapareçam as paixões, os espíritos de vinganças que hão de vir ou virão, é preciso que estejamos unidos para o futuro. Eu não, que eu estou no fim da vida, mas a rapaziada, a mocidade, os jovens de hoje. É preciso **compreenderem** que o Brasil não é só o Rio de Janeiro, o Brasil é dois mundos, é preciso trabalharmos para poder salvar, de futuro, a dignidade do Brasil.<sup>119</sup>

Quando estive na Europa, João Cândido admirava tudo aquilo que via. A geografia, a arquitetura moderna, as pessoas, os costumes, tudo lhe causava admiração. Ele estava excitado por estar no Velho Mundo. Porém, até mesmo nestes momentos, pensava no Rio de Janeiro, sentia falta da cidade que já havia adotado como sua, e comparava os lugares por onde passava com sua “cidade maravilhosa”, e lembrava com orgulho das reformas que ela estava passando,

<sup>117</sup> CÂNDIDO, João. *Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade*. Op. cit., p. 293.

<sup>118</sup> Idem. *Ibidem*, p.293

<sup>119</sup> Museu da Imagem e do Som. *João Cândido, o Almirante Negro*. Rio de Janeiro: Gryphus; Museu da Imagem e do Som, 1999, p.99.

da construção da nova avenida Central, a atual Rio Branco, e de como a cidade estava se modernizando. Comparava a modernidade e o progresso dessas cidades europeias, consideradas o berço da civilização, com a modernização que o Rio de Janeiro estava passando.

Tinha uma grande vontade de ir a Londres, mas não foi possível. Já não aconteceu o mesmo com Bruxelas e Haia. Ancorado o Benjamin no porto da Antuérpia (a bonita e movimentada Anvers dos belgas), visitei Bruxelas. Achei esta cidade muito linda, com palácios que desejava poder ver no meu Rio, quando estivesse de volta. A nossa avenida ia já muito adiantada. De Amsterdã, fui à Haia. Foi para mim uma nova impressão da vida a que me deu a capital holandesa. Tão esquisita, tão agradável aquela gente, aqueles moinhos, os canais cheios de velas e mastros em cruz! Gostei muito da Holanda.<sup>120</sup>

Embora fosse natural do Rio Grande do Sul, ele sempre considerou a cidade do Rio de Janeiro como a cidade do coração. Ele se identificava com ela. Possuía uma grande admiração pela mesma e era um grande conhecedor do Rio. Mesmo depois de ser excluído da Marinha, continuou vivendo no Rio de Janeiro. Na década de 30 acabou se mudando para São João de Meriti, na Baixada Fluminense. Porém, trabalhava todos os dias na Praça XV, no mercado de peixes. Sua admiração e conhecimento sobre a cidade ficam também bastante visíveis no depoimento concedido ao Museu da Imagem e do Som em 1968.

Cheguei aqui com 15 anos, estou com 88. Nestes 73 anos de permanência sou um histórico vivo da cidade do Rio de Janeiro. Conheço a vida nova e a velha, seus melhoramentos, seus sofrimentos, conheço suas festas, 73 dá bem para isso. Sou tricentenário no Rio de Janeiro. Em 1900 assisti ao quarto centenário do descobrimento. Em 1922 ao primeiro centenário da independência e agora, ultimamente e, ao quarto centenário da fundação. Eu conheço a cidade do Rio de Janeiro a fundo, a fundo, não aceito contestações. O carioca de hoje conhece quase só Copacabana, a super-cidade. Não se lembra que existe Gamboa, que existe Saúde, que existe Santo Cristo, que existe Dona Clara ainda com aspecto colonial, a não ser aquilo que já foi tomado pelo mar. E hoje o estrangeiro, o turista sai daqui só conhecendo Copacabana, que não tem condições de oferecer-lhe outra coisa só Copacabana, Brasília e essas coisas. As vielas estão aí, rua do ouvidor, o hospício, sete de setembro, essas são as antigas vielas do Rio de Janeiro. Estão aí, não apresentam coisa alguma hoje e, numa cidade da estatura do Rio de Janeiro, são vielas que estão aí. A Gamboa tem um aspecto colonial, a Saúde a mesma coisa, Santo Cristo a mesma coisa. De maneira que os cariocas só conhecem a zona sul, que eu conhecera mata virgem, virgem, virgem, com cabanas de pescador e roças, roceiros portugueses que plantavam lá e criavam porcos, cabritos, essas coisas. Vai-se mais depressa de ônibus daqui até São Paulo do que se vinha de Copacabana aqui antigamente, para chegar aqui no mercado.<sup>121</sup>

No trecho acima João Cândido deixou transparecer o período temporal de 73 (setenta e três) anos vividos na cidade do Rio de Janeiro. Esse tempo é, ao mesmo tempo, história e memória, pois conforme ele próprio diz “sou um histórico vivo da cidade do Rio de Janeiro”.

<sup>120</sup> CÂNDIDO, João. *Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade*. Op. cit., p. 294.

<sup>121</sup> Museu da Imagem e do Som. João Cândido, o Almirante Negro. Op. cit., p.99

Nesse período de tempo, ele pôde ver e viver a transformação da “velha cidade”, aquela cidade de ruas estreitas, becos e vielas, constituída por sobrados, na “nova cidade”, moderna, de largas avenidas e arranha-céus. Conforme as suas próprias palavras, ele presenciou “seus melhoramentos, seus sofrimentos”, bem como as suas festas e momentos comemorativos como o quarto centenário do descobrimento do Brasil (1900), o primeiro centenário da independência (1922), e o quarto centenário da cidade do Rio de Janeiro (1965). Essa vivência da cidade, que permitiu a construção de uma identidade com a mesma, possibilitou que o personagem a conhecesse “a fundo, a fundo, não aceito contestações”.

Ainda prosseguindo na análise do trecho citado, João Cândido destacou o Rio antigo, os lugares da cidade, bairros como Gamboa, Santo Cristo e Saúde, bairros da zona portuária, que tiveram grande importância para a cidade e com o passar do tempo foram esquecidos e abandonados. João Cândido contrapôs a este Rio antigo e memorial ao Rio moderno, da zona sul, como Copacabana. Somente uma pessoa que viveu tantos anos na cidade conseguiria compreender essas transformações de maneira tão clara através da vivência.

Para ele, o Rio e os cariocas precisam valorizar estes locais e bairros que embora esquecidos, apresentavam grande importância histórica. Apresentar para os moradores da cidade e também para o turista somente os bairros novos, bairros da zona sul, é de grande pobreza, pois são nas “antigas vielas do Rio de Janeiro” que estão preservadas a memória e a história da cidade do Rio de Janeiro.

O amor e a admiração de João Cândido pelo Rio de Janeiro e pelo Brasil, o amor à pátria, pode ser comprovado em diversas outras passagens de suas memórias. Nestas, ele demonstrou que a vida de um homem do mar, ao mesmo tempo em que é cheia de emoções e aventuras, permitindo que se conheçam muitos outros lugares, muitas pessoas, também é uma vida triste por estar sempre longe de sua casa, da sua família e da sua terra. Assim deixou transparecer as dificuldades que tinha para equilibrar a sua vida de marujo com aquela que levava em sua cidade.

A 10 de maio, comandados pelo Capitão de Fragata Pereira Lima, levantamos ancoras. Vimos o Rio fugir atrás de nós. É muito bom gozar a vista de outras grandes cidades, na Inglaterra, na França, na Itália...Ah! Mas quando se vê a terra em que nascemos desaparecer à popa do navio que nos leva, não há senão lugar no nosso coração para a dor de deixa-la!<sup>122</sup>

---

<sup>122</sup> CÂNDIDO, João. Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade. Op. cit., p. 293..

O retorno à sua terra natal, à sua pátria, desperta nele um sentimento de grande alegria, se opondo totalmente ao momento da partida, um momento de dor, e a admiração pela cidade se torna maior à medida que os seus olhos contemplam as primeiras imagens da sua terra.

Mas deixamos a ilha. Sulcamos, outra vez, o Atlântico. Poucos dias depois, e o Rio, o Rio com as grandezas novas do seu progresso, o Rio que eu adoro, com a Beira mar, a Central, a Atlântica. E foi, fremente de prazer, sorrindo sem cessar, boquiaberto de saudade satisfeita, que vi aparecer a Rasa, o Pão de Açúcar, a Santa Cruz, Villegaignon, o meu Rio inteiro, sete meses após tê-lo deixado em direção a Europa.<sup>123</sup>

O terceiro capítulo da publicação continua a narração com os acontecimentos de 1907, quando João Cândido foi designado para realizar duas viagens de instrução. Uma até Santa Catarina, e a outra, até Natal. Nesta última viagem, quando esteve no Recife, foi designado para outro navio, o Primeiro de Março, um navio escola, onde foi instrutor. Depois retornou ao Rio de Janeiro, onde ficou até 1908.

Durante a viagem de instrução à Santa Catarina, João Cândido nos fornece um depoimento de como era a vida de um marinheiro, e as diferenças entre marinheiros e oficiais, o tipo de tratamento dado a cada um deles, e o divertimento que cada um dos dois grupos desfrutava. Tal constatação deixa transparecer as hierarquias e as distinções dentro da Marinha:

Essas viagens aos belos portos do pequeno Estado do sul são sempre cheias de incidentes mais ou menos agradáveis, embora fatigantes, pelos muitos serviços a fazer-se. Em Florianópolis, a pitoresca e hospitaleira capital catarinense, pátria de marinheiros valentes e hábeis, nunca chegamos sem festejos e manifestações de simpatia. Acho a terra e a gente de Santa Catarina adorável. Ainda que os bailes e piqueniques, ali, sejam para a oficialidade, nós passamos muito bem e alegres em contato com os catarinenses, cujos olhos serão sempre voltados com amor para o mar e os marujos...<sup>124</sup>

Quando estava de serviço no Rio de Janeiro, a esquadra americana do Almirante Evans aportou na cidade. Esta esquadra causou, segundo João Cândido, uma grande admiração nele e em seus colegas marinheiros, pela sua grandiosidade e por ter navios tão novos e modernos, bem diferente da frota da Marinha Brasileira, composta de navios antigos e sem poder de fogo significativo.<sup>125</sup>

---

<sup>123</sup> Idem. Ibidem, p. 294.

<sup>124</sup> CÂNDIDO, João. Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade. Op. cit., 295.

<sup>125</sup> No início do século XX, o Brasil possuía uma Marinha mal equipada. O mundo havia passado por uma série de avanços tecnológicos que se refletiam nas principais marinhas do mundo, o que não havia ocorrido com o Brasil até aquele momento. Os navios brasileiros ainda tinham cascos de madeira e eram movidos a vela. Essas características os tornavam bastante vulneráveis. Navios de madeira eram facilmente destruídos por tiros de canhões e navios a vela alcançavam baixas velocidades. Nesta época, surgem os navios com couraças de metal, os chamados encouraçados, e movidos a vapor, e ainda, possuíam um poder de fogo muito maior do que os anteriores.

A entrada na Baía da Guanabara da esquadra do Almirante Evans despertou em João Cândido, novamente, o sentimento de ver o Brasil progredir com uma Marinha forte, que fosse respeitada. Contudo, a entrada daquela poderosa esquadra americana só o fazia perceber a disparidade que existia entre os dois países.

Um dia, assisti encantado, cheio de entusiasmo, á entrada da esquadra americana do almirante Evans, nas águas da Guanabara. Ainda era janeiro. Quem não se recordará dessa tarde! Para todos os que tiveram ocasião de ver a majestade orgulhosa e brilhante daqueles navios, quanto foi linda e emocionante àquela hora vespéral! De bordo do meu navio, fremido de alegria, eu vi a marcha das unidades americanas. Não invejei os marinheiros da grande nação porque era brasileiro. Mas não me recorde mesmo se cheguei a sentir a diferença entre nós e eles, os guiadores daquelas naus formidáveis. No momento em que o Connecticut avançava, encabeçando a linha irrepreensível da esquadra a mover-se, experimentei apenas a vontade de ver o meu querido e nobre país com igual grandeza e glória que a dos que viajavam às ordens do Almirante Evans. Possível, eu não sabia dizer a mim mesmo, naquela hora, mas bem o queria o meu patriotismo. Durante alguns dias, a nossa preocupação foi a grande esquadra. Nada mais nos foi dado fazer do que admirar o poder naval dos americanos, atestado naqueles navios muito poderosos e bem conhecidos das guarnições.<sup>126</sup>

Ao admirar a incrível esquadra, João Cândido e seus companheiros se davam conta da superioridade americana que desfilava diante dos seus olhos. Como marinheiro brasileiro, percebia claramente a disparidade entre os dois países, que não era apenas em termos de forças armadas, mas que ficava ainda mais evidente diante daqueles navios.

A grande admiração de João Cândido e dos demais marinheiros e o sentimento de superioridade da esquadra americana só eram desvanecidos quando eles se recordavam dos navios Brasileiros que estavam em construção na Inglaterra a pedido do governo Brasileiro, elementos importantes da modernização da Marinha nacional.

Tínhamos nos estaleiros ingleses, a construir-se, as unidades que o Almirante Alexandrino<sup>127</sup> planejara e mandara executar: o Minas Gerais, o São Paulo, o Rio de Janeiro, os Scouts, os Destroieres...<sup>128</sup>

A modernização começava a chegar na Marinha. Durante o governo do presidente Rodrigues Alves, em 1904, foi aprovado um programa de reequipamento das Forças Armadas

---

Eles vão dominar as guerras marítimas até a Segunda Guerra Mundial. Ver: CESAR, Willian Carmo. *A era dos grandes encouraçados*. Revista Villegagnon. Ano V, nº5, 2010. P. 22-26.

<sup>126</sup> CÂNDIDO, João. *Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade*. Op. cit., p. 295.

<sup>127</sup> NETO, José Miguel Arias. A Marinha Brasileira no início do século XX: tecnologia e política. Revista Antíteses, v. 7, nº 13, 2014. p.84.

<sup>128</sup> CÂNDIDO, João. *Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade*. Op. cit., p. 296.

Brasileiras, pois após a Guerra do Paraguai. O Brasil não investiu no reaparelhamento da frota de guerra e, conseqüentemente, a Marinha estava praticamente abandonada.

Quando em 1905, o Brasil ficou impotente no Caso Panther<sup>129</sup>, a fragilidade da Marinha veio à tona. Devido às precárias condições da Marinha Brasileira, o caso acabou sendo resolvido pela diplomacia. Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores do Brasil, exigiu desculpas do governo alemão, que o concedeu, assim ficando resolvida a situação<sup>130</sup>.

O programa de reequipamento das Forças Armadas Brasileiras foi elaborado pelo Almirante Júlio de Noronha, Ministro da Marinha de Rodrigues Alves. Foi apresentado como projeto de lei ao Congresso Nacional e aprovado em 14 de dezembro de 1904.

O projeto de lei autorizava o governo brasileiro a encomendar três navios encouraçados, pesando entre 12500 a 13000 toneladas de deslocamento, do tipo Dreadnought, belonaves de pesada couraça e canhões de grosso calibre, que eram os navios mais poderosos da época. E ainda, a encomenda de três cruzadores encouraçados de 9200 a 9500 toneladas de deslocamento, seis contratorpedeiros de 400 toneladas, seis torpedeiros de 130 toneladas, seis torpedeiros de 50 toneladas, três submarinos e um transporte para carregar 6000 toneladas de carvão<sup>131</sup>.

O programa de reequipamento só foi implementado em 1906, já no governo do presidente Afonso Pena, que o ampliou por meio do Decreto nº1563, de 23 de novembro de 1906. O governo determinou que a capacidade de deslocamento dos encouraçados e dos contratorpedeiros fosse aumentada, enquanto os cruzadores encouraçados deveriam ser substituídos por extra rápidos.

É aprovado o plano de 1904, logo alterado em 1906, pelo qual se vê o Brasil de posse de uma possante esquadra. Coincidia essa nova política marítima com as ideias de modernização e de fortalecimento das forças armadas Brasileiras sustentadas pelo Barão do Rio Branco, ministro das relações exteriores.<sup>132</sup>

---

<sup>129</sup> Uma canhoneira alemã enviou para terra um grupo de marinheiros, em Santa Catarina, para prender um desertor que havia abandonado o navio alemão sem autorização do governo brasileiro. A soberania brasileira foi abalada, porém o que em um outro momento seria resolvido pelo poder de fogo da Marinha Brasileira teve que ser resolvido pelo Ministério das Relações Exteriores, pois o Brasil não tinha condições militares de enfrentar a Marinha Alemã.

<sup>130</sup> PEIXOTO, Renato Amado. “Depois aconteça o que acontecer”: por uma rediscussão do caso Panther e da política externa de Rio Branco. *Rev. Bras. Polit. Int.* 54 (1): 2011. p. 44-66.

<sup>131</sup> NETO, José Miguel Arias. A Marinha Brasileira no início do século XX: tecnologia e política. *Revista Antíteses*, v. 7, nº 13, 2014. p.84.

<sup>132</sup> MOREL, Edmar. *A Revolta da Chibata...* Op. cit., p. 32.



O governo Brasileiro realizou as encomendas aos Vickers-Armstrong, fabricantes de Newcastle, Inglaterra. E assim, o Brasil ganhava uma posição de destaque internacional. O país se tornava a terceira potência naval do mundo, e até mesmo a Inglaterra, a dona da maior e mais tradicional Marinha do mundo, só possuía um navio Dreadnought, e o Brasil estava adquirindo três.

Muitos marinheiros acompanharam a construção destes navios na Inglaterra, recebendo treinamento para operá-los. E, quando os navios aportaram na Baía de Guanabara, muitos foram observá-los, sendo um marco para a época.

Ao analisarmos as memórias de João Cândido percebemos que ele e os demais marinheiros consideravam a compra da nova esquadra com uma possibilidade de ver o Brasil com uma Marinha respeitada, de grande porte. Eles queriam servir ao Brasil, mas queriam ser respeitados entre os demais da profissão, entre os marinheiros de outras nacionalidades. Embora a compra da nova esquadra representasse a possibilidade da realização dos seus desejos, eles também possuíam críticas à situação do país. Eles tinham suas próprias ideias de como esses problemas deveriam ser resolvidos.

Ao analisar a esquadra americana e pensar sobre a construção dos navios brasileiros nos estaleiros ingleses, João Cândido ponderava:

Orgulho também pra nós? Entretanto, o que via à minha frente, todos os dias, era a obra forte do prestígio de um povo que preparara, ele próprio, essa obra e esse prestígio. Os meus companheiros pensavam como eu. Conversávamos muitíssimo sobre isso.  
 \_\_\_ se aquilo fosse da gente? ...  
 \_\_\_ quem sabe? ... Um dia...  
 \_\_\_ então é melhor começar pelo começo... Primeiro, os arsenais...  
 E é verdade. Nós precisamos dos nossos arsenais. A nossa obra deve ser mesmo nossa. Fazendo os nossos navios é que nós chegaremos a fazer uma Marinha que sirva aos interesses da nossa pátria.<sup>133</sup>

Diante da presença da esquadra americana comandada pelo almirante Evans, João Cândido e seus companheiros constataram que, ainda que o Brasil tivesse uma esquadra como aquela que estava sendo construída na Inglaterra naquele momento, ainda assim o Brasil não seria como os Estados Unidos, e nem a Marinha Brasileira como a Marinha Americana, uma vez que os americanos construíam seus próprios navios, enquanto que o Brasil os tinha encomendados a outro país. Ele entendia que para ter um país e uma Marinha forte de verdade era necessário investir nos arsenais, era necessário que os navios Brasileiros fossem construídos

<sup>133</sup> CÂNDIDO, João. *Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade*. Op. cit., p. 296.

no Brasil, fossem construídos por brasileiros. Eles entendiam que um país forte tinha que possuir sua própria indústria naval.

Portanto, a visão que ele tinha de modernização e desenvolvimento do Brasil passava obrigatoriamente pela formação de uma indústria naval nacional, que tiraria o Brasil da dependência de outras nações, constituindo uma verdadeira soberania. Segundo suas memórias, os companheiros marinheiros também compartilhavam dessas mesmas ideias. Isso era algo que era discutido entre eles e compreendido como fundamental para o Brasil.

Naquele mesmo ano de 1908, novamente João Cândido e seus companheiros marinheiros tiveram a oportunidade de demonstrar seus profundos desejos de ver o Brasil respeitado pelos demais países, quando, estando eles em Santa Catarina, a bordo do Primeiro de Março, foi incumbido a este navio guardar o navio argentino, São Lorenzo, que havia colocado o vapor Brasileiro, Guasca, que carregava madeira, por acidente, a pique, provocando dezenas de mortes. Os marinheiros não se conformavam e nutriam o desejo de bombardear o navio argentino assim que tivessem oportunidade, mesmo se tratando de um navio da Marinha Mercante.

Aí passei ao meu navio. Assisti a fatos muito engraçados e curiosos, que se davam por causa da missão de vigilância que fora dada ao nosso barco. Os marinheiros estavam alegríssimos de terem canhões assestados para um navio estrangeiro, ainda que mercante, porque o desejo deles era uma sarrafascada com as bocas de fogo... Recordo-me de que, a toda hora, havia um que via... O São Lorenzo a movimentar-se. Corria logo aos oficiais, perguntando se não mandava um “cartão”, isto é, se não atirava sobre o navio, que provavelmente queria fugir... Patriotismo, vontade de aproveitar qualquer ocasião em que se pusesse à prova o nosso valor contra os que nos hostilizam, nunca faltou no seio da pobre e heroica Marinhagem do Brasil.<sup>134</sup>

Em 1909, João Cândido embarcou novamente no Benjamin Constant, realizou uma viagem a Montevideú, e no retorno ao Rio de Janeiro, o navio recebeu ordem de uma nova viagem, dessa vez para a Europa. João Cândido permaneceria na Inglaterra acompanhando os últimos momentos da construção do navio Brasileiro, o Minas Gerais. João Cândido também faria parte da guarnição deste navio.

O quarto capítulo de suas memórias narra sua viagem até a Europa, a bordo do Benjamin Constant, o tempo em que ele esteve em New Castle, e a viagem de retorno. Partiram do Rio de Janeiro no dia 30 de julho de 1909, e chegaram no dia 28 de setembro no porto de Plymouth, na Inglaterra. Seguiram viagem em direção à Escócia e à Irlanda, aportando no dia 7 de outubro em Grenoch. Após seguirem viagem, eles chegaram no dia 14 de outubro em New Castle, local da construção dos novos navios Brasileiros.

<sup>134</sup> CÂNDIDO, João. *Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade*. Op. cit., p. 297.

Permaneceram em New Castle por algum tempo. No dia 31 de outubro seguiram para Toulon, passaram por Portland e, em 15 de novembro, chegaram ao Tejo. Depois de deixar o Tejo, seguiram de volta a Toulon, aonde chegaram em 24 de novembro. Nesta cidade, João Cândido recebeu baixa do navio do qual fazia parte para seguir por terra até a Inglaterra, para então acompanhar os últimos preparativos da construção do Minas Gerais.

Por terra, através de um trem, ele seguiu de Toulon até Calais, passando por Marselha, São Quintino, Massou, Dijon e Paris. De Calais, ele embarcou em um navio a vapor até a Inglaterra, aonde chegou em 26 de novembro e pegou um trem até New Castle. João Cândido ficou na Inglaterra aguardando a construção do navio de 26 de novembro de 1909 até cinco de janeiro de 1910, ano da Revolta da Chibata. Portanto, ele permaneceu na Inglaterra 40 (quarenta) dias. No total, ficou muitos meses fora do Brasil, e nesse tempo viu muitas coisas, conheceu novos lugares e se impressionou com muitas outras novidades. Os relatos sobre as suas impressões dos lugares por onde passou são riquíssimos.

Suas viagens permitiram que ele tivesse contato com diferentes povos e diferentes culturas, fizeram com que ele percebesse os contrastes e diferenças entre esses povos e entendesse um pouco melhor o seu próprio país e sua própria cultura. Essas viagens marcaram João Cândido profundamente na medida em que através delas, ele percebeu a disparidade entre a Marinha do Brasil e as demais marinhas, entre os marinheiros brasileiros e os demais marinheiros.

Para ele, a Inglaterra era impressionante, e o que mais o impressionava nos ingleses era a sua ligação com o mar, sua Marinha tão poderosa e temida, o respeito que os ingleses possuíam com aqueles que trabalhavam no mar.

Como me agradava o contato da terra de Nelson! Sempre tive uma grande admiração pelos ingleses. O Benjamin, naquele dia, lançara ferro nas águas de um país que me atraiu em toda a minha vida sedutoramente. Ah! Quanto é surpreendente e encantador o culto inglês pelo mar, pelos que levam a vida dura e custosa das lutas com o oceano![...].<sup>135</sup>

O trecho apresentado acima é respectivo, no texto, ao momento em que o Benjamin Constant ancorou em New Castle. No entanto, temos que ter em mente que a narrativa dele, como um todo, foi feita posteriormente, quando ele estava já no Brasil, depois da revolta. Logo, a sua percepção sobre o assunto é a do momento em que ele narra a história e não a que ele tinha no momento real do acontecimento, ou seja, a sua percepção sobre a Inglaterra no momento da narração é um somatório de tudo o que ele viu, ouviu e viveu, de todas as ocasiões em que lá ele

---

<sup>135</sup> CÂNDIDO, João. *Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade*. Op. cit., p. 298.

esteve, até aquele momento em que ele está narrando. Portanto, englobam-se aí os 40 (quarenta) dias que em ele esteve aguardando a construção do Minas Gerais.

Ele passou por outros lugares e os mesmos também causaram nele outras impressões, como no caso dos portugueses. Ele os considerava bastante cordiais e amáveis, admirava especialmente a Família Real Portuguesa, e ainda mais, sua rainha, D. Amélia, a quem ele atribuía a característica de grande admiradora dos marinheiros Brasileiros.

Os portugueses receberam-nos com grande júbilo e cordialidade. Lisboa foi sempre grande acolhedora da nossa Marinhagem. Mesmo a família real era a mais empenhada em que o Brasil fosse festejado e honrado em terra portuguesa. Os reis e os príncipes vinham sempre a bordo, quando lá íamos. A rainha d. Amélia, a grande soberana, cujas virtudes, nós admirávamos muito, era uma sincera e entusiástica amiga dos marinheiros Brasileiros. Uma vez no Benjamin, esteve muito tempo a ver-nos dançar o nosso “maxixe”. Sua majestade nos aplaudiu-o e nos elogiou alegríssima, procurando que compreendêssemos bem a sua satisfação de ter um momento de permanência no belo barco da nossa pátria.<sup>136</sup>

Da França, ele também trouxe boas recordações, embora o seu conhecimento sobre este país tenha sido bastante restrito, uma vez que ele passou rapidamente por ali. Ainda assim, ele se impressionou bastante, e confirmou o que todos diziam no Brasil sobre este país, possuidor de uma bela civilização, mostrando dessa maneira que estava bastante inteirado sobre o discurso da época. O Brasil se inspirava na França, reconhecida como o berço da civilização, e todos a viam como o grande modelo a ser seguido, modelo de civilização e modernidade.

Eu atravessaria a França, do Toulon a Calais. Meti-me, numa manhã, num trem expresso, passando por Marselha. S. Quintino, Massou, Dijon e Paris. Vi, num relance, a bela e valorosa terra da França, tão adorada de todos os brasileiros. Na corrida em que a atravessei, senti, entretanto, um enorme prazer, uma alegria imensa. Como é deliciosa a França, com o inigualável encanto da sua vida, da sua civilização e da sua história cheia de heróis!<sup>137</sup>

Na virada do século XIX para o XX, o Brasil passou por uma série de transformações em decorrência da chegada de ideias de modernidade. A confiança na razão, na ciência e no progresso da humanidade, e a crença em determinados valores civilizacionais, Segundo Hobsbawn:

O mundo estava dividido entre uma parte menor, onde o “progresso” nascera, e outras, muito maior, aonde chegava como que conquistador estrangeiro, ajudado por minorias de colaboradores locais.<sup>138</sup>

<sup>136</sup> CÂNDIDO, João. *Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade*. Op. cit., p. 298.

<sup>137</sup> Idem. *Ibidem*, p. 298.

<sup>138</sup> HOBBSAWN, E. *A era dos Impérios*. São Paulo: Paz e terra, 1988, p 35

O início do século XX foi um momento de grande crença na prosperidade do mundo, de uma profunda esperança que o futuro seria glorioso, o que era impulsionado pelo avanço da ciência e pelo desenvolvimento de novas tecnologias. Esse período ficou conhecido com a designação de Belle Époque. A ideia de que a modernidade era a grande promessa, e que ela estava chegando em todos os lugares do mundo.

No Brasil não foi diferente. O governo brasileiro, a República, tratou de acelerar a sua modernização.<sup>139</sup> A própria ideia de uma República em oposição ao Império já era pregada e vista como algo moderno. A República era o símbolo da modernização. Havia na sociedade brasileira daquele momento um profundo desejo de fazer parte desta modernidade.

O suposto é que a República representava a modernidade que se instalava no país, tirando-o da “letargia da monarquia” ou da “barbárie da escravidão”. Uma verdadeira batalha simbólica é então travada, quando nomes, hinos, bandeiras, heróis e modelos são substituídos (ou alterados os seus significados), com o intuito de marcar a diferença.<sup>140</sup>

Em 1888, ocorreu a abolição da escravidão e no ano seguinte, a proclamação da República. A República foi uma patrocinadora fiel da modernização, que pode ser entendida também como uma europeização, ligada à ideia de que o Brasil deveria “civilizar-se”. O início do século XX foi marcado pela chegada dos automóveis, pela construção de estradas, a chegada dos imigrantes, que provocariam o embranquecimento da população. Estas novidades, segundo o pensamento corrente na época, eram sinônimo da chegada da modernidade.

A imprensa se tornava mais presente na vida das pessoas. Diversos jornais e revistas foram lançados e, no Rio de Janeiro, a capital federal, podia-se sentir tudo isso de maneira mais intensa. Destacaram-se as revistas semanais: Revista da Semana (1900), O Malho (1902), Kosmos (1904), Fon-Fon (1907) e Careta (1908).

A historiadora Margarida de Souza Neves destaca como a virada do século XIX para o XX no Brasil destacou-se justamente pelas contradições entre um mundo de novidades, no qual o novo era glorificado em contraste com um país de grandes desigualdades, de práticas políticas arcaicas, de ideologias conservadoras<sup>141</sup>.

<sup>139</sup> NEVES, Margarida de Souza. *Brasil acertai vossos ponteiros*. Rio de Janeiro: MAST, 1991.

<sup>140</sup> COSTA, Ângela Marques da. *1890-1914: no tempo das certezas*. Op. Cit., p 27.

<sup>141</sup> Se por um lado parte da população compartilhava das ideias da modernidade e para elas o futuro parecia promissor, para a grande maioria da população, composta por negros, mestiços e imigrantes, a situação era diferente, pois as precárias condições de vida que dispunham fazia com que estes fossem os excluídos dessa modernidade. Para a República modernizar, significava civilizar e passava rigorosamente pela exclusão, pelo autoritarismo e por medidas disciplinares. Se o avanço da ciência proporcionou uma gama imensa de invenções e avanços não pode-se deixar de lado que esta mesma ciência pregava o racismo científico, o que atrelado a herança

Finalmente, o Rio de Janeiro da virada do século, mesmo longe de ser a cidade burguesa e moderna que alguns imaginavam, representa a alegoria do “discurso do novo” na Primeira República: uma “novidade” que não é senão a fachada das velhas práticas políticas, dos velhos compromissos, dos velhos interesses dominantes. Simulacro do moderno, como as fachadas da Avenida Central, o Rio reconstruído física e ideologicamente tem a função capital de legitimar para o país e para o mundo a República Velha.<sup>142</sup>

A cidade do Rio de Janeiro é o centro dessas transformações. Entre os anos de 1903 e 1906, a cidade passou por uma reforma urbanística nos moldes daquela ocorrida anos antes em Paris. A cidade foi remodelada através da política do “Bota a baixo”, em que prédios “velhos” e cortiços foram demolidos visando à modernização. Esta última passava também pelo combate às constantes epidemias de diversas doenças, que assolavam a cidade e o Brasil como um todo, tais como a febre amarela e a varíola. Essas epidemias excluía o Brasil do rol dos países ditos civilizados. Portanto, várias medidas foram tomadas para acabar com estas doenças, primeiramente na cidade do Rio de Janeiro e, posteriormente outros centros, de 1907 a 1913.

Neste momento, o Instituto Oswaldo Cruz realizou diversas viagens científicas ao interior do Brasil com o intuito de levar para estes locais a saúde do litoral<sup>143</sup>. Estas expedições chegaram a locais como o interior paulista, Minas Gerais, Bahia, na região do vale do rio São Francisco e do Tocantins; além do sertão nordestino, regiões de difícil acesso na época; até mesmo a Amazônia. Assim, Oswaldo Cruz e sua equipe conseguiram a erradicação da febre amarela de todo o território nacional<sup>144</sup>.

A própria reforma da Marinha, com a encomenda de novos navios de guerra, estava inserida neste contexto de modernização, em que subjaz a ideia de que o Brasil deveria se tornar uma nação moderna e respeitada internacionalmente. O país deveria ser visto pelos demais países como civilizado. Foi dentro desta perspectiva, que o Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores, foi um grande defensor da modernização da Marinha. Além de que, nesse

---

da escravidão, que a bem pouco tempo ainda estava presente, fez com que a população de ex-escravos estivesse cada vez mais a margem desta modernização. Assim grande parcela da população, durante a Primeira República esteve não apenas excluída, tanto socialmente como politicamente, excluída da modernidade, como eram vistos e tratados como um obstáculo a essa modernização, obstáculo este que deveria ser transposto.

<sup>142</sup> NEVES, Margarida de Souza. *Brasil acertai vossos ponteiros*. Op. Cit., p. 65.

<sup>143</sup> LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1999, p. 65.

<sup>144</sup> LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1999. p. 65.



A posição de destaque internacional do Brasil em decorrência da compra da nova esquadra chamou a atenção de alguns vizinhos, como a Argentina que se viu ameaçada pela nova força naval brasileira, fato que rendeu para o nosso país mais algumas negociações diplomáticas. Por fim, o Brasil só pôde ficar com dois Dreadnoughts, sendo o terceiro vendido à Turquia. O navio se chamava Rio de Janeiro, e mais tarde, em 1914, na Primeira Guerra Mundial, foi apresado pelos Ingleses, participando de diversas batalhas.<sup>148</sup>

Ainda assim, o Brasil continuava de posse de uma grande frota naval de guerra, o que era um verdadeiro espetáculo para a época, e sua esquadra ficou conhecida como “Esquadra Branca”, composta pelos dois encouraçados Minas Gerais e São Paulo, e ainda muitos outros navios.

Tive também as minhas horas de tristeza, vendo falar comumente que os navios seriam vendidos a uma nação estrangeira. Na Europa chegava-se a acreditar na possibilidade daqueles navios poderem ser de todo o mundo, menos da Turquia, menos do Brasil. Era bem aborrecido e humilhante ouvirem-se coisas como essas. Eu, no entanto, e todos os meus camaradas não críamos que nosso governo nos fizesse tão brutal surpresa. Era impossível o nosso país continuar com o Riachuelo à frente da sua Marinha. Não, ninguém podia tirar-nos esse direito, que já era nosso [ilegível] pelo atlântico [ilegível] aqueles navios, [ilegível] o dia em que soubemos da sua encomenda e começo de construção.<sup>149</sup>

O Minas Gerais deixou Newcastle no dia 5 de janeiro de 1910 rumo aos Estados Unidos. Antes mesmo de ir ao Brasil, ele já tinha sua primeira missão: ir aos Estados Unidos, acompanhar o navio americano North Carolina, que trazia o corpo embalsamado de Joaquim Nabuco, embaixador Brasileiro em Washington. O Minas Gerais passou por Plymouth no dia sete, e então seguiu pelo Atlântico. Depois de lutar contra tempestades severas, parou nos Açores por vários dias, chegando em Norfolk, apenas em quatro de março.

Naquela ocasião, todo o entusiasmo de João Cândido e suas expectativas em relação à nova esquadra Brasileira parecia ter se concretizado, uma vez que ao chegar aos Estados Unidos percebeu que os marinheiros americanos olhavam com admiração o Minas Gerais, e mais uma vez, o marinheiro expressou em suas memórias seu patriotismo profundo. Foi o momento em que o “coração de marujo do Brasil” extravasou de felicidade, em função do reconhecimento e respeito pela frota naval brasileira por colegas marujos da terra do tio Sam:

---

<sup>148</sup> ALENCAR, Carlos Ramos de. *Alexandrino, o grande Marinheiro(1848/1926): a vida do Almirante Alexandrino de Alencar à luz de documentos históricos e de outros, inéditos, pertencentes ao arquivo particular da família*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1989.

<sup>149</sup> CÂNDIDO, João. *Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade*. Op. cit., p. 299.



A nossa missão nos Estados Unidos era de sair dali com o North Carolina, que transportaria ao nosso país o corpo embalsamado do grande embaixador brasileiro em Washington, Dr. Joaquim Nabuco. Quando chegamos em Norfolk, o couraçado americano já estava pronto para partir. Tive, porém, ocasião de ver que o tempo que passamos neste porto fora suficiente para que eu sentisse nos americanos a mesma admiração pelo Minas, que eu tivera pelo Connecticut e demais navios da esquadra do Almirante Evans. Ah! Estava bem pago! O meu coração de marujo do Brasil sentiu feliz, muito feliz![...].<sup>150</sup>

Na viagem de retorno, desta vez rumo ao Brasil, João Cândido recebeu a honra de ser escolhido para representar Netuno, na tradicional cerimônia de batismo, enquanto passavam a linha do equador. Reza a tradição que, toda vez que um barco passa pela linha do equador, ele deve pedir consentimento a Netuno, deus dos mares, e, em um navio de guerra, os que nunca fizeram esta travessia devem ser batizados.

Tudo consiste em um ritual em que cada marinheiro se fantasia e se transforma em um personagem. Para representar Netuno, geralmente é escolhido o marinheiro mais experiente, que recebe simbolicamente das mãos do comandante o comando do navio. Os marinheiros que devem ser batizados geralmente têm que realizar alguma prova, serve como uma espécie de ritual de passagem. Esta é uma cerimônia antiga, de origem europeia, e realizada entre marinheiros de várias nacionalidades. Na Marinha Brasileira, esta cerimônia é realizada ainda hoje.

Quando passamos o equador, houve a bordo do Minas Gerais a cerimônia do batismo. Foi um instante de infinita alegria para mim e os meus camaradas. Tratando-se de escolher dentre nós aquele que seria “Netuno”, eu fui esse, ficando ainda incumbido de intimar o comandante do navio a passar-me o comando. Ele consentiu, fizemos a festa, servindo de padrinho o comandante Bauchi, do North Carolina, que, por meu intermédio (Netuno), passou um radiograma de felicitações ao comandante pela grata lembrança. A madrinha foi a senhorita América da Costa Brasileira<sup>151</sup>.

Para um marinheiro ser escolhido para representar Netuno era uma grande honra. Representa reconhecimento por sua experiência e estima por sua pessoa. Não por acaso, João Cândido foi o escolhido. Meses mais tarde, já no Brasil, ele novamente foi escolhido pelos seus companheiros para comandar o Minas Gerais. Só que desta vez para reivindicar ao governo melhores condições na Marinha Brasileira e o fim da chibata, o fim dos castigos físicos.

O quinto capítulo de suas memórias trata basicamente dos preparativos do levante de 1910. Ele cobre o período de março a novembro daquele ano. Data que vai do retorno do Minas Gerais dos Estados Unidos até as vésperas da revolta.

---

<sup>150</sup> CÂNDIDO, João. *Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade*. Op. cit., p. 300.

<sup>151</sup> CÂNDIDO, João. *Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade*. Op. cit., p. 300.

Curiosamente até este momento, João Cândido não havia mencionado a situação a que os marinheiros estavam inseridos, os castigos físicos, os maus tratos e as más condições de vida.

Em 15 de novembro desse ano o marechal tomava posse do governo. Por essa época tinha-se tornado impossível à vida a bordo. Só em um dia, por esse tempo, a bordo do Minas Gerais, foram chibatados nada menos que 42 marinheiros. Foi só então que se resolveu, entre os marinheiros que faziam parte da guarnição desse navio, tomar providencias para fazer cessar esse estado de coisas. Não sendo, porém, aceitas pelas autoridades competentes as reclamações justas feitas em atitude moderada pelos praças, é que ficou assente tomar-se por meios violentos as providências que o caso exigia, convocando-se para isso sessões nesta capital, assistidas pelos marinheiros, contando que guardassem muito segredo e escapassem a toda e qualquer vigilância das autoridades policiais.<sup>152</sup>

Somente neste capítulo que ele apresenta a situação em que os marinheiros se encontravam e a intenção do grupo de mudar tal situação através de um levante. Esta opção por um movimento de rebeldia só foi aventado pelo fato das suas reivindicações feitas até então de forma pacífica não terem sido atendidas. Porém, ele não explica como se deram essas reivindicações e nem em que situação elas aconteceram.

Para João Cândido, a violência e o desrespeito, como os marinheiros brasileiros eram tratados, ultrapassavam uma questão puramente humanitária ou social. Em sua visão de Brasil, de posse de todo o seu patriotismo e nacionalismo, esse tratamento colocava os marinheiros brasileiros à baixo dos marinheiros de outras nacionalidades, que não eram mais tratados dessa forma.

Para ele, os marinheiros brasileiros eram discriminados pelos demais, de outras nações, por serem tratados de maneira vexatória, o que diminuía a grandeza da Marinha Brasileira, e por consequência do próprio Brasil. Ele vivia um grande dilema, pois para ele era completamente contraditório que os marinheiros defendessem a pátria com todo ardor e orgulho, e, ao mesmo tempo, não fossem tratados como cidadãos, uma vez que seus direitos não eram respeitados.

Por esse tempo uma turma dos nossos compatriotas achava-se no Chile em missão diplomática. Pois lá mesmo esses companheiros eram tratados da mesma forma, sendo por isso abandonado não só pelos marinheiros de outras nações, que ali se representavam, como também pelos próprios chilenos. Esta divisão fora a mesma que estivera em Buenos Aires, durante os festejos do novo presidente.<sup>153</sup>

---

<sup>152</sup> Idem. Ibidem, p. 301.

<sup>153</sup> CÂNDIDO, João. Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade .Op. cit., p. 301.

Sobre esse episódio, o jornalista Edmar Morel em seu livro sobre A Revolta da Chibata escreveu:

O Brasil mandou três belonaves aos festejos do primeiro centenário da independência do Chile: o Bahia, o Tamoio e o Timbira. Dado o espírito de indisciplina e mal-estar reinante a bordo, o conjunto de navios foi batizado por “divisão da morte”.

À saída da Baía Blanca, na Argentina, o marujo Antenor Silva recebeu 25 chibatadas, por ter desrespeitado o contramestre. Na mesma noite foi celebrada a “festa da neve”, regada a champanha.

O capitão-de-coveta Alberto Durão Coelho, imediato do cruzador Bahia, num documento publicado no Jornal do Comércio, revelou que em seu navio, com 288 praças, no decorrer da viagem, que durou de 16 de junho a 19 de novembro, deram-se 911 faltas disciplinares, tendo sido açoitados vários marinheiros.

À passagem do estreito de Magalhães, rumo ao Pacífico, em consequência dos maus-tratos, apareceu uma carta de baixo da porta do camarote do comandante, assinada por “mão negra”: “venho por meio destas linhas pedir não maltratar a guarnição deste navio, que tanto se esforça para trazê-lo limpo. Aqui ninguém é salteador, nem ladrão. Desejamos paz e amor. Ninguém é escravo de oficiais e chega de chibata. Cuidado!”.

Fácil foi descobrir a identidade do autor da ameaça. Tratava-se do marinheiro Francisco Dias Martins.

Os suplícios foram tantos que, em Buenos Aires, desertaram da “divisão da morte” os marujos Antônio de Carvalho Lopes, Luís Ferreira dos Santos, Armando Ladislau, Fabio José Antônio da Cruz e Hermógenes Paris.<sup>154</sup>

Ele compreendia que a situação vivenciada pelos marinheiros brasileiros era extremamente humilhante para a Marinha Brasileira. Para ele, mais do que uma situação de injustiça social, os castigos físicos os deixavam em uma situação vexatória entre os marinheiros de outras nações. Os castigos físicos demonstram, para ele, a situação da Marinha Brasileira, atrasada e pouco respeitada. Um país soberano passava por uma Marinha moderna, e uma Marinha moderna passava obrigatoriamente por melhores tratamentos aos marinheiros, passava pelo fim dos castigos corporais. O lugar de fala dele é sempre como marinheiro, como militar, nacionalista e patriótico.

João Cândido retira algumas informações de seu caderno de notas<sup>155</sup>, demonstrando que esteve presente em todas as reuniões de organização do levante desde a primeira. De suas memórias sobre essas sessões é possível recuperar preciosas informações.

<sup>154</sup> MOREL, Edmar. *A Revolta da Chibata...* Op. Cit., p. 71.

<sup>155</sup> Em suas memórias, João Cândido menciona a existência de um caderno de notas de onde retirou informações das reuniões conspiratórias dos marinheiros, no entanto, esta é a única referência sobre o fato. Não há em nenhum outro local informações sobre o referido caderno e mesmo em outras passagens de suas memórias ele não volta a mencioná-lo.

1º sessão. Dia 12 de setembro- ficou deliberado que depois de chegarem a esta capital, a divisão que fora ao Pacífico e o couraçado São Paulo, que ainda se achava na Europa, porque de posse desse navio, do Minas Gerais, Bahia e do Deodoro, podiam levar adiante o que os marinheiros almejavam, seria levado a efeito o levante. E como deliberação também tomada nessa primeira sessão, foi distribuído, ainda em setembro, um manifesto às guarnições das divisões dos couraçados e cruzadores e ao Corpo dos Marinheiros Nacionais, escolhendo para isso como organizadores os colegas de maior confiança.<sup>156</sup>

Segundo ele, a primeira sessão aconteceu no dia 12 de setembro de 1910, na qual ficou decidido que o levante aconteceria quando o São Paulo e o navio que estava de viagem ao Chile e a Buenos Aires retornassem.

Outra informação importante é que havia sido preparado um manifesto. Porém, não consta quem o redigiu, nem como este foi preparado. Porém, consta a informação de que o mesmo foi distribuído entre os marinheiros das guarnições, de maneira a esclarecer e divulgar as intenções do grupo.

Consta ainda que para esse fim foi escolhido um grupo de marinheiros de sabida confiança que ficariam responsáveis por fazer esta distribuição. João Cândido em nenhum momento se coloca como líder ou responsável pelas reuniões. De acordo com sua fala, ele é um ouvinte assim como tantos outros ali presentes, que aplicado e interessado anotou com cuidado em sua caderneta as informações mais importantes. Isso pode ser observado pela maneira como ela fala sobre as decisões do grupo.

Segundo ele, o chefe das reuniões era o marinheiro Vitalino José Ferreira. Ele destaca o papel de outros marinheiros que possuíam um poder de decisão maior nas reuniões: Pedro Lino dos Santos, José Eduardo de Oliveira, Cássio de Oliveira, e Manuel da Silva Lopes, todos do Minas Gerais.

A segunda sessão aconteceu no dia 23 de outubro. Segundo ele, esta sessão foi realizada em uma casa de cômodos na Vila Rui Barbosa, onde muitos marinheiros moravam. A Vila Rui Barbosa se localizava na Rua dos Inválidos nº22 e 24, possuía 325 quartos e 145 casas. A vila foi construída no século XIX pelo engenheiro civil e diretor- gerente das oficinas tipográficas da casa Laemmert, Arthur Sauer. Era uma vila que buscava seguir padrões do higienismo, construída para população pobre como uma alternativa para os cortiços. No entanto, chegou a abrigar mais de três mil pessoas<sup>157</sup>, incluindo muitos marinheiros, uma vez que estes em grande

<sup>156</sup> CÂNDIDO, João. *Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade*. Op. cit., p. 301.

<sup>157</sup> DINIZ, Luciana Nemer. Vila Rui Barbosa: imagens e relatos para registrar a sua história. Anais do II Encontro Nacional de Imagens. Realizado 12 a 14 de maio de 2009, em Londrina, Paraná. In: [http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Diniz\\_Luciana.pdf](http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Diniz_Luciana.pdf) (consulta dia 07/11/14).

parte não possuíam famílias, e se abrigavam em seus dias de descanso em quartos e casas de cômodo pela cidade.

2º sessão. Dia 23 de outubro- em uma casa de cômodos da vila Rui Barbosa, onde residiam muitos marinheiros, na sua quase totalidade músicos, os quais faziam parte direta do movimento, fez-se a reunião. Ficou acertado que, em vista de haver, a bordo do Minas Gerais, grande atividade por parte dos oficiais e por terem estes notado qualquer sinal anormal nos paióis de munições e nos mecanismos dos aparelhos de artilharia, houve mais cautela.<sup>158</sup>

Esta segunda sessão foi somente para pedir mais cautela a todos, uma vez que os oficiais estavam se mostrando desconfiados, e ainda foi marcada uma nova sessão para dois dias depois. Na sessão do dia 25 de outubro ficou estipulado que o levante aconteceria no dia 14 de novembro, um dia antes da posse do novo presidente do Brasil. Também ficaram acertados os objetivos do movimento, enumerados por ele em suas memórias.

A fala do juramento dos revoltosos, todos cobertos com a bandeira da República, evidencia o interesse em destacar que o movimento não era contra a forma de governo vigente, mas contra as más condições que eram impostas aos marinheiros no exercício do seu trabalho. Queriam a abolição dos castigos físicos dentro da Marinha, como o uso da chibata e da palmatória, e melhores condições de tratamento.

3º sessão. Dia 25 de outubro - por deliberação do chefe das reuniões, Sr. Vitalino José Ferreira, e dos senhores Pedro Lino dos Santos, José Eduardo de Oliveira, Cássio de Oliveira e Manuel da Silva Lopes, todos ex-marinheiros pertencentes à ex-guarnição do Minas Gerais, sendo que o primeiro destes foi fuzilado a bordo do navio fantasma, o Satélite do Loide Brasileiro, e por ser a última reunião em que tomariam parte as guarnições do São Paulo e dos demais navios que já estavam de posse do manifesto, foi esta sessão marcada para mais cedo, para às 6 horas da tarde desse dia. À hora indicada, de fato, achavam-se as comissões reunidas no lugar estipulado. Resolveram eles, então, que para completo cumprimento do dever da missão em que estavam empenhados: 1º) o juramento de que, cobertos com a bandeira da República, fariam todo o possível para o cumprimento da causa; 2º) que quando em 14 de novembro saíssem com a esquadra para a grande revista naval, ao regressarem ao porto, seriam intimados os oficiais a abandonarem os navios; de posse destes, obrigariam as autoridades constituídas a fazerem com que fosse abolido o uso da chibata, da palmatória e com que fossem melhoradas as condições de passadio dos marinheiros, caso contrário, bombardeariam a cidade e os navios que não aderissem ao movimento. Era também intenção dos revoltosos decretarem o estado de sítio no mar e, feito isto, proclamarem uma república flutuante, a exemplo do que se dera com as esquadras inglesas reunidas em Londres em 1797. Ficou mais resolvido, nessa sessão, que a revolta deveria instalar a bordo do couraçado Minas Gerais no dia 14.<sup>159</sup>

O sexto capítulo de suas memórias abrange os acontecimentos de 14 de novembro de 1910, data marcada para o levante, até o dia 22 do mesmo mês, data que de fato o levante se

<sup>158</sup> CÂNDIDO, João. *Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade*. Op. cit., p. 301.

<sup>159</sup> CÂNDIDO, João. *Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade*. Op. cit., p.302.

deu. O levante não ocorreu no dia 14 e foi remarcado ainda mais três vezes, pois diversos imprevistos ocorreram. Primeiramente, no dia 14 morreram dois homens no Minas Gerais, o que fez com que o grupo ficasse desorientado.

Então foi remarcado para o dia seguinte, dia da posse do novo presidente, o que também não foi a cabo por conta de um grande temporal e também pela presença de marinhas de diferentes nacionalidades que estavam ali para a posse do Marechal Hermes da Fonseca. Novamente o levante foi remarcado para o dia 19 de novembro, porém por conta da desconfiança dos oficiais foi novamente cancelado. Dessa vez foi remarcado para o dia 22 de novembro, data em que realmente se deu.

No dia 14 de novembro, não nos foi possível levar a efeito o levante, por se ter dado, ao regressarmos da revista naval, um desastre a bordo do Minas, em que morreram dois homens do seu estado efetivo, o que muito desorientou as guarnições dos demais navios.

É que eles não sabiam o que se passava conosco a bordo do Minas, pois já havia excedido a hora combinada.

Combinamos então que o plano seria posto em prática no dia seguinte, justamente em 15 de novembro, quando regressássemos da parada, por ocasião da posse do novo governo. Mas não pudemos executá-lo nesse dia, não só por ter caído na cidade um temporal, regressando as guarnições muito fatigadas, como ainda em atenção às diversas marinhas aqui representadas. Marcamos então para o dia 19, quando deveríamos desembarcar em passeata militar, para comemorarmos o reconhecimento do símbolo, do auriverde pavilhão. Combinamos mais, combinamos que se essa passeata não se efetuasse, rebentaria a revolta então no dia 22, como se deu.

Nesse dia, alguns oficiais notaram certa agitação de indisciplina na guarnição, tanto assim que não se procedera ao exercício da tabela e também por ter o imediato levado ao conhecimento do comandante de se terem encontrado vestígios de terem sido forçados os mirantes e as portas dos paióis das torres 5 e 6.

Assim, em 22 de novembro de 1910, depois de havermos destacado um mensageiro para avisar aos companheiros que seria nesse dia levado a efeito o movimento, preparamo-nos para a revolta. Às 10 horas da noite então estando de estado, o Segundo-Tenente Álvaro Alberto determinou ao corneteiro da guarda que desse o toque de silêncio. Este não encontrou a corneta, o que causou logo alguma estranheza. Já nos havíamos apoderado dela, escondendo-a.

Em seguida, porém, o dito toque foi feito por outro corneteiro de guarda avante, que foi na mesma ocasião respondido com o toque de combate, por dois outros para isto postos anteriormente em dois outros lugares. A esse tempo já havíamos procedido ao arrombamento dos paióis, para o que já havia gente escalada de antemão. Em seguida tratamos de nos apoderar do armamento portátil, destacando sentinelas para os pontos mais convenientes.<sup>160</sup>

Nessas memórias fica evidenciado o papel fundamental do Minas Gerais no levante. Era dali que partiam as ordens e todo o comando, bem como deveria ser ele o primeiro navio a dar o comando para o início da revolta e só então os demais os seguiriam.

No dia marcado para o levante tudo já estava planejado e cada um já sabia o seu papel, a sua função. Havia o mensageiro, as sentinelas e os arrombadores dos paióis também estavam a

<sup>160</sup> CÂNDIDO, João. Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade .Op. cit., p. 303.

postos. Porém, ele não informa como se deram essas escolhas e nem quando, uma vez que nas anotações sobre as sessões que antecederam a revolta não constam essas informações.

Os dois últimos parágrafos do capítulo seis são bastante interessantes e polêmicos. Ele informa que só ali tomou ação direta na condução dos acontecimentos do levante e, ainda que isso teria ocorrido por falta de opção, tendo sido obrigado por seus colegas marinheiros.

Até aí não tinha eu tomado uma ação direta aos atos da revolta. Nesta ocasião já me achava em repouso. Fui então despertado pelo estampido da fuzilaria, tratando eu de ocultar-me dos colegas revoltosos. A princípio fui para a torre nº 2, que encontrei fechada, voltando então para o mastro. Aí tive como companheiros o marinheiro Manoel Pereira d' Araújo, o músico Raymundo Joaquim e o telegrafista João Leonardo dos Santos. Depois de haver-me cientificado do que havia e também com receio de ser surpreendido pelos companheiros revoltosos, aos quais a este tempo já haviam ganhado terreno, resolvi retirar-me.

Passando pelo convés superior da meia-nau, fui por um grupo de marinheiros intimado a tomar o comando. A princípio recusei-me, mas vendo que me podia causar sacrifício, aceitei a intimação, antes, porém, propondo as condições em que ia tomar a direção da revolução. Houve obstáculos, passou-se a votos, no final venci, sendo aclamado Comandante em chefe da Esquadra. É desse momento que data a minha influência direta nos atos da revolta. Mas como tornei-me com meus companheiros, ao menos quanto ao fim principal que a revolta visava, é que envolvo meu nome nas relações que venho fazendo.<sup>161</sup>

Muitas questões são contraditórias nesses dois parágrafos. Em primeiro lugar, a afirmação de que ele teria se escondido para verificar o que estava ocorrendo não faz sentido, uma vez que segundo o seu próprio texto ele estava a par do que estava sendo planejado. Ele havia participado das reuniões, sabia das datas propostas para o levante, sabia o motivo por que não havia acontecido naquelas datas, e sabia que a data marcada era o dia 22 de novembro.

Em segundo lugar, ainda é curiosa a afirmação de que no momento em que tudo estava ocorrendo ele estava em repouso. É pouco provável que uma pessoa em um navio, independente de quem ela seja, sabendo que terá durante a noite um levante, ainda assim vá dormir. E, ainda poderia ser contestada essa informação pelo fato de que nos parágrafos anteriores ele afirma claramente todos os passos dos acontecimentos daquela noite, o roubo da corneta, o arrombamento dos paióis, a ordem do Segundo-Tenente Álvaro Alberto para que o corneteiro desse o toque de silêncio, e a resposta ao toque da corneta com o toque de combate.

Em terceiro lugar, a informação de que ele assumiu o comando não apenas do Minas Gerais, mas de toda a Esquadra, por ter sido intimado violentamente pelos demais marinheiros é pouquíssimo provável, uma vez que como ele mesmo havia informado tudo tinha sido planejado com antecedência. Se sentinelas e os arrombadores dos paióis já haviam sido escolhidos com antecedência, não faz sentido algum que o Comandante da Esquadra, aquele

<sup>161</sup> CÂNDIDO, João. Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade. Op. cit., p. 304.

que movimentaria o Minas Gerais, bem como comandaria os demais navios, a função mais importante fosse escolhida na hora, de improviso.

Os dois parágrafos são unidos em torno de uma ideia, a de que João Cândido teve uma participação pontual no levante, e que essa participação só foi possível por lhe ter sido imposto pelos demais marinheiros. O primeiro parágrafo começa com a afirmação: “até aí não tinha eu tomado uma ação direta aos atos da revolta”<sup>162</sup>. O segundo parágrafo traz bem ao final a reafirmação dessa ideia: “é desse momento que data a minha influência direta nos atos da revolta.”<sup>163</sup> A ideia é colocada e reforçada. Percebe-se a intenção clara por parte do narrador de criar uma ideia nova, uma vez que era de senso comum da época a ideia de que João Cândido fosse o grande líder da revolta de 1910.

Portanto, é facilmente observável que estes dois parágrafos finais são destoantes de toda a narrativa anterior. Se João Cândido de fato os escreveu, queria livrar-se de alguma responsabilidade pelos acontecimentos, o que é pouco provável, uma vez que de maneira geral se mostrou muito orgulhoso pelos seus feitos em outras ocasiões. Existe, ainda, a possibilidade de que nesse aspecto suas memórias terem sido alteradas. O que se pode afirmar é que as informações contidas nelas são bastante duvidosas.

Consta no livro de Edmar Morel um depoimento dado por João Cândido ao jornalista da década de 50, onde o marinheiro conta sobre os eventos do dia 22:

Pensamos no dia 15 de novembro. Acontece que caiu forte temporal sobre a parada militar e o desfile naval. A marujada ficou cansada e muitos rapazes tiveram permissão para ir a terra. Ficou combinado então, que a revolta seria entre 24 e 25. Mas o castigo de 250 chibatadas no Marcelino Rodrigues precipitou tudo. O comitê Geral resolveu, por unanimidade, deflagrar o movimento no dia 22.<sup>164</sup>

Embora o dia 15 apareça como a data combinada para o levante e a explicação para tal fato não ter ocorrido coincida com a explicação de suas memórias, existe uma divergência sobre a data do dia 22. Em suas memórias, este último aparece como a data combinada para o levante. Já neste depoimento a Morel a data seria entre os dias 24 e 25 e só teria sido precipitada pelo castigo de 250 chibatadas no marinheiro Marcelino Rodrigues. Esta versão tem sido a mais explorada pela historiografia sobre a Revolta da Chibata.

Ele prossegue em sua narrativa à Morel:

---

<sup>162</sup> CÂNDIDO, João. Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade .Op. cit., p. 304.

<sup>163</sup> Idem. Ibidem, p. 304.

<sup>164</sup> MOREL, Edmar. A Revolta da Chibata... *Op. Cit.*, p.86.



O sinal seria a chamada da cornetadas 22 horas. O Minas Gerais, por ser muito grande, tinha todos os toques de comando repetidos na proa e na popa. Naquela noite o clarim não pediria silêncio e sim combate. Cada um assumiu o seu posto e os oficiais de há muito já estavam presos em seus camarotes. Não houve afobação. Cada canhão ficou guarnecido por cinco marujos, com ordem de atirar para matar contra todo aquele que tentasse impedir o levante.<sup>165</sup>

A narrativa sobre o início do levante é bastante parecida em ambos os depoimentos. Porém, a narrativa da década de 50 possui algumas informações a mais, como os oficiais já estarem presos em seus camarotes e que cinco marujos cuidavam de cada canhão.

O capítulo sete trata dos dias 22 e 23 de novembro, ou seja, nele estão contidos os primeiros momentos da revolta dos marinheiros. Nesse momento da narrativa o narrador muda a forma de relatar os acontecimentos. O sujeito da ação passa a ser João Cândido. Aparecem os verbos, determinei, mandei, e ordenei, no segundo parágrafo. E, no terceiro, dando-me, participando-me.<sup>166</sup>

No terceiro parágrafo, ele ainda fala de sua visita ao cruzador francês Duguay-Trouin e ao cruzador português Adamastor. Ele foi até lá para avisá-los do possível bombardeio, para que então se retirassem da Baía da Guanabara. Ele afirma “fui eu, então, pessoalmente”, enfatizando suas ações e seu poder de decisão e ação durante o levante.<sup>167</sup>

Ainda no capítulo sete e também no oitavo o narrador apresenta uma série de informações que chamam atenção pelo excesso de detalhes, como o horário exato de determinados acontecimentos. Passados meses ou talvez até mais de um ano, ele ainda cita no terceiro parágrafo do capítulo sete que “as 3 horas e 17 minutos chega-me um outro radiograma”. Detalhes como esses que aparecem muitas vezes nos dois capítulos citados apontam para o fato de que poderiam existir outras vozes na narração, que não apenas a memória individual de João Cândido.

Como as possíveis intervenções no texto são muitas, a partir deste momento, aquele que narra a história será chamado apenas de narrador e não mais de João Cândido ou de qualquer

<sup>165</sup> MOREL, Edmar. *A Revolta da Chibata... Op. Cit.*, p. 86.

<sup>166</sup> “Determinei, então, que fossem os cadáveres transportados para o salão de honra e que fossem destacados praças durante toda a noite para a guarda dos corpos.”

“Mandei que se reunisse toda a guarnição, a fim de se fazerem as nomeações que o momento exigia, tendo ainda telegrafado as autoridades, dando conta dos acontecimentos e também recebido a adesão do couraçado São Paulo e do scout Bahia.”

“ordenei ainda a estes e demais navios que se preparassem, a fim de fazerem ao largo o mais breve possível.”

<sup>167</sup> CÂNDIDO, João. *Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade. Op. cit.*, p. 305.

outro nome que faça referência à identidade deste. Dessa forma, abriremos espaço para um constante questionamento da identidade daquele que narra a história.

Logo que fui feito comandante da esquadra revoltosa, tratei de informar-me se existiam mortos e feridos a bordo. Então tive informações diretas que sim, que havia alguns, eram o nosso ex-Comandante Batista Neves, depois de haver sustentado, com o heroísmo que a sua posição exigia, uma luta de mais de meia hora, também o Capitão- Tenente José Claudio e o grumete Joviano Batista de Oliveira. Eu da minha parte lamentei esse acontecimento, que iria pôr de luto a Marinha brasileira. Eram oficiais distintos, notadamente o comandante Batista das Neves, cuja competência e valor toda a nossa armada pode dar testemunho.

Determinei, então, que fossem os cadáveres transportados para o salão de honra e que fossem destacados praças durante toda a noite para a guarda dos corpos. Depois mandei que se reunisse toda a guarnição, a fim de se fazerem as nomeações que o momento exigia, tendo ainda telegrafado as autoridades, dando conta dos acontecimentos e também recebido a adesão do couraçado São Paulo e do scout Bahia. De posse do comando geral, então, ordenei ainda a estes e demais navios que se preparassem, a fim de fazerem ao largo o mais breve possível. Contudo, não se saiu imediatamente.

No dia seguinte, 23 de novembro, às 2 horas e 15 minutos chega-me um radiograma do “comandante” do Bahia, dando-me conta do ocorrido a bordo desse scout da nossa marinha; então tive conhecimento de existirem dois mortos nesse navio, um oficial e um marinheiro, Beduíno Baiano da Costa. Não foi só; às 3 horas e 17 minutos chega-me um outro radiograma, era do “comandante” do São Paulo, participando-me que se suicidara um oficial dentro da torre nº5, depois de os outros terem abandonado o navio; às 4 horas, após uma votação entre os “oficiais” revoltosos, deliberamos suspender a âncora. O Minas sairia à frente, seguido do São Paulo e do Bahia. Ficaríamos ao largo aguardando oportunidade para rompermos fogo contra a cidade e as fortificações legais, no caso de não sermos atendidos em nossas reclamações. Deveríamos agir com prudência. Fui eu, então, pessoalmente ao cruzador francês Duguay-Trouin e ao cruzador português Adamastor, ainda em águas de nossa baía, convidar os seus respectivos comandantes a retirarem-se, por estar iminente o bombardeio.<sup>168</sup>

Segundo o narrador, João Cândido, ainda naquele dia telegrafou as autoridades, informando do levante e tudo o que estava ocorrendo naquele momento no Minas Gerais, e ainda recebeu a adesão de outros barcos ao levante.

Os mortos são contados no Minas Gerais, navio de João Cândido. Eram três, o comandante do navio Batista Neves, o Capitão-tenente José Claudio e o grumete Joviano Batista de Oliveira. Nos demais navios revoltosos, o São Paulo e o scout Bahia também haviam mortos. No primeiro, um morto, e no segundo, dois.

No seu depoimento a Edmar Morel na década de 1950, João Cândido recorda-se dos acontecimentos daquela noite da seguinte maneira:

---

<sup>168</sup> CÂNDIDO, João. *Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade*. Op. cit., p.305.

As 22h50m, quando cessou a luta no convés, mandei disparar um tiro de canhão, sinal combinado para chamar à fala os navios comprometidos. Quem primeiro respondeu foi o São Paulo, seguido do Bahia. O Deodoro, a princípio, ficou mudo. Ordenei que todos os holofotes iluminassem o Arsenal da Marinha, as praias e as fortalezas. Expedi um rádio para o Catete, informando que a esquadra estava levantada para acabar com os castigos corporais. Os mortos, na luta, foram guardados numa improvisada câmara mortuária e, no outro dia, manhã cedo, enviei os cadáveres para terra. O resto foi rotina de um navio em guerra.<sup>169</sup>

Mais uma vez, sua narrativa a Morel coincide com o texto de suas memórias. Fora alguns pequenos detalhes que são acrescentados tais como o tiro de canhão que foi disparado para contatar os demais navios e a informação que os holofotes iluminaram o arsenal da marinha, as praias e as fortalezas e ainda o transporte dos corpos no dia seguinte para a terra.

Ainda neste capítulo, o narrador apresenta os planos de combate em que ficou estabelecido que os três navios revoltosos fariam um ataque simultâneo às sete horas da manhã do dia vinte e três:

O São Paulo atacaria as fortificações do cais Faroux, do litoral até a Glória; o Deodoro, às de Santa Cruz e Gragoatá, o Minas Gerais atacaria as de São João, laje e Imbiuí. Tudo isso seria feito em regra, respeitando nós os hospitais e os navios estrangeiros, surtos no porto, não transgredindo assim as regras estabelecidas na pragmática naval, como também o último tratado internacional de Haia.<sup>170</sup>

Vale ressaltar que o narrador demonstra o preparo não apenas técnico de João Cândido sobre o navio e a navegação, mas também seu conhecimento teórico ao citar que seria respeitado a pragmática naval e o último tratado internacional de Haia. Ele se referia à Segunda Conferência de Paz que ocorreu alguns anos antes em 1907, que teve como sede a cidade de Haia, da qual o Brasil participou e teve Rui Barbosa como seu representante.

A Convenção de Haia tinha como objetivo estabelecer regras que deveriam ser seguidas em tempos de guerra, baseada nos Direitos Humanos e no Direito Internacional, de maneira que os países participantes assumissem a responsabilidade de seguirem o que ali ficasse estabelecido. Foram criadas quatro comissões e uma delas, a terceira, deliberava sobre o bombardeio por forças navais de portos, cidades e vilas<sup>171</sup>.

Estava João Cândido à par de seu conteúdo? A dúvida que se estabelece em meio a tantas possíveis alterações é se esta é uma informação dada por João Cândido ou se é um

<sup>169</sup> MOREL, Edmar. *A Revolta da Chibata...* Op. Cit., p.86.

<sup>170</sup> CÂNDIDO, João. *Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade*. Op. cit., p. 305.

<sup>171</sup> MAGALHÃES, Rejane M. Moreira de A. Presença de Rui Barbosa em Haia. In: [http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/sobre\\_rui\\_barbosa/FCRB\\_RejaneMagalhaes\\_PresencaRuiBarbosa\\_em\\_Haia.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/sobre_rui_barbosa/FCRB_RejaneMagalhaes_PresencaRuiBarbosa_em_Haia.pdf), (Acessado em 05/11/14).

incremento de um possível narrador desconhecido. Que tipo de treinamento estes marinheiros recebiam em 1910? Eles aprendiam sobre pragmática naval? E quanto à Conferência de Paz de Haia, até que ponto seu conteúdo era conhecido pelos marinheiros ou pela população em geral?

Para que a revolta tivesse sucesso era necessário estabelecer os postos de cada um dentro dos navios, uma vez que a oficialidade não estava presente, e assim era preciso estabelecer quem ocuparia aquelas funções vagas. Para isso, eles criaram uma oficialidade revoltosa. Interessante que o último nome que aparece no último navio citado é Dorian Grey, talvez uma referência ao personagem de Oscar Wilde, em uma piada do narrador.

Para que não falhassem nossos ideais, ficou constituída uma “oficialidade” dos revoltosos. Era assim composta: Almirante-em-Chefe, João Cândido; assistente, marinheiro de segunda classe João Batista Marques Pimentel; secretário, Antônio Ferreira de Andrade; “comandante” do Minas, cabo José Francisco das Chagas; imediato, Vitalino José Ferreira; oficial da navegação, José Luís da França; oficial encarregado da artilharia, cabo Teodoro; auxiliares, João José da Mota, Ernesto Roberto dos Santos, cabo João da Silva Medeiros, Alexandre Manuel Marinho; encarregados dos sinais, os marinheiros de segunda classe, José Ferreira de Melo, José Eduardo Ribeiro; telegrafistas da estação-radio, Segundo-Sargento José Ferreira Braga, cabo João José de Moraes e marinheiro de segunda classe Antônio Bittencourt; chefe de máquinas, o marinheiro foguista Miranda e encarregado da eletricidade e protetores, Segundo Sargento Antônio dos Santos.

No São Paulo – Comandante, marinheiro de primeira classe Manuel Gregório do Nascimento; imediato, cabo André Avelino; oficial de navegação, cabo Cavalcanti; encarregado de artilharia, marinheiro de primeira- classe, Ferreira do Nascimento; encarregado das torres, cabo João Pereira da Silva, para aí destacado do Minas.

No Bahia- Comandante, Francisco Dias Martins; imediato, Carlos José de Freitas; oficial da navegação, Manuel José da Silva; oficiais de artilharia, Henrique Gomes e Adalberto Ribas; chefes, Rosendo das Neves, Alonso Barbosa, *Doria Grey*, *auxiliares*.

O capítulo oito trata dos acontecimentos dos dias 23 até o dia 26, com o fim do levante. No quarto parágrafo, ele afirma que no dia 24 às 10 horas e 25 minutos, ele expediu uma ordem de bordo do seu navio para o Bahia. No parágrafo de número 14 do mesmo capítulo ele informa que “às 7 horas e 35 minutos, o comandante Pereira Leite comunicava ao governo ter assumido o comando deste vaso de guerra”. Ele também informa os números das ordens do dia dadas por ele para seu navio e os demais, com o horário e o conteúdo de cada uma delas e ainda o número do artigo. Dificilmente ele teria todas estas informações, com toda esta riqueza de detalhes, recorrendo apenas a sua memória.

No capítulo cinco ele informa, quando escreve sobre as sessões secretas antes do levante, que possuía um caderno de notas. Uma hipótese a ser levantada seria que as informações contidas nos demais capítulos tenham saído também deste caderno. Porém, essa hipótese abre mais alguns questionamentos, pois se ele possuía um caderno de notas com tantos detalhes sobre o levante, o que terá sido feito dele?

Poderia até mesmo se questionar se esta parte das memórias foram realmente redigidas por ele ou se alguém de posse do caderno de notas não poderia ter complementado a primeira parte, que ele teria escrito quando estava no Hospital dos Alienados, uma vez que foi esta a única parte que João Cândido admitiu ter escrito.

Muitas coisas são questionáveis, como o fato de constar nota do redator informando que a segunda parte foi ditada por João Cândido em outro hospital em que ele esteve internado. Ele nunca teria como ditar de memória tais informações. Logo, se conclui que esta informação dada pelo redator é improcedente ou o redator incluiu algumas informações extras ou, ainda, escreveu ele próprio o restante da narrativa.

Se seguirmos a pista do caderno de notas, ainda assim teremos alguns questionamentos. Por exemplo, como em meio a uma revolta, com tantas questões para serem resolvidas, ele teve tempo e a ideia de anotar absolutamente tudo com cada horário. Considerando a boa memória de João Cândido, tão elogiada por Morel, a amizade entre os dois, a boa vontade apresentada por João Cândido ao colaborar com a criação do seu livro, e ainda a postura do marinheiro de assumir a narrativa do livro de Morel como a sua história, bem como tendo participado da noite de autógrafos juntamente com o autor, é pouco provável que João Cândido tenha mantido este caderno de notas durante o levante, tendo feito tantas anotações, e não tenha em nenhum momento informado a Morel a existência dele, o seu paradeiro ou o seu fim.

Segundo as informações do capítulo oito, o dia 23 de novembro foi o dia das primeiras negociações. Estiveram a bordo o comandante José Carlos de Carvalho e Sr. Manoel Beltrão. O comandante e deputado pelo Rio Grande do Sul, José Carlos de Carvalho, foi enviado a convite do Senador Pinheiro Machado para fazer as negociações com os marujos sublevados. O deputado e comandante foi uma figura muito importante nas negociações, uma vez que ele demonstrou certa simpatia pela causa dos revoltosos, como pode ser observado em seus discursos à Câmara Federal, o que fez com que ele recebesse pesadas críticas dos seus companheiros de marinha.<sup>172</sup>

Às 4 horas da tarde, recebemos o primeiro parlamentar por parte do governo, o comandante José Carlos de Carvalho, que, não obstante ser oficial reformado, foi recebido com as honras às quais tinha direito como representante do governo legal. Eu, depois de expor as condições em que me achava, fiz ver a ele que as intenções dos revoltosos era bombardear a cidade, no caso de não serem atendidos nas reclamações justas, e também comissionei para vir à terra com este senhor, o fiel Sr. Manoel Beltrão, por ser muito estimado da marinha em peso e ter oferecido os seus serviços, com o fito de evitar danos à nossa florescente capital. Em uma das muitas vindas aterra, porém, foi pelas autoridades intimado a não voltar

---

<sup>172</sup> MOREL, Edmar. A Revolta da Chibata.... Op. Cit., p. 96.

a bordo por julgarem estas que ele fosse aliado dos marinheiros.

Ordem do dia n° 1 do Comando-em-Chefe, a bordo do dreadnought Minas Gerais.

Art. 1°: determina o Comandante-em-Chefe que os navios que tiverem estrangeiros a bordo façam-nos desembarcar, apresentando-os ás autoridades legais e também que postem sentinelas embaladas nos cofres e nas propriedades dos oficiais;

Art. 2°: fica estabelecida a censura na comunicação radiográfica com as estações do continente e com os navios que não tenham aderido à causa, sendo que para isso só podem radiografar com o navio almirante; dou autorização para que os comandantes possam alterar as iniciais de suas estações, enviando-as, as novas, ao Comandante-em-Chefe; podem também alterar os toques das cornetas;

Art.3°: devem ter os comandantes os seus navios prontos às 5 horas da tarde, a fim de pernoitarem fora do porto; em virtude da escassez de carvão que reina a bordo dos navios, ordeno que a marcha seja moderada, não excedendo a seis milhas, e sempre que entrarmos no porto tenham as suas máquinas prontas para, no caso de ser necessário, forçarmos as fortificações legais; determino, para o conhecimento da Esquadra, que fará o serviço de ronda, hoje, à barra, o couraçado Minas Gerais e que os demais navios de duas em duas horas, participem à capitânia a posição em que se acham e a marcha que têm; ficam estabelecidos *os seguintes sinais para hoje- santo, Brasil; senha, Brasileira.*<sup>173</sup>

Ainda naquele dia, João Cândido expediu três ordens. A primeira determinava que os estrangeiros fossem desembarcados dos navios revoltosos e que sentinelas fossem colocadas para tomar conta dos cofres e pertences dos oficiais. A segunda ordem estabelecia censura nas comunicações radiográficas. E, a terceira ordem do dia estabelecia que os navios revoltosos estivessem prontos às cinco horas da tarde para que pernoitassem fora do porto.

A narrativa correspondente ao dia 24, além de conter informações sobre a movimentação dos navios e da comunicação entre eles, sempre marcando o horário exato dos fatos, possui também informações sobre a continuidade das negociações com o governo do Marechal Hermes.

O comandante José Carlos de Carvalho informou que o governo lhes concederia a anistia. No entanto, os revoltosos deveriam primeiramente render-se, o que não foi aceito por eles. Só se renderiam depois da anistia concedida.

João Cândido teria tido, segundo o texto, uma conversa com o comandante, indagando sobre os possíveis ataques do governo aos revoltosos, o que foi negado pelo deputado. No entanto, João Cândido não estava convencido, e, em uma demonstração de força e técnica dos marinheiros sublevados, ordenou que o navio fizesse um disparo.

Ainda no dia 24, novas ordens foram expedidas, e constam com seus respectivos artigos:

---

<sup>173</sup> CÂNDIDO, João. *Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade*. Op. cit., p. 307.

Dia 24, às 3 horas da madrugada, recebi um rádio, participando-me do comandante do São Paulo achar-se a esquadra a leste de Ponta Negra, 38 milhas deste porto; então fizeram-se à barra, a fim de entrarmos no porto às 9 horas da manhã; às 10 horas, recebi outro rádio, do comandante do Bahia e do Deodoro, participando-me este falta d'água e aquela falta de carvão; as 10 horas e 25 minutos expedi ordem de bordo do Minas Gerais para que o Bahia aprisionasse quatro batelões, que com carvão transitavam pela baía, sem, contudo, fazer ameaça e ao Deodoro, para que atracasse ao costado do Minas Gerais, a fim de abastecer-se de água; feito isto, resolvi mandar embarcar cem toneladas de carvão para o Minas, cem para o Bahia e cinquenta para o Deodoro; as 2 horas da tarde, chega a bordo do Minas o parlamentar para dizermos que, depois de uma longa conferência e um grande debate, o governo resolvera conceder-nos anistia. Tínhamos, porém, que depor as armas. Esta proposta não foi aceita pelos revoltosos, sendo as condições destes as seguintes: só deporiam as armas depois que tivessem a posse da anistia e continuariam nos mesmos navios, podendo, para isso, o governo retirar as munições.

Eu, em conversa com o comandante José Carlos tratei de informar-me se o governo pretendia atacar a esquadra revoltosa, o que este senhor respondeu-me negativamente. Perguntei por ter-me constado que seríamos atacados na noite de 24 pela divisão de contratorpedeiros. Soube também que o governo fora informado de que os marinheiros não seriam capazes de manobrar os mecanismos do Minas Gerais e do São Paulo. Estando eu ao norte da Ilha Fiscal, no Minas Gerais mandei que se fizesse um disparo, de uma das torres, com pólvora seca, em atitude de experiência, mostrando assim que éramos conhecedores dos aparelhos.

Ordem do dia nº4;

Art. 4: determina o Comando-em-Chefe que faça o serviço de ronda o couraçado Deodoro, examinado o interior da baía com muita cautela por que devemos ser atacados esta noite pelos destroieres;

Art. 5: recomendações para o reconhecimento da esquadra sob o meu comando, faço ciente o seguinte: cautela com os destroieres, guarnições em postos, baterias carregadas;

Art. 6: elogio - sou grato em louvar os “comandantes”, “oficiais” e praças pelo modo correto em que se houveram durante o bombardeio contra os torpedeiros, que pretendiam atravessar para o Mocanguê, a fim de aparelharem-se para o ataque. Determino que estejam com suas máquinas prontas durante a noite e luzes apagadas. Santo para hoje- São Paulo; senha- vitória. Partida às 5 horas da tarde.<sup>174</sup>

Os acontecimentos do dia 25 resumem-se às movimentações dos navios e o recebimento da informação de que a anistia havia sido concedida, fato que foi comemorado com a banda tocando o hino nacional. O dia 26 de novembro começou com a lavagem geral dos navios e terminou com a entrega dos navios ao seu novo comandante, o Capitão-de-Mar-e-Guerra Pereira Leite.

No dia 25, pelas 9 horas da manhã, recebi outro rádio, do comandante do couraçado Deodoro, participando-me estarem os torpedeiros em movimento no interior da baía, ao mesmo tempo em que o São Paulo comunicava-me ter notado, ao norte, navio inimigo. Grande confusão causou entre as guarnições. Então, resolvi marchar para o norte acompanhado pelo Bahia, deixando o São Paulo na barra, para, no caso de um ataque, este entrar com uma ação conjunta com o Deodoro. Depois de haver feito o reconhecimento e ter verificado tratar-se de navio particular, regressei novamente à barra, quando, às 4 horas da tarde, recebi novo rádio, do presidente da república, participando ter sido sancionado pelo mesmo o decreto que nos concedia a liberdade. Finda esta cerimônia, a banda de música executou o hino nacional.

<sup>174</sup> CÂNDIDO, João. *Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade*. Op. cit., p.308.

No final desse capítulo, o narrador já apresenta as apreensões que vieram a provocar o levante da Ilha das Cobras dias depois. Já o capítulo nove, trata do início da revolta no Batalhão Naval, bem como a saída dos oficiais do Minas Gerais, abandonando o navio sob os cuidados de João Cândido por temerem uma possível sublevação da guarnição deste navio. E ainda, as ações tomadas por João Cândido neste período em que esteve à frente do navio, novamente como havia ocorrido anteriormente com o levante de novembro.

Dia 26 à 1 hora da madrugada, determinei que se procedesse à lavagem geral dos navios, assim como os que tivessem as torres de baterias carregadas fazendo-se ao largo com cautela, a fim de descarregarem as mesmas para entrarmos no porto ao meio dia e entregarmo-nos às autoridades legais. Determinei também que estivessem prontos para salvarem com 21 tiros quando chegasse a bordo a comissão.

Às 2 horas da tarde, entrou-se no porto, às 3 horas e 30 minutos apresentava-se a bordo o Capitão- de- Mar –e- Guerra Pereira Leite.

O novo comandante foi, em nome do governo, entender-se com os revoltosos; recebido a bordo por mim, a guarnição prestou-lhe as continências devidas e indagou logo se o S. Exa. ia receber o comando, o que declarou que só mais tarde, com os demais oficiais. Declarou também que o governo queria que os reclamantes deixassem os navios e se aquartelassem em Villegaignon e, como se opusessem a esta condição, o Sr. Pereira Leite voltou a terra, a entender-se com o governo.

Logo depois que partiu de bordo o comandante Pereira Leite, reuniram-se no Minas Gerais comissões de todos os navios reclamantes, a fim de resolverem sobre a entrega dos navios ao governo.

Às 6 horas e 50 minutos, a esquadra reclamante arriava a bandeira encarnada e içava a branca e salvava com 21 tiros. O comandante Pereira Leite disse ao presidente que foi recebido respeitosamente e com todas as honras devidas a seu posto. Os marinheiros mostravam-se submissos, confiando-lhe o comando e acatando-lhe. Declararam-lhe ainda que o governo podia mandar retirar de bordo todas as munições.

Às 7 horas e 35 minutos, o Comandante Pereira Leite comunicava ao governo ter assumido o comando desse vaso de guerra.

Pedi, então, aos repórteres que estiveram a bordo do Minas gerais, que fizessem público de não ser verdade que eu ou qualquer dos meus companheiros de bordo usássemos fardas dos oficiais, ou insígnias dos mesmos.

Concedida esta e ocupando os seus postos os novos oficiais, vi que a ordem não se estabelecia a bordo.

Nos trabalhos de desembarque das munições, notava-se qualquer desafeição entre os antigos oficiais que presidiam estes trabalhos, sendo que alguns deles chegaram a informar-me que teríamos uma contrarrevolução e que para isso contavam com bons elementos. O que eu nunca tratei foi de saber por parte de quem viria dar-se este fato. Também recebi muitos conselhos de pessoas de minhas relações para que abandonasse o Brasil, o que me foi impossível na ocasião. Disseram-me, então, que ao estarmos todos recolhidos ao Quartel Central seríamos todos cruelmente atacados e mortos sem meios de defesa.

Esse e outros fatos prepararam no espírito dos marinheiros o novo levante.

No dia 7 de dezembro, às 10 horas da noite, rebentava a nova revolta<sup>175</sup>.

<sup>175</sup> CÂNDIDO, João. *Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade*. Op. cit., p.310.



Curiosamente, nesse momento, sua narrativa sobre os acontecimentos no Minas Gerais durante o levante da Ilha das Cobras gira em torno de alguns pontos de sua defesa no julgamento, processo que respondeu, dando destaque para os motivos pelos quais ele havia deslocado o Minas Gerais de local sem autorização dos oficiais. Estes foram os argumentos centrais da defesa em seu julgamento, o que aponta para uma escrita posterior ao julgamento e por um narrador conhecedor do processo.

Agora uma outra coisa. Os motivos que me levaram a retirar o Minas Gerais do porto foram:

1°- retirar o navio do alcance dos projéteis do morro de São Bento, que a este tempo já me causavam dano a seu bordo;

2°- ter recebido um radiograma do ministro da marinha, recomendando não dar asilo aos refugiados do batalhão naval e do hospital do sangue, onde a este tempo já existiam alguns prisioneiros feridos, e ainda por que chegava-me um emissário dos revoltosos, pedindo a adesão do Minas, no que não dei importância, não permitindo que tal embaixador penetrasse a bordo;

3°- por notar eu também qualquer anormalidade a bordo.

Tudo isso me fez retirar o navio para as proximidades da ilha do Viana. Não é exato que eu houvesse forçado o fornecedor a abastecer-nos de carvão; unicamente o convidei a fazê-lo. Pelas 3 horas da tarde apresentou-se, então, a bordo a oficialidade que se havia retirado.<sup>176</sup>

O capítulo dez trata dos acontecimentos ocorridos entre os dias 12 de dezembro e 25 daquele mesmo mês. Nele estão contidas informações sobre o pós-revolta do batalhão naval, bem como a prisão de João Cândido na Ilha das Cobras juntamente com muitos outros marinheiros, onde se deu o episódio da morte de muitos deles por ficarem muitos dias presos sem comida e sem água, assim como também sem ventilação.

O seguinte capítulo discorre sobre seus dias como prisioneiro na Ilha das Cobras até abril, quando foi transferido para o Hospital dos Alienados, por apresentar um quadro, que segundo os médicos militares, seria de loucura.

Ainda no capítulo onze, no décimo parágrafo, o narrador recorre a uma comparação para descrever o seu quadro. Ele compara a sua história à história de dois outros militares que foram presos e punidos injustamente. O primeiro um personagem fictício, o Conde de Monte Cristo; o segundo, um personagem real, o capitão Dreyfus<sup>177</sup>.

---

<sup>176</sup> Idem. Ibidem, p. 311.

<sup>177</sup> Curiosamente o jornal A Noite do dia 31 de agosto de 1911, na página dois, noticiava em sua matéria intitulada *João Cândido mensageiro*, que o marinheiro entregara uma carta de outro marinheiro preso junto com ele na Ilha das Cobras, Francisco Dias Martins, endereçada à imprensa, na qual fazia uma comparação da sua situação com a do Capitão Dreyfus preso na Ilha do Diabo.

A este tempo eu só me lembrava de Edmundo Dantés na Ilha de Monte Cristo e do Capitão Dreyfus na Ilha do Diabo. Todos os brasileiros devem saber perfeitamente quais foram os martírios desses dois homens. Pois bem, comigo são três no mesmo caso.<sup>178</sup>

O último capítulo encerra suas memórias com uma narrativa sobre seus últimos momentos na prisão e ainda sua soltura. Este capítulo contém uma contradição fundamental. Os últimos parágrafos trazem informações sobre o processo e o julgamento de João Cândido, e mais precisamente no décimo segundo parágrafo, ele narra o episódio da sua libertação após ser absolvido, o que não teria nenhum problema, se não fosse o fato de sua soltura ter se dado no dia 30 de dezembro de 1912 e a publicação do primeiro capítulo de suas memórias ter se dado, no dia seguinte, 31 de dezembro.

Como poderia João Cândido ter narrado os fatos de sua libertação um ano antes dela ocorrer, uma vez que o editor inicialmente informa que estava de posse das memórias a mais de um ano aguardando o melhor momento para a sua publicação? Ou João Cândido concedeu uma entrevista ao redator após sua soltura contando os acontecimentos do dia 30 de dezembro e, portanto as memórias foram concluídas à medida que foram sendo publicadas, ou o próprio redator introduziu informações que ele possuía sobre João Cândido, para concluir suas memórias, usando o nome de João Cândido como o narrador, quando na verdade o narrador era ele.

O fato é que, de uma maneira ou de outra, a informação inicial dada pelo redator de que ele possuía essas memórias a mais de um ano era provavelmente falsa, uma vez que, cronologicamente, havia contradições.

Em fins de outubro fui então pronunciado para responder ao conselho de guerra. Respondi. Fui absolvido. Houve apelação. Veio a anistia apresentada pelo Senador Urbano dos Santos. Foi concedida no dia 13 de dezembro, mas eu só saí no dia 30.<sup>179</sup>

Um fato interessante é que o julgamento de João Cândido tinha ocorrido ao longo daqueles últimos meses de 1912, culminando na sua sentença definitiva naquele mês de dezembro. Durante a duração do processo, diversos depoimentos foram prestados por João Cândido e demais testemunhas. A imprensa de modo geral teve acesso ao julgamento e ao processo, e, portanto aos depoimentos. Logo, subsídios para a construção das supostas memórias de João Cândido existiam.

---

<sup>178</sup> CÂNDIDO, João. *Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade*. Op. cit., p.316.

<sup>179</sup> CÂNDIDO, João. *Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade*. Op. cit., p. 319.

De fato, as memórias de João Cândido estão presentes nesta narrativa. No entanto, o narrador nem sempre é o mesmo, e informações extras foram adicionadas. Com base na análise da referida fonte, conclui-se que do primeiro capítulo até o capítulo sexto havia um narrador. Por sua vez, do final do capítulo sexto em diante o narrador é “outro”.

O primeiro narrador é um marinheiro que possui um senso de nacionalismo bastante evidente, compreendia o lugar do Brasil como um país dependente economicamente e desejava vê-lo crescer e se desenvolver, se modernizar, se tornar independente econômica e politicamente de maneira a ter sua soberania respeitada.

O primeiro narrador também é um militar e a sua visão de Brasil passa por uma Marinha moderna. Para ele, as forças armadas possuíam um papel fundamental na construção de um país moderno e soberano. Para ele, os marinheiros possuíam um papel importante dentro da Marinha e portanto devem ser tratados como tal. Os marinheiros, de acordo com ele, são como heróis, criaturas totalmente dispostas a darem seu próprio sangue pelo país, pois se sacrificavam todos os dias para ver o Brasil soberano e grande, respeitado e próspero.

Na sua narrativa, ele se identifica com os demais marinheiros. Todos são heróis, uma vez que todos se dedicam à pátria. Não há em sua narrativa nenhuma intenção de se destacar dos demais, ou se colocar a frente deles. E ainda é possível notar seu tom nostálgico de homem do mar, que sempre amou a Marinha e que mesmo estando em um momento difícil, preso, ainda assim a amava.

O segundo narrador, o que figura a partir do fim do sexto capítulo, é diferenciado. É perceptível seu intento de construir através de sua narrativa um personagem, João Cândido, identificado na figura de um herói, de um líder, um injustiçado. Um personagem que se destaca dos demais marinheiros. O personagem-narrador-João Cândido não se refere mais aos demais marinheiros como “meus companheiros”<sup>180</sup>, e sim como “os revoltosos”<sup>181</sup>.

Esse segundo narrador, se mostra bastante erudito, uma vez que ele incorpora em sua narrativa diversas citações, de obras literárias até conhecimentos políticos dos últimos anos. Ele cita a obra de Alexandre Dumas, *O conde de Monte Cristo*<sup>182</sup>, e deixa soltar um pouco sarcasticamente, talvez como um teste para o leitor, uma referência a Oscar Wilde, com o

---

<sup>180</sup> CÂNDIDO, João. *Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade*. Op. cit., p.296.

<sup>181</sup> Idem. Ibidem, p. 309.

<sup>182</sup> Idem. Ibidem, p. 316.

Retrato de Dorian Grey.<sup>183</sup> E ainda compara a situação do seu personagem com o Caso Dreyfus<sup>184</sup>. Além de destacar o respeito que o seu personagem teria com o tratado internacional de Haia<sup>185</sup>.

Podemos destacar também que o tom nostálgico, nacionalista e militarista desaparece completamente nesse segundo narrador. O que resta é somente um tom de respeito pelos oficiais da Marinha, pelo governo e por todas as autoridades existentes, pois como um herói, o personagem, mesmo liderando uma revolta, é partidário da ordem e do respeito à hierarquia, aos tratados, ao governo, à propriedade e à vida.

Pedi, então, aos repórteres que estiveram a bordo do Minas Gerais, que fizessem público de não ser verdade que eu ou qualquer dos meus companheiros de bordo usássemos fardas dos oficiais ou insígnias dos mesmos.<sup>186</sup>

Com base em toda a análise feita, conclui-se que a identidade do narrador inicial é de João Cândido, o que coincide com a informação prestada por ele a Morel, confirmando a escrita de suas memórias, conforme também consta nas observações médicas do hospital dos alienados. Provavelmente, suas memórias de quando retornou à ilha das cobras não foram destruídas e de alguma maneira foram parar nas mãos do redator da Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro.

O segundo narrador, muito provavelmente, é o próprio redator, que estando de posse das memórias originais decidiu atualizá-las, acrescentando os últimos acontecimentos da história de João Cândido, o que poderia ter sido feito usando como base os depoimentos do próprio, bem como dos demais depoentes no processo e julgamento dos revoltosos, e a própria fala da defesa.

Porém, em meio a esses dois narradores, ainda é possível observar um terceiro narrador nos dois últimos parágrafos do capítulo seis. Nele, conforme análise anterior, pode-se observar um narrador preocupado em desconstruir a imagem do personagem como líder ou herói, destoando completamente do restante da narrativa.

Misteriosamente, estes dois parágrafos fazem a separação exata entre os dois narradores apresentados anteriormente, o que nos leva a crer que muito provavelmente antes de suas

---

<sup>183</sup> Idem. Ibidem, p.306.

<sup>184</sup> Idem. Ibidem, p.316.

<sup>185</sup> Idem. Ibidem, p.305.

<sup>186</sup> CÂNDIDO, João. *Memórias de João Cândido ou o Sonho da Liberdade*. Op. cit., p.309.

memórias pararem nas mãos do redator da Gazeta, alguém já havia feito algumas inserções ao que seria o final da narrativa de João Cândido.

Desta forma, através da análise de seu conteúdo, da observação das intenções e argumentações do narrador e, ainda, da linguagem usada em diferentes ocasiões da narração, percebe-se a existência de três narradores diferentes ao longo do documento.

### 3 ENTREVISTA COM JOÃO CÂNDIDO EM 1968

O documento a ser analisado é uma entrevista concedida por João Cândido ao Museu da Imagem e do Som (MIS), no ano de 1968. Tratando-se de uma entrevista, possui uma série de particularidades. Nela podemos observar não apenas a voz de João Cândido, mas também dos demais personagens que a compõem. Cada um dos seus personagens possui interesses próprios, assim como também ideias próprias de como a entrevista deveria se desencadear.

Nela emergirão portanto diversas vozes e as lembranças de João Cândido são uma espécie de eixo condutor que a todos mobiliza. O documento se enquadra tanto como uma narrativa vivencial, quanto como um discurso de memória e ainda como uma escrita de si, ainda que com interferência de terceiros.

O documento referido possui uma série de especificidades, uma vez que além das características citadas acima, ele é, ainda, um documento marcado pela oralidade. Possui essas marcas e também aquelas associadas ao que caracterizava a produção de documentos dessa natureza em 1968, momento em que o debate sobre história oral no Brasil era bastante insipiente<sup>187</sup>.

Em primeiro lugar cabe destacar que o documento oral não tem sequer a enganosa aparência de naturalidade que pode envolver outros documentos escritos: uma entrevista ou um relato de vida é sempre provocado pelo pesquisador ou pela instituição ao qual este está ligado. Contudo, como nos demais documentos, nem sempre as intenções do pesquisador ou da instituição são manifestadas, ou mesmo, o próprio processo de construção da entrevista pode conduzir a resultados distintos dos esperados. Como já observado por inúmeros teóricos, um depoimento sempre se constitui a partir de relações de poder entre os participantes do processo. Neste sentido, um documento oral, exige, como qualquer outro, uma análise crítica que verifique: a) as intenções do pesquisador, isto é o lugar e a conjuntura histórica de produção da entrevista; b) sua condução, ou seja, o universo ideológico de entrevistador e entrevista- do, seus conflitos e superposições; c) os resultados obtidos através de sua realização, isto é, a hierarquia das ideias resultantes do processo e o seu lugar na historiografia que aborda a questão proposta.<sup>188</sup>

Temos como proposta além de compreender a construção do documento, distinguir as vozes envolvidas neste, ainda tentar compreender o processo de construção de memória pelo

---

<sup>187</sup> AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 9.

<sup>188</sup> ARIAS NETO, José Miguel de. João Cândido 1910-1968: arqueologia de um depoimento sobre a revolta dos marinheiros. *História Oral*, 6, 2003, p. 160.

qual passou o personagem principal, João Cândido e a partir de uma comparação entre este documento e o documento analisado no capítulo segundo.

A entrevista realizada com João Cândido foi gravada no dia 29 de março de 1968. Esta é uma data bastante emblemática, pois o ano de 1968 ficou gravado na história como um ano de muitos acontecimentos marcantes. Este foi um ano no qual ocorreram inúmeros protestos em todo o mundo desencadeados principalmente pela juventude.

Foram protestos contra a guerra do Vietnã, pela liberação sexual, o movimento feminista, o movimento hippie, o movimento estudantil contra o sistema educacional francês, entre outros. Este é o ano do assassinato de Martin Luther King nos Estados Unidos e da maior onda de protestos do movimento negro naquele país. No Brasil, o movimento estudantil ganhou corpo. A luta armada contra a ditadura militar foi incrementada e o ano termina com a instauração do AI- 5 que endurece ainda mais o governo dos militares<sup>189</sup>.

No entanto não é apenas o ano de 68 que é emblemático. O dia da entrevista também é, vinte e nove de março, um dia após a morte do estudante secundarista, Edson Luís de Lima Souto, assassinado pela Polícia Militar do Rio de Janeiro, durante um protesto dos estudantes no Centro do Rio. Sua morte desencadeou uma onda de protestos estudantis em todo o Brasil durante aquele ano.

Há algum tempo, os estudantes protestavam contra o sistema educacional brasileiro e também contra o Regime Militar. No entanto, o assassinato do estudante tomou proporção nunca antes vistos de maneira que influenciou muitos outros protestos.

Naquela fatídica quinta-feira, durante o jantar, no dia 28 de março de 1968, quando já passava das 18 horas, nós estudantes havíamos marcado um ato de protesto e estávamos concentrados no descampado, no que seria seguido de uma passeata, contra o preço das refeições, além das péssimas condições de higiene e a lentidão das obras do Calabouço. Foi, então, que choques da Polícia Militar, de início com cassetetes, cercaram o descampado, vindos pela galeria do Edifício da LBA e pela Avenida Marechal Câmara e atacaram-nos em uma atitude bestial de espancamentos com ordens de dispersão e abandono do local. Como não queríamos abandonar a área, corremos para o interior do galpão do Calabouço e, daquele lugar, revidávamos com o varejamento de pedras da obra. A polícia reagiu com rajadas de fuzis e metralhadoras para o alto, como forma de intimidação. Em seguida, baixou a linha de disparos, que eram respondidos com mais pedradas nossas, no que resultou em vários estudantes feridos e na tragédia da morte do estudante Edson Luís Lima Souto, assassinado com um tiro no peito, de pistola calibre 45, identificada depois, como do tenente Alcindo Costa, que comandava o Batalhão Motorizado da PM no local. Após os tiros que atingiram o Edson, nós entramos em clamor, gritando que mataram um jovem, chamando os policiais de assassinos. Perdermos o medo da morte e avançamos contra eles, carregando o corpo do Edson Luís, quando, finalmente, a polícia, receosa, retirou-se, depois de ter feito outras vítimas, dentre elas o

---

<sup>189</sup> ANTUNES, Ricardo; RIDENTI, Marcelo. Operários e estudantes contra a Ditadura: 1968 no Brasil. *Mediações*, v.12, n.2, Jul/Dez. 2007, p. 78-89.

comerciário Telmo Henriques, com um tiro na boca, e um porteiro do INPS que passava pelas imediações e que também tombou morto. Com o Edson ainda com vida e sangrando muito, eu tentei influenciar a turba, na confusão do empurra-empurra, para que ele fosse levado, rapidamente, para ser atendido no Hospital da Santa Casa, que fica próximo ao local. Todavia, só consegui meu intento depois de passados alguns minutos preciosos. Ao lá adentrar, o médico, Dr. Luís Fortes, declarou que o Edson já estava morto. Seu corpo, então, foi retirado da Santa Casa, sob protestos dos funcionários do hospital, e carregado aos brados de: “Abaixo a Ditadura Militar” e “Mataram um estudante e se fosse filho seu?” No trajeto até a Cinelândia, o corpo do Edson, ainda sangrava. Foi conduzido, deitado, no alto, sustentado por vários braços que se revezavam, por uma multidão enfurecida de estudantes e populares que se incorporaram, pela Rua Santa Luzia. Quando, por volta das 21 horas, seu corpo chegou, foi depositado no saguão da Assembleia Legislativa da Guanabara (hoje Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro), onde foi velado, até o dia seguinte.<sup>190</sup>

Naquela manhã do dia 29 de março, o dia da entrevista, os jornais da cidade noticiavam o fatídico ocorrido. As pessoas se aglomeravam na Cinelândia, onde o corpo estava sendo velado. Estudantes de diversos lugares apareceram, mobilizados por diferentes grupos estudantis.

Naquele dia, as escolas do Estado não tiveram aula. O governador Negrão de Lima ordenou fechá-las. Porém, os estudantes foram todos para a Cinelândia onde o corpo era velado. A maior parte deles, como observado pelos repórteres do jornal O Globo, tinham entre 15 e 18 anos.<sup>191</sup>

A multidão reunida cantava o hino nacional e discursos inflamados contra a ditadura e a Guerra do Vietnã eram apresentados. Capacetes da polícia eram arremessados contra os prédios em meio a gritos e protestos. Naquele momento, João Cândido estava no estúdio do Museu da Imagem e do Som, na Praça Marechal Âncora, a aproximadamente mil e trezentos metros da Cinelândia.

Seu enterro, no dia 29 de março de 1968, foi acompanhado por um cortejo gigantesco, até o Cemitério São João Batista. Deputados estaduais encheram-se de coragem e, em sessão noturna da Assembleia, extraordinariamente convocada, conclamavam o governador Negrão de Lima a tomar medidas contra o ato infame e covarde. Vários de nós ficamos com nossas roupas tintas do sangue daquele jovem em plena flor da idade. Durante todo o resto de noite do dia 28, na madrugada e em toda a manhã e tarde do dia 29 de março, uma grande e crescente multidão se comprimia na Cinelândia. Ouviram-se muitos oradores, com os mais candentes discursos a vituperar a ditadura, exigir sua derrubada, reivindicar a volta das liberdades democráticas e denunciar vários outros crimes cometidos pelos golpistas de abril de 64.<sup>192</sup>

<sup>190</sup> QUEIROZ, Airton. A morte de Edson Luis. In: FERRER, Eliete (Org.). *68 a geração que queria mudar o mundo: relatos*. Brasília: Ministério da Justiça, Comissão de Anistia, 2011, p.161.

<sup>191</sup> Duas comissões apuram a morte do jovem Globo, 30 de março de 1968. Disponível em: (<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=196019680330>).

<sup>192</sup> QUEIROZ, Airton. A morte de Edson Luis. Op. cit., p.162.



Muito provavelmente, os personagens da entrevista passaram pelo local naquela manhã e puderam assistir a toda comoção existente. Ao vislumbrarem tantos jovens mobilizados, nutriam esperança por um futuro melhor para o país, pois ao longo da entrevista os jovens foram lembrados diversas vezes e o depoimento de João Cândido será justificado como um exemplo para estes.

Enquanto João Cândido concedia seu depoimento ao MIS, o corpo do estudante era encaminhado para o cemitério São João Batista em Botafogo. O cortejo que saiu da Cinelândia levando o corpo percorreu as ruas do Centro e da Zona Sul, seguido de milhares de pessoas, havia uma comoção na cidade.

O cortejo levou mais de três horas. Passou pelo Aterro do Flamengo e Botafogo. Causou um grande engarrafamento, conforme noticiava no dia seguinte o jornal O Globo, um engarrafamento como nunca havia se visto antes na cidade do Rio de Janeiro, que ia da Lapa até Botafogo.<sup>193</sup>

No percurso, muitos incidentes ocorreram. Muros foram pichados, um policial esmurrado e carros incendiados. A população saía à rua para acompanhar o cortejo. Do alto dos prédios caía uma chuva de papel picado e avistavam-se diversas bandeiras do Brasil penduradas nas janelas e varandas e também fitas negras como sinal de luto.

Era um momento delicado da situação do país, mas também um momento que parecia decisivo, no qual as pessoas acreditavam que era necessário fazer algo que trouxesse transformação. Portanto, a entrevista de João Cândido foi profundamente marcada por esta situação. Embora em nenhum momento tenha sido explicitado o ocorrido com o jovem no dia anterior, ficou subentendido através da fala de João Cândido e também do entrevistador.<sup>194</sup>

---

<sup>193</sup> Duas comissões apuram a morte do jovem Globo, 30 de março de 1968. Disponível em: (<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=196019680330>).

<sup>194</sup> João Cândido era uma figura importante para a esquerda brasileira, a sua imagem era representativa da luta e da resistência das classes oprimidas contra seus opressores. Dentro desta lógica, havia uma expectativa muito grande com sua entrevista ao MIS. O golpe militar de 31 de março de 64 foi instaurado como uma reação do governo de João Goulart que havia assumido a presidência em 1963. Essa reação ao seu mandato se deu basicamente como uma resistência ao seu programa de governo que pretendia instaurar as reformas de base, tais como reformas fiscais, bancárias, agrária, bem como na educação. Dentro do contexto da guerra fria, o presidente era visto por alguns setores mais conservadores da sociedade brasileira como o encarnação da ameaça comunista. Um fato importante que contribuiu para o avanço do golpe militar, foi a Rebelião dos Marinheiros, os quais se reuniram no dia 25 de março de 1864 para comemorar o aniversário de sua associação. Os marinheiros faziam diversas reivindicações que a Marinha não aceitava e o ministro da Guerra Silvío Motta havia expedido ordem de prisão aos organizadores. Estes foram presos, no entanto, Goulart concedeu anistia aos rebelados, o que foi recebido com grande descontentamento pelos oficiais de alta patente. João Cândido esteve presente na reunião dos Marinheiros poucos dias antes, ele era uma figura de destaque para os marinheiros ainda em 1864. Com a instauração do Regime Militar, os militantes da esquerda brasileira foram excluídos do poder e passaram a ser perseguidos. Diversos grupos se formaram com o intuito de combater a ditadura e tiveram papéis diferentes nesta luta. O movimento

A entrevista ao MIS não foi marcada apenas pelo contexto histórico do país. Os interesses do próprio museu tiveram um papel importante para a compreensão da existência desta entrevista e de sua estruturação. A entrevista de João Cândido estava inserida nos “Depoimentos para a posteridade”, onde personagens importantes da história do Brasil concediam seus relatos orais de forma a criar testemunhos para a posteridade.

O museu também passava por uma difícil situação financeira e estes depoimentos permitiriam a sua sobrevivência financeira frente ao Banco do Estado da Guanabara. Desta maneira fica evidente quais eram os interesses do museu, que foi representado na entrevista principalmente pela própria figura do seu diretor, Ricardo Cravo Albin<sup>195</sup>, que participou ativamente da entrevista, direcionando-a em alguns momentos.

A entrevista tinha um papel importante para o museu, uma vez que era uma das várias entrevistas realizadas com o intuito de criar um acervo inovador com figuras de destaque. A projeção institucional do museu dependia, naquele momento, destas entrevistas.

A entrevista com João Cândido foi a primeira e única gravação secreta do MIS. O nome de João Cândido, segundo Ricardo Cravo Albin, Diretor do MIS, em 1968, encabeçava uma lista de nomes de personalidades brasileiras perseguidas pelo regime que não poderiam morrer sem registrar seus depoimentos para a posteridade. Esta lista havia sido fornecida por Darcy Ribeiro, exilado no exterior, com quem Cravo Albin mantinha correspondência secreta.<sup>196</sup>

Durante a análise da entrevista, recorreremos muitas vezes ao livro “A Revolta da Chibata” de Edmar Morel, pois este é inúmeras vezes lembrado durante a entrevista com João Cândido. Sua primeira edição é de 1959 e foi o primeiro trabalho de natureza historiográfica sobre o tema e teve grande repercussão. O livro esteve presente na entrevista ao MIS não apenas através de citações explícitas, mas também implicitamente.

Recorreremos também ao trabalho do historiador Arias Neto, em seu artigo intitulado “João Cândido 1910-1968: arqueologia de um depoimento sobre a Revolta dos Marinheiros”.

---

estudantil (ME), a Ação Popular (AP), a Aliança Nacional Libertadora (ANL), o Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8), dissidências comunistas como Partido comunista do Brasil (PC do B), Dissidência da Guanabara (DI-GB) e Dissidência de São Paulo (DI-SP). Acontecimentos tais como Passeata dos Cem mil, Batalha da rua Maria Antônia, XXV Congresso da UNE em Ibiúna SP reuniram diversos desses grupos. Dentro deste panorama a entrevista de João Cândido era aguardada com grande expectativa pela esquerda.

<sup>195</sup> Ricardo Cravo Albin nasceu em 1943 e no momento da entrevista era diretor executivo do MIS.

<sup>196</sup> CRAVO ALBIN, Ricardo. *João Cândido, o Almirante Negro*. Rio de Janeiro: Gryphus: Museu da Imagem e do Som, 1999, p. 63.

Nele o autor fez uma análise da entrevista de João Cândido ao MIS. Desta maneira dialoga-se com este trabalho.

Da entrevista, participam diversos personagens. O primeiro deles é o próprio João Cândido. O segundo é o seu filho, Adalberto Cândido que esteve presente acompanhando o pai. O terceiro personagem é o entrevistador oficial, o historiador Hélio Silva. Participam também Sérgio Junqueira, que na época era o superintendente do museu, Ricardo Cravo Albin diretor executivo do MIS e ainda a jornalista Dulce Alves.

Não se pode perder de vista que o João Cândido que concedeu essa entrevista já era um outro, especialmente se comparado ao João Cândido das memórias publicadas em 1912, analisadas no capítulo anterior. Em 1968 ele possuía oitenta e seis anos e mais de cinquenta anos haviam se passado desde 1912.

Adalberto Cândido, filho do personagem principal, na época estava com 30 anos era o filho mais novo de João Cândido. Nasceu mais de vinte anos depois que seu pai foi excluído da Marinha. Embora presente no depoimento, fez apenas algumas intervenções pontuais durante a entrevista.

O historiador Hélio Silva (1904-1995) foi o entrevistador. Ele é mais conhecido como historiador, no entanto, desempenhou ao longo de sua vida várias profissões. Foi jornalista e médico. Trabalhou em diversos jornais e no fim da sua vida tornou-se monge beneditino. Ao longo de sua trajetória, escreveu cerca de sessenta livros sobre o Brasil.<sup>197</sup>

Sergio Junqueira e Dulce Alves apenas assistiram a entrevista, não participam ativamente dos diálogos. Já Ricardo Cravo Albin, participou ativamente. Ricardo Cravo Albin nasceu em 1943, é historiador, musicólogo e jornalista atualmente é o presidente do Instituto Cravo Albin.<sup>198</sup>

Os diálogos travados ao longo da entrevista se desenrolam entre João Cândido, Hélio Silva e Ricardo Cravo Albin. Embora Hélio Silva fosse o entrevistador, Cravo Albin fez algumas interferências, por estar em alguns momentos nitidamente insatisfeito com as respostas de João Cândido.

A entrevista é a todo momento um enfrentamento, à medida que interesses diferentes influenciam cada um dos envolvidos que participaram dela. Hélio Silva havia lido o livro “A

---

<sup>197</sup> [http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout\\_autor.asp&AutorID=508160](http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=508160), consulta dia 20 de novembro de 2014.

<sup>198</sup> <http://www.dicionariompb.com.br/ricardo-cravo-Albin/biografia>, consulta dia 21 de novembro de 2014.

Revolta da Chibata”, de Edmar Morel e apropriou-se de suas ideias. Ele demonstrou ao longo da entrevista que considerava o referido livro, que inclusive o possuía em mãos no momento do diálogo, como a história verdadeira de João Cândido.

Hélio Silva revelou-se ao longo do diálogo como alguém que já era conhecedor da história de João Cândido e desejava apenas a confirmação por parte do entrevistado de verdades já previstas. Ele não estava interessado em saber de João Cândido o que havia ocorrido e implicitamente pedia a confirmação do que ele julgava ser a verdadeira história já devidamente elaborada. Hélio Silva foi o condutor da narrativa construída a partir da entrevista. A narração guiada por ele tenta construir uma imagem de João Cândido como um herói.

Ricardo Cravo Albin desejava ouvir João Cândido e tudo o que ele tinha a contar com o máximo de detalhes possíveis. No entanto, ele desejava informações sobre um acontecimento específico: a Revolta da Chibata, suas causas e os seus desdobramentos.

João Cândido ora apresentava uma postura que em alguns momentos transparece o desejo de não desapontar o entrevistador, confirmando sua posição de herói e ora transparece seus desejos e divagações.

Nesse embate de interesses, muitas vezes os entrevistadores falaram mais do que o entrevistado. João Cândido foi interrompido inúmeras vezes e sua narrativa redirecionada de maneira a atender o que se pretendia com ela. A entrevista tornou-se, em alguns momentos, bastante cansativa uma vez que os temas debatidos não completamente esclarecidos eram retomados mais à frente. Isto se repetiu inúmeras vezes. O diálogo tomou a forma de um cabo de guerra em que cada lado era puxado por uma das partes.

Realizar-se-á uma análise detalhada do diálogo em sua íntegra para uma melhor compreensão de sua estrutura e formação, privilegiando a sua cronologia real. No entanto, em alguns momentos, esta análise parecerá o desenrolar de uma teia bastante confusa com muitas idas e vindas, uma vez que seguiremos a sequência do diálogo e este é cheio de idas e vindas. No nosso entendimento, esta é uma escolha necessária para uma compreensão mais apurada sobre as especificidades da entrevista.

Atualmente, a entrevista de João Cândido encontra-se transcrita em uma publicação do MIS, no entanto, esta transcrição possui inúmeras falhas. Algumas partes da entrevista não estão transcritas, outras foram resumidas e algumas falas dos personagens foram alteradas, perdendo algumas características próprias da oralidade.

Pelos motivos apresentados acima foi necessária uma nova transcrição. O texto da entrevista transcrito neste trabalho é resultado de uma transcrição própria, realizada através de algumas visitas ao Museu da Imagem e do Som.

RICARDO CRAVO ALBIN: Atenção: gravação para o ciclo de História Contemporânea do Museu da Imagem e do Som, realizada hoje, dia vinte e nove de março de 1968, gravação em que será ouvido a figura histórica de João Cândido, João Cândido cujo depoimento começa aos dois minutos para as treze horas deste dia no estúdio do Museu da Imagem e do Som, à Praça Marechal Âncora será entrevistado por... pelo historiador Hélio Silva. À mesa, assistindo ao depoimento de João Cândido, o seu filho, nome completo?

ADALBERTO CÂNDIDO: Adalberto Cândido.

RICARDO CRAVO ALBIN: Adalberto Cândido, a jornalista Dulce Alves e o superintendente do museu, Sérgio Junqueira, além do Diretor executivo, que está no momento abrindo esse depoimento, Ricardo Cravo Albin. Passo a palavra ao historiador Hélio Silva.

HÉLIO SILVA: João Cândido, você se tornou um nome da História do Brasil, um nome da história mundial porque se ligou a uma causa de libertação. Há momentos em que cada um de nós pode crescer tão desmesuradamente que, com o passar do tempo, olha-se o que foi feito e parece impossível que um homem num dado momento tenha tido essa capacidade de realização, que nesse momento você foi um símbolo. Eu pergunto a este velho, embora um velho forte, um homem válido ainda, mas em que os anos marcaram duramente a sua passagem. Eu pergunto, em primeiro lugar: você se recorda perfeitamente do que aconteceu a vinte e dois de novembro de 1910?

JOÃO CÂNDIDO: Recordo.<sup>199</sup>

Já na primeira fala do entrevistador, Hélio Silva, fica evidenciada sua posição em relação ao entrevistado e aos fatos que ainda serão narrados. Antes mesmo de João Cândido proferir uma única palavra, o entrevistador já concluíra o resultado do diálogo que ainda seria travado.

Para ele, João Cândido é um herói, “um nome da história do Brasil”, “um nome da história mundial”. E a Revolta da Chibata é “uma causa de libertação”. Portanto um movimento justo e oportuno. E a causa para tal empreendimento é o próprio entrevistado que com sua extrema “capacidade de realização” conseguiu dar sucesso a causa.

Desta maneira, João Cândido ali estava apenas para confirmar essa versão da história, confirmar sua posição de destaque e heroísmo. O que se confirma com a pergunta do entrevistador ao final de sua fala, o que vai se repetir por todo o diálogo. O entrevistador primeiramente expõe suas ideias e opiniões e no final acrescenta uma pergunta a João Cândido com o intuito de conseguir uma confirmação.

HÉLIO SILVA: Você, se hoje você voltasse a ser o mesmo marujo daquele dia, embora a vivência desse novo período de mais de cinquenta anos tivessem dado a você uma longa experiência da vida e dos homens, se o João Cândido vivido de hoje voltasse a ser o João Cândido moço daquele tempo, se fosse possível esse milagre, de reunir a sua experiência e a sua mocidade, você teria agido, hoje, se hoje fosse dia dez, vinte e dois de novembro de 1910, você teria agido como agiu?

JOÃO CÂNDIDO: Teria agido da mesma forma.<sup>200</sup>

<sup>199</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido ao Museu da Imagem e do Som. Transcrição realizada por Patrícia Coutinho Rangel da Silva. Loc.: Museu da Imagem e do Som (IMS) 242. 29 de março de 1968.

A preocupação inicial do entrevistador é confirmar se o entrevistado recordava-se dos acontecimentos antigos vividos. Se ele ainda achava que aquela era realmente a postura correta a ser tomada naquele momento e se ele ainda tomaria a mesma posição no tempo presente. O que é confirmado positivamente por João Cândido. Essas duas confirmações abrem caminho para que a entrevista possa ser concretizada.

HÉLIO SILVA: Bravos. Você é um homem coerente com sua vida. Agora, eu pergunto então, num momento em que isso vai ser fixado numa fita para a posteridade. Uma fita em que os moços de amanhã, não conhecendo mais você, sem ter a menor de quem eu seja, terão apenas na fixação da sua voz um depoimento, e na minha como que um reflexo, apenas um interrogatório. O entrevistado é você, é você que deve falar. É preciso fixar quem foi este homem que passou todo este tempo e que não desapareceu nem desaparecerá. Seu nome todo: João Cândido...

JOÃO CÂNDIDO: João Cândido Felisberto.

HÉLIO SILVA: Filho de...

JOÃO CÂNDIDO: Filho de João Cândido Felisberto.

HÉLIO SILVA: E sua mãe?

JOÃO CÂNDIDO: Inácia Felisberto.

HÉLIO SILVA: Nascido quando?

JOÃO CÂNDIDO: 24 de julho de 1880.

HÉLIO SILVA: Aonde?

JOÃO CÂNDIDO: Na cidade de Rio Pardo.

HÉLIO SILVA: Família numerosa? Quantos irmãos você tinha?

JOÃO CÂNDIDO: Tinha... tinha três irmãos e quatro irmãs.<sup>201</sup>

O entrevistador lembra a João Cândido a necessidade daquela gravação. Ela possibilitaria deixar para a posteridade o conhecimento da figura de quem foi o entrevistado. Nesse momento, o entrevistador deixa muito claro, tanto para o próprio João Cândido quanto para qualquer outra pessoa que viesse a escutar a gravação, o seu real intuito. A partir daquele momento João Cândido tomou conhecimento da responsabilidade que lhe estava sendo imposta e o que esperavam dele naquela entrevista. O peso de tal responsabilidade vai transparecer na fala de João Cândido em alguns momentos.

Outra questão abordada pelo entrevistador nesse momento inicial foi a ideia de que era João Cândido deveria falar. Ele deveria contar a sua história, a sua versão dos fatos. E ele, o entrevistador, seria apenas o “reflexo” de João Cândido. Uma figura desconhecida e de pouca relevância naquele diálogo.

---

<sup>200</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido ao Museu da Imagem e do Som. Transcrição realizada por Patrícia Coutinho Rangel da Silva. Loc.: Museu da Imagem e do Som (IMS) 242. 29 de março de 1968.

<sup>201</sup> Idem.

No entanto, não foi o que ocorreu. Muito pelo contrário, em diversos momentos, a figura do entrevistador vai sobressair a do entrevistado e será a fala de João Cândido que aparecerá como um reflexo da fala do entrevistador.

HÉLIO SILVA: Porque você entrou para a Marinha de Guerra? Você foi voluntário ou você foi recruta?

JOÃO CÂNDIDO: Depois da revolta de Floriano, como houvesse falta de... de marinheiros na... na Armada, a Marinha tava esfacelada, eu fora transferido do Arsenal de Guerra, que tinha excesso de alunos o Arsenal de Guerra de Porto Alegre, para a escola de mari... de aprendiz de marinheiros da Marinha.

HÉLIO SILVA: Você tinha portanto, ingressado na Marinha e ingressado numa escola? Você era um moço pobre que queria melhorar de situação, situação inclusive intelectual. Você entrou para uma escola onde você iria aprender, e dessa escola você passou para...

JOÃO CÂNDIDO: Para a Marinha.

HÉLIO SILVA: Para a Marinha. Com que idade você ingressou na Marinha, vestiu a farda de grumete?

JOÃO CÂNDIDO: Com quatorze anos.<sup>202</sup>

Hélio Silva, o entrevistador, continua seu interrogatório. Era importante saber o motivo pelo qual João Cândido teria entrado para a Marinha. A pergunta “você foi voluntário ou você foi recruta?” é sintomática de uma preocupação do entrevistador de situar João Cândido fora da ideia de recruta. Já que este servia à Marinha por obrigação, e não por escolha própria.

Sabe-se que a Marinha, no final do século XIX e início do século XX, realizava muitos recrutamentos forçados para completar os seus quadros. Para isso incorporava diversos elementos considerados na sociedade da época como indesejáveis, tais como os desordeiros, vagabundos e ladrões.<sup>203</sup> Logo, Hélio Silva estava preocupado em colocar João Cândido do lado dos voluntários, daqueles que entravam para a Marinha com o intuito de servir à pátria ou para ter uma vida melhor. Obviamente, este perfil se enquadrava muito melhor à imagem de um herói.

O entrevistador estava tão fixado nessa premissa que ele atribuiu a João Cândido uma resposta que este não lhe havia dado. Como bem observado pelo historiador Miguel Arias Neto em sua já referida análise, o entrevistador afirma que João Cândido havia entrado para a Marinha por ser pobre e querer melhorar de vida recebendo uma boa educação<sup>204</sup>. Esta afirmação é claramente exterior ao entrevistado, uma vez que João Cândido não afirma isso. No

<sup>202</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido ao Museu da Imagem e do Som. Transcrição realizada por Patrícia Coutinho Rangel da Silva. Loc.: Museu da Imagem e do Som (IMS) 242. 29 de março de 1968.

<sup>203</sup> MOREL, Edmar. A Revolta da Chibata... Op. cit., p.79.

<sup>204</sup> ARIAS NETO, José Miguel de. João Cândido 1910-1968: arqueologia de um depoimento sobre a revolta dos marinheiros. *História Oral*, 6, 2003, p.166.

entanto, ele não a nega e implicitamente a confirma ao completar a frase do entrevistador. Esta atitude compassiva de João Cândido repete-se inúmeras vezes. É uma postura de confirmação da fala de Hélio Silva.

HÉLIO SILVA: Com quatorze anos de idade. Com que idade você deixou a Marinha, foi desligado?

JOÃO CÂNDIDO: Com... com trinta e dois anos.

HÉLIO SILVA: Portanto você pertenceu à Marinha...

JOÃO CÂNDIDO: Dezesete anos.

HÉLIO SILVA: Dezesete... dezoito anos (pausa longa). Você deixou ...

JOÃO CÂNDIDO: Pertenci à Marinha de cinco de dezembro de 1895 a trinta de dezembro de 1912.

HÉLIO SILVA: Você deixou forçado. Você teria deixado voluntariamente a Marinha?

JOÃO CÂNDIDO: Não senhor. Fora excluído.

HÉLIO SILVA: Você teria se possível pertencido até hoje à Marinha?

JOÃO CÂNDIDO: Certamente hoje estaria hoje afastado já, pois já teria...

HÉLIO SILVA: Então, você não guarda queixas da Marinha?

JOÃO CÂNDIDO: Não, nenhuma.

HÉLIO SILVA: Você não tem queixas do mar?

JOÃO CÂNDIDO: Não, o mar era meu amigo.<sup>205</sup>

João Cândido é estimulado pelo entrevistador a falar sobre sua posição em relação à Marinha. A pergunta é feita quatro vezes de diferentes formas. João Cândido afirma repetidamente que possui uma visão positiva sobre a Marinha. Ele não tem queixas e se fosse possível ainda hoje pertenceria a corporação.

No entanto, no decorrer do diálogo, ele mesmo apresenta inúmeras queixas dos oficiais da Marinha. Muito provavelmente, ele separava a Marinha dos seus oficiais. Para ele, uma coisa era a Marinha Instituição, outra coisa eram os oficiais que a comandavam. Suas queixas restringiam-se a eles, à Marinha ele era agradecido, como ele mesmo expõe em alguns momentos do diálogo.

Se, por um lado, ele é bastante orgulhoso de seus feitos na Marinha e de tudo o que lá aprendeu, por outro lado sua vida tornou-se bastante difícil graças a algumas intervenções que sofreu ao longo dela por parte de alguns oficiais. Portanto, se por um lado essa posição é verdadeira, por outro ela é bastante questionável.

HÉLIO SILVA: Em 1910, é preciso que os que no futuro ouvirem essa conversa tenha ideia do que fez. Eu não estou tão aliado do problema. Em 1906, no dia 21 de janeiro, explodiu o encouraçado Aquidabã. No bojo deste navio ficou o corpo do meu pai, Mario Ribeiro da Silva, oficial combatente, professor da Escola Naval. Portanto, na minha infância eu me familiarizei com muitas coisas da Marinha, encontrei velhos amigos de meu pai. Mas eu estou ouvindo e aprendendo com você. Era uma tradição na Marinha de todo o mundo o castigo corporal, que foi abolido à

<sup>205</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido ao Museu da Imagem e do Som. Transcrição realizada por Patrícia Coutinho Rangel da Silva. Loc.: Museu da Imagem e do Som (IMS) 242. 29 de março de 1968.



proporção que o homem teve sentimento da sua dignidade... No Brasil, legalmente, o castigo corporal foi abolido com a proclamação da República, mas de fato o castigo corporal não tinha sido abolido na Marinha?

JOÃO CÂNDIDO: O terceiro decreto assinado por Deodoro foi abo... abolindo o castigo corporal nas Forças Armadas.

HÉLIO SILVA: Mas não entrou em vigência esse artigo na Marinha. A Marinha continuava a castigar. Por que faltas eram castigados os marinheiros?

JOÃO CÂNDIDO: Pelas mínimas, mínimas faltas.

HÉLIO SILVA: Não respondiam a inquérito, era uma coisa sumária.

JOÃO CÂNDIDO: Era só antipatia. Tomava antipatia do oficial e pronto.

HÉLIO SILVA: Apenas os marinheiros ou os inferiores também eram castigados?

JOÃO CÂNDIDO: Os inferiores andavam...

HÉLIO SILVA: Castigavam os sargentos?

JOÃO CÂNDIDO: ...mas certamente eram punidos com rebaixamentos e transferências...<sup>206</sup>

O entrevistador iniciou sua fala, como será muito comum ao longo da entrevista, com uma afirmação exterior ao diálogo. Assim que começou a falar sobre 1910, fez uma pausa, retrocedeu e ressaltou a importância que todos no futuro devem saber o que João Cândido fez. Em seguida acrescenta um fato de sua própria vida que lhe conferia um lugar de autoridade no assunto. Ele não é qualquer um, conhece o que está falando.

Só depois então continua para comentar sobre os castigos corporais na Marinha de Guerra do Brasil no início do século XX. No entanto, antes da pergunta ele fez as afirmações e por fim solicitou a confirmação do entrevistado. Como João Cândido não lhe deu a confirmação esperada de imediato, o entrevistador o interrompeu, reafirmou o que havia dito e pediu novamente a confirmação, assim transcorreu o diálogo por certo tempo.

Podemos inferir deste diálogo, o lugar que Hélio Silva esperava imputar aos marinheiros revoltosos. Eles eram cidadãos aos quais a República não estava garantindo a observação dos seus direitos. A República assim que instaurada, havia promulgado a lei que acabava com os castigos corporais na Marinha. Porém essa lei não era respeitada, nunca teria entrado em vigor.

A resposta de João Cândido não estava plenamente de acordo com esta ideia, uma vez que ele afirmou que tal decreto feito por Deodoro “foi abolindo os castigos corporais”, ou seja, os castigos foram gradativamente diminuindo. Esta afirmação gerou uma divergência entre eles, fato que pode ser observado na fala seguinte de Hélio Silva que a inicia com a preposição “mas” e logo em seguida volta a afirmar o que havia dito antes, ignorando totalmente o que João Cândido havia dito.

---

<sup>206</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido ao Museu da Imagem e do Som. Transcrição realizada por Patrícia Coutinho Rangel da Silva. Loc.: Museu da Imagem e do Som (IMS) 242. 29 de março de 1968.

Esta postura de Hélio Silva demonstra uma relutância do entrevistador em abrir mão da imagem que ele mesmo criara sobre o entrevistado e a Revolta da Chibata. Ele deveria garantir que esta seria a imagem conhecida no futuro sobre o tema. O que as pessoas no futuro deveriam conhecer através daquela entrevista não era o que João Cândido tinha a dizer, mas sim o que ele, Hélio Silva, tinha a afirmar sobre João Cândido.

HÉLIO SILVA: E esse castigo era feito de forma... já em si era um castigo aviltante. A prova é que a chicotada é considerado um crime com agravante, é ultrajante. Mas revestia-se esse castigo de circunstâncias mais aviltantes, como era chicoteado o marinheiro?

JOÃO CÂNDIDO: Amarrados em... em um aparelho, um... um pau... um ferro que tem nas... nas cobertas dos navios, eram expostos ali, amarrados e castigados brutalmente.

HÉLIO SILVA: Nus da cintura para cima?

JOÃO CÂNDIDO: Nu da cintura para cima.

HÉLIO SILVA: E a marujada formada, era um espetáculo público?

JOÃO CÂNDIDO: Era espetáculo.

HÉLIO SILVA: Quer dizer, era um espetáculo de castigo físico e de degradação. E essas... como era esse instrumento de suplicio?

JOÃO CÂNDIDO: Quando não eram as varas de marmelos, era uma... uma corda intitulada corda de... de barca, linha de barca, e sempre os carrascos colocavam agulhas e pregos, preguinhos pequenos na ponta, coberto...<sup>207</sup>

Direcionado pelo entrevistador, o diálogo seguiu sobre os castigos físicos que teriam sido a grande causa de insatisfação entre os marinheiros. Segundo a imagem construída no diálogo, os castigos corporais, além castigo físico em si, eram barbaramente uma grande humilhação pública. E os marinheiros eram vítimas das barbaridades e de ódios dos oficiais que os castigavam pelas “mínimas faltas” só por “antipatia” e de forma “sumária”.

HÉLIO SILVA: Esse tipo de açoite com pequenas peças de ferro ou de pedra são destinadas a arrancar pedaços de carne. Foi o tipo de açoite com que foi flagelado Jesus Cristo (pausa longa). Havia, portanto, um protesto, um movimento generalizado de repulsa a essa situação. Havia como que um estado latente. Todos eram contra ou havia alguma conspiração em curso, havia um movimento articulado para um determinado protesto ou foi uma coisa num dado momento, espontânea, que ... (ininteligível).<sup>208</sup>

Os marinheiros haviam sido injustiçados tal qual Jesus Cristo. Esta foi a analogia que fez Hélio Silva. O historiador José Miguel Arias Neto fez uma análise bastante interessante sobre o fato e que vale a pena ser considerada:

<sup>207</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido ao Museu da Imagem e do Som. Transcrição realizada por Patrícia Coutinho Rangel da Silva. Loc.: Museu da Imagem e do Som (IMS) 242. 29 de março de 1968.

<sup>208</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido ao Museu da Imagem e do Som. Transcrição realizada por Patrícia Coutinho Rangel da Silva. Loc.: Museu da Imagem e do Som (IMS) 242. 29 de março de 1968.

Anos mais tarde esta associação apareceu também na música de João Bosco e Aldir Blanc: “Rubras cascatas, jorravam das costas dos santos entre cantos e chibatas”. Esta santificação pode ter múltiplos significados. Um deles é o apelo à sensibilidade do ouvinte/ leitor para que este compreenda o sofrimento e a humilhação sofrida pelos marinheiros e, neste sentido, a revolta justificava-se plenamente já que estes não são como Cristo e não têm uma missão divina a cumprir na terra. Se Cristo suportou os suplícios a que foi submetido é porque isto fazia parte de um dado plano de salvação da humanidade. Já para os marinheiros não havia sentido em suportar os suplícios, daí a compreensão e a legitimidade da revolta destes homens contra atos de brutalidade dos oficiais de Marinha. Neste sentido o movimento é despolitizado. Não há uma lógica social e militar no regime disciplinar, apenas violência pura. A revolta é uma reação contra esta situação discricionária e arbitrária.<sup>209</sup>

A análise de Arias Neto é bastante pertinente e contribui para uma compreensão da imagem que estava sendo montada sobre João Cândido e os demais marinheiros pelo entrevistador Hélio Silva.

JOÃO CÂNDIDO: Havia, havia uma conspiração. Havia aí uma conspiração de protesto.

HÉLIO SILVA: Essa conspiração pretendia...

JOÃO CÂNDIDO: E a Marinha... a Marinha seguramente sabia. A Marinha toda sabia.

HÉLIO SILVA: Sei. E essa... como é que pretendiam fazer? Esperavam alguma data?

JOÃO CÂNDIDO: Esperávamos data e... poderes... esperamos a construção dos novos navios na Europa, depois de estarmos lá há dois anos em contato com marinheiros de outras nações.

HÉLIO SILVA: Esse marinheiros das outras nações, notadamente da Inglaterra, não eram mais chicoteados?

JOÃO CÂNDIDO: Não.

HÉLIO SILVA: Então os marinheiros foram à Inglaterra para trazer as belonaves vindas da Inglaterra, o Minas e o São Paulo, vieram de lá mais conscientes de que deviam reivindicar esse respeito à dignidade da pessoa humana.

JOÃO CÂNDIDO: Foi lá.

HÉLIO SILVA: Esse foi o lucro. Portanto nós vimos, não apenas um movimento de protesto, de defesa, de instinto de conservação, contra um castigo ultrajante. Nós vimos sobretudo uma tomada de consciência...

JOÃO CÂNDIDO: Era um movimento organizado. Levamos mais de dois anos como um movimento organizado.

HÉLIO SILVA: Esse movimento pretendia realmente tomar conta de navios e... e fazer um ultimato ou pretendia lançar apenas um protesto esperando que fosse... (ininteligível).

JOÃO CÂNDIDO: Não senhor, nós pretendíamos era impor, impor como ... impusemos. Nada nos foi oferecido, nós impusemos, queremos isso e tem que se decidir por isso.

HÉLIO SILVA: Então a data é que foi precipitada em face do espetáculo do marinheiro que recebeu duzentas e cinquenta...

JOÃO CÂNDIDO: Marcelino Rodrigues.

HÉLIO SILVA: ...vergastadas... O movimento teria sido inicialmente planejado para o 15 de novembro, depois foi adiado e resolveram que seria entre 24 e 25, mas o castigo de Marcelino Rodrigues principiou tudo.

JOÃO CÂNDIDO: Principiou.<sup>210</sup>

<sup>209</sup> ARIAS NETO, José Miguel de. João Cândido 1910-1968: arqueologia de um depoimento sobre a revolta dos marinheiros. Op. cit., p.169.

<sup>210</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..

O entrevistador atribuiu as causas da Revolta da Chibata a uma “tomada de consciência” por parte dos marinheiros brasileiros ao entrar em contato com os marinheiros ingleses que já não mais sofriam castigos físicos. Portanto, para ele, este período na Inglaterra foi fundamental para o desencadeamento do movimento revoltoso na Marinha de Guerra do Brasil.

Outra informação apresentada por João Cândido é que a conspiração começou na Inglaterra e que isto teria ocorrido durante os dois anos em que estiveram naquele país. No entanto, sabe-se que ele não ficou dois anos na Inglaterra e sim quarenta dias, como analisado no capítulo anterior. Pode-se concluir que havia marinheiros que estavam na Inglaterra há dois anos e que quando ele lá chegou já havia um movimento de conspiração organizado pelos que estavam lá há mais tempo.

Hélio Silva reproduz a narração do livro do Edmar Morel sobre as datas que deveria ter ocorrido a revolta, o que João Cândido confirmou. Essa narrativa, como já observado no capítulo segundo, é divergente das suas narrativas em suas memórias. Aqui o castigo do marinheiro Marcelino Rodrigues é o estopim que antecipa a revolta. Em suas memórias o referido castigo não é sequer lembrado.

HÉLIO SILVA: E isto é o que consta de um dos muitos livros escritos sobre esse acontecimento, livro de Edmar Morel...

JOÃO CÂNDIDO: Tanto como este também, este também é de Edmar Morel...

HÉLIO SILVA: Notando-se que Edmar Morel conquistou a má vontade contra ele, e esse livro lhe custou à cassação de direitos políticos. Mas... diante desse espetáculo brutal, desse choque, em que um homem foi vergastado a ponto de cair sem sentidos, quase morto, resolveram precipitar a revolta. Já estava tudo preparado. E vocês fizeram essa notificação aos oficiais que estavam a bordo, porque no São Paulo os oficiais foram notificados e se retiraram todos. Você estava no Minas Gerais. No Minas Gerais os oficiais presentes foram notificados da revolta, foram intimados a deixar o navio?<sup>211</sup>

O livro do Edmar Morel é explicitamente citado. O que antes aparecia apenas nas entrelinhas é então exposto. Este livro foi lançado em 1959, depois de uma exaustiva pesquisa que durou mais de dez anos, com ajuda do próprio João Cândido. No entanto, a autoria é exclusiva de Edmar Morel bem como é sua a interpretação dos acontecimentos de 1910.

Embora João Cândido tenha se referido ao livro em algumas ocasiões como a sua história, ainda assim, é a interpretação de Morel e não dele. Essa questão fica bastante clara à medida que a entrevista vai transcorrendo. João Cândido quer contar a sua história, enquanto Hélio Silva quer confirmar a versão do livro.

---

<sup>211</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..

Para Hélio Silva, era fundamental a confirmação de alguns pontos que dariam legitimidade ao papel de herói de João Cândido e dos demais marinheiros. Um desses pontos era destacar que eles em nenhum momento tiveram a intenção de matar os oficiais dos navios revoltados. A história que deveria sobressair era a de que os oficiais só foram mortos por mostrarem resistência.

Era importante deixar claro que os oficiais foram avisados do que estava ocorrendo e lhes foi solicitado que deixassem os navios. Porém, alguns resolveram lutar e acabaram mortos, já que estavam dispostos a lutar bravamente até a morte em defesa de sua posição.

Desta maneira, o próprio papel do morto é importante, destacando-se sua bravura e honra e demonstra-se como foi uma escolha deste a própria morte. Aos marinheiros que lutavam por justiça, por uma causa nobre não restava outra posição do que levar a luta até seu fim.

O entrevistador faz suas perguntas de maneira a construir sua própria narrativa dos acontecimentos. Ele é o narrador da história:

JOÃO CÂNDIDO: Por exemplo, o comandante fora. Se morreu foi por insistência própria.

HÉLIO SILVA: Quer dizer, eles ofereceram resistência.

JOÃO CÂNDIDO: Nada, nenhuma.

HÉLIO SILVA: Não, mas o comandante Batista das Neves ofereceu resistência. Quer dizer, vocês pretendiam...

JOÃO CÂNDIDO: ...queriam impor a autoridade.

HÉLIO SILVA: que eles se retirassem... vocês queriam...

JOÃO CÂNDIDO: ... queriam impor a autoridade.

HÉLIO SILVA: Sei. Vocês, quando se sublevaram, vocês queriam que os oficiais se retirassem. Se eles tivessem se retirado não teriam sido molestados?

JOÃO CÂNDIDO: Não.

HÉLIO SILVA: Isso é muito importante. Agora, eles, no sentimento do cumprimento também de seu dever...

JOÃO CÂNDIDO: Pois não.

HÉLIO SILVA: ...eles quiseram impor a disciplina, entraram em luta. Portanto esses homens foram mortos bravamente, lutando, defendendo a sua dignidade, a sua autoridade, mas foram mortos em combate, ou foram chacinados inertes?

JOÃO CÂNDIDO: Não, eles se impuseram.

HÉLIO SILVA: Os que foram mortos foram mortos se defendendo?

JOÃO CÂNDIDO: Se defendendo.

HÉLIO SILVA: E matando também...

JOÃO CÂNDIDO: ...matando...

HÉLIO SILVA: ...se defendendo, porque tem um oficial que ao mesmo tempo que é transpassado por uma baioneta, ele atravessa um marinheiro com uma espada. Afastados esses elementos, vocês entraram no domínio do navio, e vocês fizeram transportar para a terra os corpos dos oficiais. Esse transporte foi feito por marinheiros revoltados ou marinheiro que não tinham aderido?

JOÃO CÂNDIDO: Por marinheiros revoltados e por embarcações que passavam.

HÉLIO SILVA: E esses marinheiros entregaram os corpos e puderam voltar ou ficaram detidos?

JOÃO CÂNDIDO: Puderam voltar.

HÉLIO SILVA: Puderam voltar?

JOÃO CÂNDIDO: Puderam voltar.

HÉLIO SILVA: Vocês então ...

JOÃO CÂNDIDO: Desembarcamos também as missões ... instrutoras que tínhamos a bordo. Tí... tínhamos nações instrutoras de... de diversos países.

HÉLIO SILVA: É, tinham lá inclusive por causa das instalações do navio que elas tinham que responder. Vocês retiveram a bordo alguns suboficiais, alguns técnicos de comando de máquinas qualquer.

JOÃO CÂNDIDO: Ah, aí sim. Vinte...

HÉLIO SILVA: Vinte. Permaneceram trabalhando sob coação.

JOÃO CÂNDIDO: Os de máquina e...Aderiram, aderiram num momento, num certo momento que não...

HÉLIO SILVA: Aceitaram a situação, pelo menos?

JOÃO CÂNDIDO: Aceitaram a situação...

HÉLIO SILVA: Quer dizer, eles não foram, tiveram que trabalhar, mas eles não foram molestados fisicamente.

JOÃO CÂNDIDO: Não.<sup>212</sup>

Como heróis, os marinheiros revoltosos deveriam poupar vidas. Hélio Silva destacou o fato de que as missões estrangeiras a bordo dos navios sublevados não foram em nenhum momento molestadas.

Enquanto João Cândido informou que o pessoal de máquinas a partir de um certo momento aderiu ao movimento revoltoso, Hélio Silva ignora a informação e a corrige conforme sua própria interpretação, direcionando o diálogo para o caminho que ele desejava. João Cândido, como em muitas outras ocasiões durante a entrevista, confirma a interpretação do entrevistador deixando sua própria fala de lado para que sobressaia a história contada por Hélio Silva.

HÉLIO SILVA: E então eu pergunto por que esse tema é muito controvertido. Desde o primeiro momento, a grande maioria dos autores que trataram da revolta, da revolta de João Cândido, dão a você um papel preponderante, mas evidentemente toda medalha tem seu reverso, e houve relatórios oficiais, houve escritores que acharam que tinham exagerado a sua atuação e negaram. Houve um escritor, já falecido, que declarou que você não tinha tomado parte na revolta, que você tinha se refugiado no (ininteligível) e que fizeram você descer para comandar o navio. É uma voz isolada, e eu estou apenas trazendo esse depoimento porque nós estamos depondo para a posteridade. E eu gostaria de ouvir da sua própria voz a sua atuação neste momento, se você era o chefe da revolta dentro do navio ou se seus companheiros aclamaram você como chefe por ser o mais indicado, o mais capaz? Queria que você falasse ...

RICARDO CRAVO ALBIN: Eu sugiro inclusive que o nosso João Cândido relatasse completamente esse fato.

HÉLIO SILVA: Ele tem a palavra...<sup>213</sup>

O momento crucial da entrevista finalmente chegou. João Cândido teria que confirmar se de fato ele era o verdadeiro líder da revolta, o herói que estava sendo apresentado até aquele momento. Ele deveria narrar sua história.

O entrevistador apresentou as vozes destoantes sobre a revolta, aqueles que discordam do papel de heroicidade do velho marinheiro. Citou o livro *Sucintos elementos autênticos da*

<sup>212</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..

<sup>213</sup> Idem.

vida do ex-marinheiro João Cândido na Marinha da Guerra, entre os anos de 1895 e 1912 do Capitão-de-Mar-e-Guerra Luís Alves de Oliveira Bello conhecida como a versão oficial da Marinha sobre João Cândido e a Revolta da Chibata. A obra foi realizada em fins de 1959 a pedido da Marinha em resposta ao livro de Edmar Morel que acabava de ser lançado.

O entrevistador contrapôs as duas interpretações sobre João Cândido e a revolta dos marinheiros. Ele pretende finalmente passar a limpo essa história. Quem estaria certo: Edmar Morel ou a Marinha?

Esta é a questão central na entrevista ao MIS. A intromissão do então diretor daquela instituição Ricardo Cravo Albin, que pela primeira vez rompeu o silêncio e enfatiza que João Cândido deveria relatar os fatos com bastantes detalhes, confirma esta questão.

JOÃO CÂNDIDO: Eu tive o poder na organização da conspiração e tive o poder determinado pelos comitês para assumir a direção da revolução com todos os poderes. Eu dispunha de todos os poderes. O chefe da missão inglesa Mister Thompson disseram num relatório escrito que não sei se ele se... ele havia ficado no Brasil. Um inglês que viera como chefe da... com garantia das missões inglesas, e no relatório dele ele disse que nunca vira coisa tão bela. Mister Thompson, inglês, Capitão de Guerra da Marinha Inglesa, saíra de bordo do Minas Gerais com todas as honras, com todos os, os... as missões inglesas, e ele residia no Brasil, depois não sei se voltara à Inglaterra. Porém, a organização da revolta, nós... eu dispunha de todos os poderes, como dispus dentro da revolta de todos os poderes do Brasil. Parei o Brasil. Durante seis dias parei o Brasil, eu mandava na... era o Minas Gerais e São Paulo. Era quem determinava.<sup>214</sup>

A narrativa que se segue é muito interessante. Pela primeira vez é dada liberdade a João Cândido para falar, relatar os acontecimentos, construir sua própria narrativa sobre 1910. Por ser bastante longa, a narrativa será analisada por partes.

Tendo em mente a responsabilidade que estava lhe sendo imposta, João Cândido começou a narrativa tentando responder de maneira à satisfazer as expectativas dos entrevistadores. O pronome “eu” aparece de modo repetitivo. Ele se coloca como o sujeito da ação, como agente ativo da história. Ele tinha todo o poder, ele dava as ordens.

No entanto, isso não se sustenta por muito tempo em sua narrativa. Ele distrai-se com sua narração sobre o capitão da Marinha Inglesa, quando retoma sua fala sobre a organização da revolta se trai e usa o “nós” o que é rapidamente corrigido e trocado pelo “eu” novamente.

Embora João Cândido tenha seus próprios interesses com a entrevista, e ser visto como um herói, não era uma de suas maiores preocupações, de certa maneira ele não queria frustrar seus entrevistadores e toda a posteridade que um dia poderia conhecê-lo através daquela narrativa.

---

<sup>214</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..

Seguindo a narrativa de João Cândido, à medida que as suas memórias eram enunciadas, o “eu” perde lugar e o “nós” dominando totalmente a narrativa. Agora é João Cândido falando. Ele já não se lembra das expectativas de mais ninguém.

JOÃO CÂNDIDO: (continuação) Tanto assim... nós tínhamos um comitê de conspiração na Vila Rio Barbosa, na cara da polícia. Nós na vila, nós alugamos lá um teto lá, alugamos todo um andar e impusemos. Ali nós conspirava. Nós tínhamos outro comitê na Rua São Jorge, que era onde eu, eu morava. Tinha outro comitê na Rua João da Bola, lá no morro. Lembro até que nós mantínhamos os comitês nos próprios hotéis onde nós estávamos residindo, esperando a conclusão dos navios. Nos hotéis Hat House e House, que são grandes trades... e lá da Inglaterra nós despachava mensageiros para o Brasil, nós estávamos à vontade. Quase dois anos por conta do governo, nós mandávamos mensageiros sondar a situação dos comitês que estavam trabalhando aqui.

De maneira que quando nós viemos nós viemos na certa... (ininteligível) ...me mandou ainda um caso com referência à posse do Marechal Hermes, houve, houve um grande temporal então em terra mesmo eu expedia os... expedíamos os mensageiros que estava sem efeito as ordens anteriores... que esperassem novas ordens, com a transferência (tosse). De forma que não podíamos falar já em outra coisa. A oficialidade da época foi que duvidaram que os marinheiros tivessem capacidade de levar a efeito qualquer um movimento contra... contra... contra a oficialidade (pausa).<sup>215</sup>

Sua narrativa contém informações importantes sobre os comitês de conspiração que antecederam a revolta. Parte das informações coincidem com suas memórias analisadas no capítulo dois, porém ele traz informações novas. Novos endereços são acrescentados. E o mais interessante é que ele diz que já existiam comitês na Inglaterra antes do retorno dos marinheiros ao Brasil com o Minas Gerais, o que não consta de suas memórias anteriores.

Outra questão relevante é a frase na qual, ele afirma que estiveram quase dois anos por conta do governo na Inglaterra. Estavam à vontade para conspirar. Embora ele use o “nós”, sabemos que ele não está incluído neste fato, uma vez que como visto antes, ele não esteve por todo esse tempo naquele país. Logo, concluímos que em sua narrativa ele em alguns momentos incorporou algumas narrativas alheias como sendo dele próprio. O que é muito comum na construção de memórias individuais associadas à vivências relevantes e significativas para grupos maiores.

O “nós” no discurso de João Cândido é muito mais natural do que o “eu”. É um discurso que se aproxima mais das falas dos marinheiros em 1910. Durante a revolta ninguém foi colocado como líder ou chefe dos marinheiros. Quando indagados pelo mensageiro do governo sobre quem se responsabilizava por aqueles atos a resposta foi “todos”<sup>216</sup>. No manifesto

<sup>215</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..

<sup>216</sup> MOREL, Edmar. A Revolta da Chibata... Op. cit., p.94.



enviado ao governo a assinatura que constava era “Marinheiros<sup>217</sup>”. Segundo o historiador Arias Neto, João Cândido sabia pois que seu poder derivava, ou melhor dizendo, que ele próprio só era revoltoso e líder porque membro de um coletivo que havia optado pelo caminho da revolta<sup>218</sup>.

Portanto, João Cândido provavelmente incorporou o “nós” ao seu discurso com mais facilidade por ter sido uma escolha do grupo com a revolta. A busca por líderes e heróis na Revolta da Chibata é posterior ao evento. Foi primeiramente a imprensa e depois a historiografia que alimentou e alimenta, ainda hoje, esta postura.

JOÃO CÂNDIDO: (continuação) Eu tive com a vida exposta que sempre foi... fui contra as violências. Assumi o comando da revolução com as condições tais,(pausa) de poupar vida, poupar vida porque eu... o Rio de Janeiro pra mim é a minha cidade mátria. Cheguei aqui com quinze anos, estou com oitenta e oito... nestes setenta e três anos de idade, quer dizer, de permanência... sou um histórico vivo da cidade do Rio de Janeiro.<sup>219</sup>

João Cândido cita um suposto acordo que teria feito. Não ficou explícito com quem seria este acordo. O historiador Arias Neto acredita que teria sido um acordo com o representante do governo<sup>220</sup>. No entanto, é pouco provável, já que ele informa que esta foi uma condição exigida por ele para assumir a liderança da revolta. Este suposto acordo também aparece em suas memórias de 1912 e lá ele é feito com os demais marinheiros. Segundo ele, suas condições para comandar seria o de poupar vidas, uma vez que era contra todo o tipo de violência e amava a cidade do Rio de Janeiro a tal ponto que não a colocaria em risco.

Esta questão responde a pergunta inicial feita a João Cândido: “como ele se tornou um líder na revolta dos marinheiros?”. Segundo ele próprio, ele assumiu a liderança da revolta através de um acordo, no qual ele impõe suas condições. Ele conseguiu tal posição porque uma pessoa ou um grupo de pessoas, uma vez que não sabemos com quem foi o acordo, solicitou que assim o fizesse. Logo, se ele foi escolhido para tal posição era por que possuía características e atributos naquele momento que o tornava a pessoa mais indicada para estar no comando. Suas condições ainda revelam outro lado dele. Ele não estava disposto a ir contra os seus princípios para liderar alguma coisa, ganhar uma posição de destaque ou ser conhecido como um líder.

---

<sup>217</sup> Idem. Ibidem, p. 97.

<sup>218</sup> ARIAS NETO, José Miguel de. João Cândido 1910-1968: arqueologia de um depoimento sobre a revolta dos marinheiros. Op. Cit,p.170.

<sup>219</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit...

<sup>220</sup> ARIAS NETO, José Miguel de. João Cândido 1910-1968... Op. cit., p. 176.

Ao analisarmos a postura do entrevistador de tentar criar uma imagem pré-concebida de João Cândido, deve-se ter em mente que heróis são personagens construídos, possuindo ao fim muitas narrativas legitimadoras de suas funções e atos. Transformá-lo em líder e herói absoluto da Revolta da chibata em todos os seus aspectos é sem sombra de dúvidas diminuir o papel que os demais marinheiros tiveram no movimento de 1910. Por outro lado, compreender o verdadeiro papel de João Cândido nela não é de maneira nenhuma diminuí-lo ou diminuir sua relevância para o movimento, uma vez que de fato sua relevância não foi pequena.

Quando João Cândido foi escolhido não está totalmente claro, mas com certeza não foi de improviso, conforme já discutido no capítulo segundo. No entanto, está bastante claro que ele foi sim escolhido para ocupar esta posição. O que não seria nenhuma novidade, uma vez que isto já havia ocorrido quando da travessia da Linha do Equador, onde foi escolhido para representar Netuno ou como ocorreria mais tarde na Revolta do Batalhão Naval, quando o Minas Gerais foi novamente colocado sob seu comando.

Portanto, ser escolhido para uma posição de comando não era exatamente uma novidade para João Cândido. Independentemente dos motivos, ele era a pessoa mais indicada para tal, como demonstraram as circunstâncias.

JOÃO CÂNDIDO:(continuação) Conheço a vida... vida nova e velha, seus melhoramentos, seus sofrimentos, as suas (ininteligível) eu conheço. Setenta e três anos dá bem para isso. Sou tricentenário do Rio de Janeiro, em 1900 assisti o quarto centenário do descobrimento. Em 1922 o quarto centenário, o primeiro centenário de... da Independência. E agora ultimamente o quarto centenário da fundação. De forma que eu sou um... conheço a cidade do Rio de Janeiro de fundo... a fundo, a mínima, e não aceito contestações. Todo o Rio de Janeiro de hoje, de hoje, né... eu também posso dizer, eu vejo aí jornais escreverem sobre o Rio de Janeiro... o carioca de hoje conhece quase só Copacabana, da super-cidade (pausa). Não se lembra que existe Gambú, que existe Saúde, que existe o Santo Cristo, que existe Dona Clara ainda com aspecto colonial, a não ser (ininteligível) foi tomado no mar. E dessa forma, Copacabana hoje, o estrangeiro vem aqui, o turista sai daqui conhecendo só Copacabana que não temos condições de oferecer-lhe outra coisa, só Copacabana. As vielas aí, essas coisas... as vielas estão aí... [?], Rua do Ouvidor, Hospício, Sete de Setembro [?] são as antigas vielas do Rio de Janeiro, estão aí. Não são ... não representam coisa nenhuma hoje, em uma cidade da estatura do Rio de Janeiro. São vielas que estão aí, a Gamboa tem um aspecto colonial, a Saúde a mesma coisa, a Santo Cristo a mesma coisa, de maneira que os cariocas só conhecem a Zona Sul. Que eu conhecera a mata virgem, virgem, virgem, com cabanas de pescador e roças, roceiros portugueses, que plantavam, né, criavam cabritos, porcos. Vinha-se mais depressa, vai-se mais depressa de ônibus hoje daqui a São Paulo do que se vinha de Copacabana aqui antigamente, para chegar aqui ao mercado. Aqui, aonde estamos, era o antigo Arsenal de Guerra, onde mataram o Marechal Bitencourt, aqui era o antigo Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro... o Rio de Janeiro cresceu, transformou-se, mas falta muito.<sup>221</sup>

<sup>221</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit...

João Cândido perde-se do questionamento inicial. Ele quer falar sobre o que ele viu, ouviu e viveu. Suas memórias sobre a cidade, sobre tudo o que conheceu e sobre o Brasil.

JOÃO CÂNDIDO: (continuação) E enquanto amigos e inimigos, inimigos que eu, que pouca importância dou... eles criticam... criticam a revolta dos marinheiros por este ou por aquele motivo, essas coisas. A chibata na revolta na Marinha do Brasil fora introduzida pelos organizadores da Marinha do Brasil, aquela oficiais ingleses, Colpes e outros, que eram piratas da Marinha Inglesa, dispostos a andar aí pelo mundo, roubando... primeiro organizou a Marinha chilena, e depois veio para o Brasil. Aqui no Brasil eles impunham, que os portugueses não acreditam que os brasileiros eram um povo... Eu, quando viera para a Marinha, ainda encontrei uma porção de oficiais ingleses na Marinha, contratados, oficiais austríacos, oficiais portugueses, aí na Marinha. E eu lamento é que este ódio, o ódio do oficiais, é o ódio, aquele carranca...<sup>222</sup>

Ele volta à Revolta da Chibata. Reconhece que há quem a critique e expõe seus descontentamentos. Lembra sobre a fundação da Marinha brasileira e como os castigos físicos foram introduzidos na corporação. Foram os seus próprios fundadores, os oficiais ingleses, que a introduziram.

A crítica de João Cândido é sutil, porém é bastante significativa. O tom crítico nos coloca novamente frente às suas queixas sobre a oficialidade. Ele compreende que a Marinha não era de fato dos brasileiros. Quando ele entrou na corporação ainda havia oficiais estrangeiros. Foram eles os responsáveis não só por introduzir os castigos físicos como também por proliferarem os ódios entre oficiais e marinheiros.

JOÃO CÂNDIDO: (continuação) Encontrei “oficiar” que... tinha um oficiar na Marinha muito meu amigo, Alexandrino de Alencar, porque a minha família fora... recebeu favores dele no Rio Grande do Sul... em Porto Ale... em Rio Pardo, que ele é nascido. Eu estive em Rio Pardo há oito anos e a casa que ele nascera lá em 1848 esta lá, está lá perfeita. É o que ... é a escola ...grupo Fortaleza. E em Rio Pardo conheci lá o... também Silveira Martins, grande (ininteligível) do Império ...<sup>223</sup>

João Cândido recorda-se de seus antigos conhecidos. Lembra-se de um oficial conhecido seu, Almirante Alexandrino de Alencar. Curiosamente o referido Almirante hoje dá nome ao Centro de Instrução da Marinha, CIAA. Ele foi Ministro da Marinha cinco vezes e possuía uma relação bastante estreita com João Cândido. Os dois, que eram naturais da mesma cidade e foram membros da Marinha no mesmo período, tiveram suas trajetórias entrecruzadas diversas vezes, embora seguindo caminhos completamente diferentes.

HÉLIO SILVA: Grande liberal, Gaspar Silveira Martins.

JOÃO CÂNDIDO: É, Gaspar da Silveira Martins. Cheguei lá e o palacete ainda está lá, em frente à Escola Militar, Escola Militar de Táticas onde... em Rio Pardo onde ...

HÉLIO SILVA: Esteve Getúlio Vargas.

---

<sup>222</sup> Idem, Ibidem.

<sup>223</sup> Idem, Ibidem.

JOÃO CÂNDIDO: Esteve Getúlio Vargas, chegou a Sargento.

HÉLIO SILVA: Góes Monteiro...

JOÃO CÂNDIDO: Góes Monteiro, Vespúcio de Abreu, que era da família em que me criou em Porto Alegre, família Gonçalino de Renzi. Tem um aí, não sei se já morreu, Florêncio de Abreu, desembargador de Getúlio...

HÉLIO SILVA: Desembargador de Getúlio...

JOÃO CÂNDIDO: Já morreu? Não estou a par ... sei que morava na rua Domingo... Domingos Ferreira.

HÉLIO SILVA: Foi chefe de polícia do Getúlio...

JOÃO CÂNDIDO: Foi. E ele, creio, concunhado, alguma coisa assim...

HÉLIO SILVA: É, a prenda... mas voltando, focalizando o ponto principal, o momento em que você tomou conta do navio, você era... tinha uma especialização. Você era marinheiro de primeira classe, portanto você era um marinheiro já com certos estudos, era primeiro timoneiro...

JOÃO CÂNDIDO: Era primeiro timoneiro....<sup>224</sup>

Os nomes do passado de João Cândido afluíram em meio às suas lembranças, direcionando sua narrativa novamente para o seu passado e a deixando ainda mais distante do percurso estipulado pelos seus entrevistadores, que se viram obrigados a redirecionar a conversa dando prosseguimento à construção da narrativa inicial.

Para os entrevistadores, a resposta central ainda não havia sido respondida. Era necessário arrancar de João Cândido as respostas que o coroaria finalmente como líder absoluto da Revolta da Chibata e herói popular.

HÉLIO SILVA: Então você normalmente, quando o navio estava entregue aos oficiais (pausa), que que você fazia, qual a sua função, como foi possível você, assumindo o comando, dirigir as manobras do navio? Você já tinha prática de fazer isso sob o comando dos oficiais?

JOÃO CÂNDIDO: A gente já teve prática...

HÉLIO SILVA: Isto é importante...

JOÃO CÂNDIDO: Tava tudo dividido, toda... cada um... todas as frações que deveriam ocupar postos de combate...

HÉLIO SILVA: Então a marujada executou aquilo que estava habituada a executar, apenas os oficiais não estavam dando ordens, você estava substituindo os oficiais.

JOÃO CÂNDIDO: Quem tava dando ordens era eu. Para o Minas Gerais e para todos os demais navios que haviam aderido ao movimento de pronto, além de que os que julgamos inconveniente e dispensamos.

HÉLIO SILVA: De modo que o problema havia...

JOÃO CÂNDIDO: Íamos aproveitando as tripulações dos navios que estavam com a revolução.

HÉLIO SILVA: Portanto não havia problema dirigir, aquilo que vocês fizeram e que causou espanto a todo mundo era uma manobra de rotina, você declara no seu depoimento. O resto foi rotina de um navio de guerra, é uma frase do seu depoimento. Portanto tudo isso, da parte material de movimentação da esquadra, durante esses dias, que causou espanto, e que provocou dúvida: mas os marinheiros podem dirigir? Vocês estavam capacitados a fazer, não foi uma improvisação. Vocês faziam aquilo, sabiam fazer.

JOÃO CÂNDIDO: Além dos conhecimentos que já tínhamos já da Marinha, ganhamos mais conhecimento durante o tempo em que esteve... que estivemos lá no... assistindo a construção da nova esquadra que vinha, a esquadra da época. Eu na Marinha, posso dizer: a arte de governar um navio não é difícil, para quem não conhece, mas é, é espinhosa.

HÉLIO SILVA: Acredito.<sup>225</sup>

<sup>224</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..

Para comandar o Minas Gerais e toda a Esquadra Brasileira no ano de 1910 era necessário um grande conhecimento técnico e também uma vasta experiência, uma vez que se tratava de uma esquadra moderna, recém adquirida pelo Governo Brasileiro. Essa foi uma questão que chamou a atenção do entrevistador.

João Cândido aproveitou para lembrar que tudo havia sido planejado com antecedência. Todos sabiam os postos que ocupariam e qual a sua função dentro da revolta antes do início da mesma. Esta informação coincide com a narrativa exposta em suas memórias. Todos sabiam seu papel. Os marinheiros tinham conhecimentos técnicos para comandar os navios com precisão sem a presença dos oficiais.

Parte dos marinheiros receberam treinamento na Inglaterra. Como ele já havia informado anteriormente, um grupo de marinheiros esteve por dois anos na Inglaterra recebendo treinamentos. Havia a bordo o pessoal inglês que cuidava dos novos navios com os quais os marinheiros brasileiros conviviam.

JOÃO CÂNDIDO: É, é espinhosa. E eu só conheci um timoneiro no mundo com maior poder. Sabe quem foi? Kaiser II, Guilherme II...

HÉLIO SILVA: Conte como você o conheceu...

JOÃO CÂNDIDO: Porque eu vi ele passando revista na esquadra alemã, ele mesmo governando o iate dele, passando numa esquadra alemã de sessenta... sessenta navios, no mar, e nem... que é... e cuja esquadra, cuja revista o Benjamin Constant também, nosso navio... testara uma divisão alemã, eu vi que... fiquei sabendo, fiquei conhecendo. Na Marinha era duvidoso: “Timoneiro, ei João Cândido!”, “Timoneiro, ei João Cândido!” Um fato: o canal de que era na Alemanha, a antiga Alemanha, que hoje eu não sei como é que está aquilo, era um canal que atravessa do... do Mar do Norte para a Prússia, sessenta quilômetros. Tinha a Companhia do Canal, todos os navios que passassem por ali, as tripulações dos navios, quer de guerra quer mercantes, eram inúmeras. Chegavam... saíam do... da balança flutuante, arriavam a bandeira da nacional... da nacionalidade, e entravam o pessoal da... do canal. A tripulação do navio era muda. Eu já, pelo... pelo aspecto notado e os jornais alemães fizeram... escreveram qualquer coisa em Kiev e (inteligível), fui o único timoneiro e o Benjamin Constant foi o único navio no mundo que não arriou a bandeira: Brasil. Passou a canal e eu governando... os alemães quando sentiram que o timoneiro...

HÉLIO SILVA: Em que época foi isso, João Cândido?

JOÃO CÂNDIDO: Mil novecentos e... seis. Seis, foi a viagem...<sup>226</sup>

João Cândido recordou-se de uma viagem à Europa, realizada no Benjamin Constant. Portanto, anterior à sua estadia na Inglaterra, na qual ele já era reconhecido por seus pares como um timoneiro de qualidade. A imprensa alemã teria publicado naquela ocasião uma matéria a seu respeito. O que fez com que ele e o navio brasileiro tivessem um tratamento diferenciado ao passarem pelo canal de Kiel, que liga o Mar do Norte ao Mar Báltico na Alemanha. Naquela

<sup>225</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..

<sup>226</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..

época, ele já era conhecido pelo seu talento ao guiar um navio. O que aponta para um dos motivos que fizeram com que em 1910 ele fosse o escolhido para comandar a esquadra revoltosa.

HÉLIO SILVA: E aí em 1906 você...era considerado um grande timoneiro, não admira que em 1910 você continuasse considerado um grande timoneiro.

JOÃO CÂNDIDO: Ao alemães consentiram que um timoneiro brasileiro passa... atravessasse o canal governando um navio apesar dos técnico alemães terem... terem também nos seus postos com oficial intérprete brasileiro que era o capitão primeiro tenente Dias... esqueço o nome agora, não me recordo. Era um oficial alemão, um senhor brasileiro que se expressava muito bem no alemão.

HÉLIO SILVA: Mas João Cândido, nós ouvimos você e verificamos, primeiro, que você conscientemente, em 1910, chefiou um movimento para abolição da chibata. Fez isso esclarecidamente, mobilizando toda a marujada brasileira. Ouvimos você, com realismo, mas com modéstia descrever como tomou conta do navio, como comandou uma esquadra mantendo em suspenso um país durante seis dias.

RICARDO CRAVO ALBIN: Mas eu acredito que o relato do meio para o fim ainda não tenha sido concluído...

HÉLIO SILVA: Pois é exatamente isso que eu queria. Eu queria que você contasse o que se passou nesses seis dias do seu domínio sobre a esquadra e depois contasse o resultado desse movimento e a sua vida, como passou.

RICARDO CRAVO ALBIN: E eu me permito sugerir que se possível dia a dia, já que sua memória, aos oitenta e oito anos, é prodigiosa. Se possível dia a dia.<sup>227</sup>

A sua viagem à Europa no Benjamin constante em 1906 aparece também em suas memórias. Foi uma viagem que o marcou fortemente. Porém em sua narrativa de 1912, não consta nenhuma informação sobre a travessia do referido canal.

Ricardo Cravo Albin interrompeu novamente o diálogo, pois gostaria que João Cândido narrasse os acontecimentos durante os dias da revolta de maneira detalhada.

JOÃO CÂNDIDO: Depois ao estourar o movimento, isto foi no dia vinte e dois de novembro de 1910. Primeiro aí entramos em contato com o governo do Marechal Hermes, o governo do Marechal Hermes, e então recebemos por meios telegráficos que não confabulavam com os revoltosos. Esta foi a revolta do Marechal, a resposta. Então nós resolvemos a nos fazermos ao mar, até que o governo tomasse outra atitude, nos fizemos ao mar, fomos para alto mar. Depois começou aquela confusão de ataca, não ataca, e essas coisas, e a oficialidade do exército impunha... impunha... impuseram que o governo tinha poderes para atacar, como de fato tinha. O governo na época tinha poderes para atacar, pois tinha uma flotilha de dez destróieres novinhos, saídos da fábrica no mesmo ano... haviam mais de, mais de talvez cinquenta torpedos com cabeça de combates preparados. O governo não atacou mesmo por negligência. Negligência e por covardia, covardia porque o governo teve poderes para atacar, que os oficiais, os... a oficialidade dispunham da teoria, não é? E os marinheiros puramente da prática e da boa vontade. Em seguida, viemos ao Porto depois de dois dias nos abastecermos, recebemos o primeiro contato com a cidade, por intermédio de quem? Júlio Medeiros, conhece?

RICARDO CRAVO ALBIN: É o jornalista Júlio de Medeiros.

JOÃO CÂNDIDO: Conhece?

HÉLIO SILVA: Conheci pessoalmente, conheci pessoalmente.

JOÃO CÂNDIDO: Não sei se ainda é vivo...

HÉLIO SILVA: Não, morreu, trabalhou no "O Jornal", ultimamente.<sup>228</sup>

<sup>227</sup> Idem.

<sup>228</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..

João Cândido inicialmente atendeu ao pedido de Ricardo Cravo Albin e iniciou sua narração pelo dia 22 de novembro, dia em que começou a revolta. Porém, rapidamente ele muda seu discurso, esquecendo-se totalmente do pedido do entrevistador.

Logo em seguida, João Cândido apresentou a polêmica que se seguiu, uma vez que não se sabia qual seria a reação do governo, se os revoltosos seriam atacados ou não. Ele fez uma análise da postura do governo do Marechal, que segundo sua visão, teria condições de atacar os revoltosos e não o fez. No entanto, sua análise é posterior aos acontecimentos e está ligada à interpretação que os próprios militares da época faziam do governo, uma vez que estes desejavam a todo o custo atacar os revoltosos. João Cândido apropriou-se do discurso militar.<sup>229</sup>

JOÃO CÂNDIDO: Ah, ele trabalhava na Folha do Comércio. Eu geralmente acho que havia morrido... foi o único jornalista que teve ingresso nos navios revoltosos. Eu autorizei que ele visitasse todas as unidades, e depois entramos em contato novamente com o governo até que começaram um movimento na Câmara da anistia. O governo enviaram seus embaixador, nós não pedimos embaixador, o governo enviou, seu embaixador, o deputado e Capitão-mor de guerra José Carlos de Carvalho, deputado Federal pelo Rio Grande do Sul. Entramos em contato e o governo propôs anistia, propôs anistia e nós aceitamos, aceitamos a anistia na boa-fé, pois que vinha... vinha paralisar o movimento, antes em que o pessoal que agitasse mais, que eu tinha responsabilidade de não molestar a cidade, era um dos compromissos que eu tinha. Depois de quatro ou cinco dias, já para o dia vinte e cinco ou vinte e seis, fora votada a anistia. Com grande oposição no Senado, Rui Barbosa falou na noite que teve, Irineu Machado, achando o deputado um covarde, quer dizer, e os jornais da oposição também (ininteligível) grandes paixões partidárias, que não tinha nada a ver com a revolução. Depois eu aceitei, aceitei, de acordo com os poderes que tinha, anistia, indicar os oficiais que deviam de acumular... acumular os novos postos, todos foram indicados pela revolução, pelos revoltosos, para assumir o comando dos novos navios, os navios que seriam entregues ao governo. Para o Minas Gerais foi o capitão mor de guerra João Pereira Leite, os outros não recorde (pausa). Para o Minas Gerais eu creio... para o São Paulo eu creio que foi o capitão de fragata... Raimundo do barco, um caboclo amazonense muito valente, e muito meu amigo, Raimundo do barco (pausa).

HÉLIO SILVA: E vocês, aceitando a anistia...

JOÃO CÂNDIDO: Aceitando a anistia...

HÉLIO SILVA: Conte esses detalhes...

JOÃO CÂNDIDO: Aceitando a anistia fomos... ficamos à disposição do governo, né, as perseguições e... os assassinatos, deportações... em seguida...

HÉLIO SILVA: Houve isso?

JOÃO CÂNDIDO: Houve!

HÉLIO SILVA: Relate então mais detalhadamente, se possível...<sup>230</sup>

<sup>229</sup> ARIAS NETO, José Miguel de. João Cândido 1910-1968: arqueologia de um depoimento sobre a revolta dos marinheiros. Op. Cit., p.175.

<sup>230</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit...

Nas memórias de 1912 não há nenhuma referência à visita do jornalista Júlio de Medeiros, como aparece agora na entrevista. Ele cita, ainda, a visita do embaixador do governo, o deputado e Capitão-de-Mar-e-Guerra José Carlos de Carvalho, fato que segundo as suas memórias, ocorreu no dia 23 de novembro, menos de 24 horas após o início da revolta.

Ele novamente cita o compromisso de não atacar a cidade e nem deixar que ela fosse molestada. Segundo ele, este compromisso foi fundamental para que ele aceitasse a proposta de anistia feita pelo governo, uma vez que se a mesma não fosse logo aceita os revoltosos mais radicais poderiam sair de controle. Foi aceita com boa fé, ele acreditou no governo, acreditou que a anistia seria respeitada.

Ele ainda cita discursos no senado. O discurso de Rui Barbosa e Irineu Machado. Conclui que havia ali uma grande discussão partidária e política e que não tinha nada a ver com a revolta.

Aparece uma informação nova, que até então não possuíamos. Ele e os revoltosos foram os que indicaram os oficiais que deveriam assumir as posições nos navios dos revoltosos após a entrega destes ao governo. O critério que foi usado para tal escolha não é explicitado. Porém, ele dá uma pista ao informar que um dos indicados era muito seu amigo. Portanto, tudo leva a crer que os revoltosos indicaram oficiais com quem tinham mais afinidades.

O entrevistador quer mais detalhes sobre os acontecimentos de 1910. Ele deseja que João Cândido narre a revolta do Batalhão Naval que sucedeu a Revolta da Chibata.

JOÃO CÂNDIDO: Em seguida, o governo por... para desafronta, prepararam a Revolução em terra para invadir os navios, tomaram conta dos navios para assassinar os marinheiros que haviam tomado parte na Revolução que ainda se conservavam a bordo. E os marinheiros como já haviam, e havíamos... já estávamos... em condi... em condições com o governo, o governo fomentara a revolta na Ilha das Cobras, levantando o Regimento Naval, para daí ir para o mar e atacarem os navios, cuja tripulação estavam... já estava anistiada, para sacrificar os marinheiros. De forma em que, nós os marinheiros do Minas Gerais e dos demais navios que ainda nos conservávamos a bordo, ainda não havíamos sido excluídos, recusamos... recusemos a... aceitamos... tomamos aquilo como uma afronta, que os navios tava considerados já como desarmados.<sup>231</sup>

João Cândido apresenta a revolta do Batalhão Naval como uma revolta desencadeada pelo governo a fim de vingar-se dos marinheiros anistiados. Existe uma pequena diferença na narrativa de 1912. Lá a revolta do Batalhão Naval é exposta como uma reação dos marinheiros e dos fuzileiros aos rumores de represálias por parte dos oficiais. Sua narrativa mais atual se aproxima das explicações e análises do livro “A Revolta da Chibata” de Edmar Morel.

---

<sup>231</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..



Ao confrontarmos os dois textos, as memórias de 1912 e a entrevista ao MIS de 1968, nos damos conta que a primeira possui uma riqueza de detalhes factuais muito maior do que a segunda. Inicialmente poder-se-ia concluir que isto ocorreu pela primeira narrativa estar mais próxima temporalmente dos acontecimentos de 1910. Relato do calor da hora, em que o passado recente ainda se confundia com o presente. A elisão de detalhes na narrativa de 68, e a inclusão de outras ponderações, são em parte decorrentes da distância temporal dos acontecimentos de 1910; há assim um exercício de lembrar, de fazer voltar pela narrativa um passado já não mais presente, que a caracteriza como um discurso de memória.

Nos discursos de memória, os esquecimentos são tão relevantes quanto às recordações. As memórias são formadas por superposições de lembranças. Muitas vezes lembranças de histórias que teriam ocorrido com outras pessoas são incorporadas as memórias individuais como autênticas. Narrativas, análises e conclusões posteriores aos fatos são também incorporadas como contemporâneas aos acontecimentos lembrados.

O processo de construção de memórias é bastante complexo. A partir da análise da entrevista de João Cândido ao MIS são facilmente identificados muitos desses processos. Sua narrativa é uma sobreposição de lembranças de diferentes épocas, não necessariamente da própria revolta, mais o somatório do que João Cândido viu e ouviu sobre a revolta.

Suas leituras dos jornais da época, os depoimentos do processo, o julgamento, histórias de outros marinheiros sobre a revolta, análises de terceiros sobre o assunto, o próprio livro do Edmar Morel sobrepõe-se de forma a criar uma narrativa sobre o tema. Essas narrativas diversas com o passar dos anos foram se sobrepondo as memórias iniciais do marinheiro João Cândido, resultando na transformação de suas memórias individuais.

Sua narração em 1968 destaca que os marinheiros ficaram completamente expostos pelo governo. Com o desencadear da nova revolta, os oficiais do Minas Gerais abandonaram o navio. Deixando os marinheiros a própria sorte. Estes, por sua vez, confiaram novamente o comando do navio a João Cândido.

Destacamos duas informações importantes. A primeira é a escolha que podemos concluir óbvia de João Cândido para comandar o Minas Gerais. Definitivamente está excluído qualquer possibilidade dele não ter méritos como comandante ou condutor de um navio. Escolhido tantas vezes para ocupar tal posição, ele com certeza era uma pessoa com talentos para tal.

Em segundo lugar, existe uma divergência entre esta narrativa e a narrativa de 1912. A mais antiga narra que João Cândido teria sido escolhido para tomar conta do navio pelos

oficiais antes de deixarem o navio, enquanto a segunda diz que ele foi escolhido pelos demais marinheiros.

A narrativa de 68 não informa que o Minas Gerais, navio comandado por João Cândido, tomara parte no bombardeio pró-governo, atacando a Ilha das Cobras. Informa apenas que o Minas Gerais fora retirado do local onde estava, uma vez que estava sendo atingido por tiros que iam em direção à Ilha das Cobras.

JOÃO CÂNDIDO: (continuação) E de forma que arrebentara a Revolução na Ilha das Cobras, os marinheiros que estávamos a bordo ficamos sem ação, que não tínhamos... a oficialidade que estava a bordo fugiu. Fugiu, abandonaram os navios no porto.. de forma que os marinheiros novamente me confiaram o comando dos navios que haviam tomado parte na revolta, que haviam sido entregues ao governo, e foram abandonados mais uma vez pelos seus oficiais. Eu aí então levei o Minas para me proteger do bombardeio... dos bombardeios da Ilha da Cobra... das Cobras, que eram de todos os postos. Aqui no Largo do Paço tinha um oficial austríaco, especialista em mira, atirando na Ilha das Cobras, Morro do Castelo, Santa Cruz e os navios que estavam com o governo, Então levei o Minas Gerais para ficar protegido do... do bombardeio da esquadra do governo, levei lá para a Ilha do Viana, no estado do Rio. E por isto, dois ou três dias sem comunicação com os oficiais em terra, eu resolvi vir ao Arsenal de Guerra, o Arsenal da Marinha. E no Arsenal da Marinha fui preso, acusado de haver fomentado a segunda revolta, a preparada pelo governo que era para tirar o efeito da anistia concedida, e aí então seguraram o resto dos marinheiros, que a metade já tinha sido deportados, foram fuzilados em alto mar, naquele navio satélite...

HÉLIO SILVA: Satélite.

JOÃO CÂNDIDO: ...daquele capitão do exército, não sei o que (nome incompreensível)...

RICARDO CRAVO ALBIN: Quantos marinheiros foram mortos?

JOÃO CÂNDIDO: O número não está a par... aí no livro diz mais ou menos, uns seis... Porém aqui na Vila Militar foram fuzilados um grande número deles. Na Vila Militar, que eu estou a par disso. Eu tinha meus... meus pombos-correio, apesar de incomunicável no... no quartel general, naquele tempo eram uns barracões de zinco ali, metralhadoras, duas metralhadoras na porta, eu tinha meus pombos-correio, Eu sabia, todas as noites saía as turmas para serem fuzilados.

HÉLIO SILVA: o relatório diz que partiram, o relatório oficial, cento e cinco ex-marinheiros, em companhia de duzentos e noventa e dois vagabundos, quarenta e quatro mulheres. Isso tudo foram deportados, que não foram mortos em viagem, foram jogados no Amazonas...

JOÃO CÂNDIDO: Foram jogados sim... dados, dados de presente aos seringueiros, de forma em que aqui na Ilha do Boqueirão também, no fundo da baía foram fuzilados grande parte...<sup>232</sup>

O final da revolta da Ilha das Cobras também não é narrado em detalhes, apesar do pedido do entrevistador. Narra apenas que ao desembarcar fora preso sob algumas acusações.

Narra sua prisão e também a de outros marinheiros. Vários foram deportados para a região norte. Em uma viagem funesta, no navio satélite. Alguns foram fuzilados no meio do caminho. Os que sobreviveram foram desembarcados na Amazônia para trabalharem como escravos nos seringais.

<sup>232</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..

Ele ainda se recorda de outros fuzilamentos que teriam ocorrido na Vila Militar. Segundo sua narração, ele teria informantes, o que também é informado em suas memórias de 1912. Mesmo preso, conseguia saber o que estava ocorrendo com outros marinheiros.

Embora tenha permanecido preso por dois anos em condições terríveis, João Cândido não estava na lista do satélite. Porém, segundo uma versão teria estado e depois foi retirado por influência de alguém ou por considerarem perigoso que uma pessoa tão conhecida desaparecesse. João Cândido ficou conhecido ainda durante a Revolta da Chibata quando o seu nome circulou livremente nas páginas de vários jornais. Portanto era uma figura conhecida já em 1910.

HÉLIO SILVA: Há uma notícia de que seu nome teria sido retirado à última hora desta lista, porque sendo o nome mais conhecido provocaria uma revolta, e que graças a isso você não teria figurado nessa lista dos satélites... Você atribui a que não ter figurado nessa lista dos satélites?

JOÃO CÂNDIDO: Eu atribuí por que... eu atribuí mais isto... o... a pessoa de Pinheiro Machado, que ele haja intervido. E mesmo no quartel general havia um... um coronel que era comandante de uma fração lá, aí que me conhecia de Rio Pardo, havia comandado o Vinte e Cinco de Infantaria, não sei o que... Enéas Barreto, uma coisa assim. Havia comandado uma fração lá em Rio Pardo, e ele conhecia minha família.<sup>233</sup>

A dúvida do entrevistador consistia em saber a opinião de João Cândido sobre este fato. A que se devia ele não ter sido despachado para a Amazônia junto com os demais? João Cândido atribuiu isso a seus conhecimentos. Ele conhecia figuras importantes que poderiam ter lhe auxiliado.

Embora não saibamos ao certo o motivo que levou João Cândido a ter permanecido preso na Ilha das Cobras, não se deve menosprezar as relações sociais dele, o que ele mesmo vai reconhecer em muitos momentos. As relações sociais são importantes em qualquer sociedade. Porém, ao tratarmos do período do início do século XX no Brasil, essas relações tinham um peso ainda maior.

Era muito comum o apadrinhamento de alguns indivíduos. Pessoas de famílias importantes apadrinhavam, protegiam indivíduos de famílias mais pobres e com menos prestígio social, em troca de trabalho e favores. Não era diferente com João Cândido. Ele possuía boas relações que lhes foram bastante úteis em diferentes momentos de sua vida.

HÉLIO SILVA: Mas de qualquer maneira você não...

JOÃO CÂNDIDO: Eu estive no quartel general, eu estive, eu estive...

HÉLIO SILVA: ...foi preso, você foi então preso naquele calabouço, naquela coisa escura...

JOÃO CÂNDIDO: Eu estive na solitária...

<sup>233</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..

HÉLIO SILVA: Na solitária, onde só você e um companheiro sobreviveram.

JOÃO CÂNDIDO: Aí é que eu estive.

RICARDO CRAVO ALBIN: É verdade isso?

JOÃO CÂNDIDO: Aí que eu estive morreram dezoito asfixiados. Asfixiados pelo efeito do cal, e ácido fênico e... e outras coisas.

HÉLIO SILVA: Você foi... não tendo embarcado no navio, você foi colocado com mais quantos companheiro nesse... é uma gruta cavada na pedra, fechada com uma porta de madeira e depois uma grade de ferro, e uma...

JOÃO CÂNDIDO: São dois compartimentos... dois ou três compartimentos, são prisões ainda do tempo colonial, do tempo dos holandeses, do tempo de Tiradentes, e nessas o Tiradentes eu depois fora transferido para ela, onde esteve o Tiradentes também.

HÉLIO SILVA: Seus companheiros morreram e só depois de estarem apodrecendo é que... deram conta...

JOÃO CÂNDIDO: Não.

HÉLIO SILVA: ...de que tinham morrido. Como foi?

JOÃO CÂNDIDO: Já pelo efeito morria hoje e já no dia seguinte... a temperatura...

HÉLIO SILVA: Não, mas quando foram retirados, quando é, porque vocês foram jogados lá e deixados lá. Quando é que tiraram vocês de lá?

JOÃO CÂNDIDO: Todos os dias eles iam saber se João Cândido já havia morrido. Eles permitiam de só alimentar e com água, depois que João Cândido morresse. Aí então nós pedia que os outros, que dissessem que eu já havia morrido. E o dia que eles abriram encontraram aquele espetáculo. Aí em que eu estava morreram dezoito homens...

HÉLIO SILVA: Tinha dois sobreviventes e dezoito mortos.<sup>234</sup>

João Cândido trava um diálogo com os entrevistadores sobre a sua prisão. A situação dramática que viveu enquanto esteve preso com outros marinheiros. Hélio Silva mais uma vez quer confirmar o que leu no livro de Morel.

Embora não tenha sido colocado no referido navio, João Cândido narra que queriam que ele morresse. Somente alimentariam os prisioneiros quando este já estivesse morto. Essa narrativa é bastante interessante, pois este detalhe não aparece nas memórias de 1912.

JOÃO CÂNDIDO: E na segunda... na segunda creio que morreram seis ou oito. Esses cadáveres foram levados para o cemitério do Caju, e a administração do cemitério recusara o enterro porque não havia uma declaração... uma declaração oficial. O médico era um oficial da Marinha Capitão Ferreira da Veiga, creio, capitão mor de guerra, recusara atestar as mortes e por isto o jornal "O Correio" que era o jornal de oposição ao governo, houve qualquer um furo, e a... a... a cidade não ia saber, não ia saber, o jornal aí começaram a gritar: "Onde é que está João Cândido?", "Onde é que está João Cândido?", já os ingleses também lá se interessavam, queriam saber onde é que estava João Cândido, agora, aqui tive a oferta oficial, oficial inglês foi a bordo do Minas Gerais, me entregou um ofício do comandante do esquadrão inglês que estava aqui, esse almirante... creio que Smith, Smith, entregou um ofício oferecendo asilo em nome de Sua Majestade Britânica. Vinha aqui, me tirar do navio, o esquadrão inglês, nós recusamos a oferta inglesa, recusemo a oferta argentina, veio um missionário argentino aqui, me entregou um ofício em nome do almirante (nome incompreensível) que era o Ministro da Marinha Argentina, oferecendo asilo, tudo isso nós... eu... nós recusamos, os marinheiros, dissemos mesmo ao inglês que jamais sairíamos do Brasil. O esquadrão inglês estava aí, já protegendo os interesses ingleses. E daí para cá cai na penúria. Um ódio...<sup>235</sup>

<sup>234</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..

<sup>235</sup> Idem.

Muitos não conseguiram sobreviver. Apenas João Cândido e outro contemporâneo estavam vivos quando finalmente abriram a prisão. João Cândido recorda-se sobre suas escolhas. Ele retrocede em suas memórias, ainda quando estava no Minas Gerais e tiveram a oportunidade de receberem asilo político da Inglaterra e da Argentina. Ele não informa quando isto ocorreu. No entanto, fica evidente a crença que eles tinham no governo brasileiro, na anistia e no Brasil.

HÉLIO SILVA: Quando saiu desse...dessa prisão, você foi dado como louco, foi mandado para um hospício.

JOÃO CÂNDIDO: Não, aquilo foi um arranjo deles para não depormos no inquérito em que certamente estavam em andamento. Mas era um inquérito, como costuma-se dizer.

(falha na gravação)

JOÃO CÂNDIDO: ...e para que eu não depusesse me mandaram para o hospício, tinha o hospício mas lá tinha um grande professor Julião Moreira...

HÉLIO SILVA: Juliano Moreira é um mestre.

JOÃO CÂNDIDO: ...me disse... ele me disse: “A casa é sua. Quando quiser voltar para a Ilha, volte, a casa é sua”. Depois a Ilha fora ocupada para... pelo Exército, o Exército, tomaram conta da Ilha, foram para lá oficiais muito distintos que to... que deram todos o direito humano ao... do homem aos prisioneiros. Tinha lá um oficial, morreu como Marechal Crispin....Crispin Ferreira, era um oficial muito distinto, Coronel Saraimba, oficial muito distinto, teve um também, um batalhão que tinha aqui Segundo Batalhão que era aqui, era aqui no Arsenal de Guerra, Alfredo Leão da Silva Pedra. Segundo ba... se lembram disso, não se lembram? O Segundo Batalhão era aqui...

HÉLIO SILVA: Lembro.

JOÃO CÂNDIDO: ...era aqui no Arsenal de Guerra. Depois saí da Marinha, fui excluído.<sup>236</sup>

Hélio Silva retoma a narração dos fatos baseado no Livro de Edmar Morel, lembra que quando João Cândido saiu da prisão foi considerado como louco e internado no Hospital dos Alienados. João Cândido afirma que nunca esteve louco e que foi um arranjo da Marinha para que ele não depusesse no inquérito que estava sendo realizado. João Cândido recorda-se ainda, de que passou bons momentos no referido hospital, porém sua estadia ali durou pouco, uma vez constatado que ele não tinha nada. Teve que retornar à ilha.

RICARDO CRAVO ALBIN: Mas, um minuto estava ainda... do hospício passou pra onde, seu Cândido?

JOÃO CÂNDIDO: Do hospício voltei para... para a Ilha, pra vir responder o Conselho de Guerra.

HÉLIO SILVA: Relate isso, como foi esse Conselho?

JOÃO CÂNDIDO: Respondi o Conselho de Guerra...

HÉLIO SILVA: E como foi o Conselho de Guerra?

JOÃO CÂNDIDO: O Conselho de Guerra foi a...eles fizeram a vontade deles, tinha uma turma dos grandes juristas da época, entre os quais Evaristo Moraes, o velho, Caio Júlio Cesar Monteiro de Barros...

HÉLIO SILVA: ...Barbado...

JOÃO CÂNDIDO: É... Jerônimo de Carvalho, também era da corte, da corte, usava

<sup>236</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..

casaca, por conta da Igreja dos homens de cor... por conta da... da Igreja do Rosário. Ele só aceitara a causa com... com as condições da Igreja não contribuir um centésimo para... pelo feito deles, Evaristo e o outros. Fui ao Conselho de Guerra, o Auditor também era um homem muito, muito sério, João Pessoa, era o Auditor de Guerra. Aquele que mataram...

HÉLIO SILVA: Na Paraíba.

JOÃO CÂNDIDO: Na Paraíba. João Pessoa...eles me disseram: “Vocês estão absolvidos”, uns dois ou três mês antes da reunião do Conselho de Guerra. Eram mais de dois mil marinheiros, só compareceram, creio que dezesseis ao Conselho de Guerra. Perversidade da Marinha. De fato, fomos absolvidos, absolvidos e eu excluído da Marinha. Não me excluí... não me expulsaram, me excluíram porque eu tinha tempo demais de serviço, de maneira que não deu mais para que fosse... excluído por conclusão de tempo legal de serviço.

RICARDO CRAVO ALBIN: Em que dia se deu sua exclusão?

JOÃO CÂNDIDO: Trinta de janeiro de 1912.<sup>237</sup>

Ricardo Cravo Albin deseja uma narrativa mais detalhada e retoma o momento em que o entrevistado retorna do Hospital dos Alienados. Ele deseja saber o que ocorreu deste momento até a sua exclusão da Marinha.

Vale mencionar que na entrevista de 68 em nenhum momento João Cândido mencionou ter escrito suas memórias enquanto esteve preso no Hospital dos Alienados, nem tão pouco ter ditado o restante delas a nenhum jornalista, ou ainda, ter concedido entrevista a algum jornalista enquanto esteve preso, na Ilha das Cobras. Ele deixou bastante claro que durante o tempo em que lá esteve preso, embora estivesse incomunicável, recebia informações do que ocorria fora dali. Ele tinha informantes, mas em nenhum momento fala que passou qualquer informação a alguém.

Respondendo a Ricardo Cravo Albin, ele informou que respondeu ao Conselho de Guerra. Portanto, as únicas informações que ele admite ter prestado durante o tempo de sua prisão foi ao referido Conselho.

Seus defensores foram Evaristo de Moraes, Caio Júlio Cesar Monteiro de Barros e Jerônimo de Carvalho. Estes foram contratados pela Irmandade dos Homens de Cor da Igreja do Rosário.

RICARDO CRAVO ALBIN: E daí então passou a viver como, seu Cândido?

JOÃO CÂNDIDO: Passei a viver na vida civil.

HÉLIO SILVA: Sentiu?

JOÃO CÂNDIDO: Muito perseguido pela... pela... pela Marinha...

HÉLIO SILVA: De que modo?

JOÃO CÂNDIDO: Eu queria seguir a vida do mar, embarcava... fui para a Marinha Mercante, então lá eu embarcava hoje aqui, chega o primeiro porto, chegava os oficiais da Marinha cassavam meus direitos, dizia que eu não podia, que eu não podia embarcar, pois que era revoltoso... Em uma viagem para o Rio Grande do Sul... para a Argentina, na volta cheguei... não, primeiro para o Rio Grande do Sul, navio brasileiro. Saí do Rio Grande do Sul, o Capitão dos Portos me cassou os papéis. Então

<sup>237</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..

não sei o que aquela vez , que lá durante a Guerra eu havia dado viva à Alemanha, aqui na avenida. O capitão da Mari...capitão da Fragata. Voltei para o Rio, cheguei aqui, fui a bordo do Almirante Alexandrino, que era o Ministro da Marinha, para (ininteligível). E por telefone chamou o Capitão dos Portos e... “Entreguem os papéis de João Cândido imediatamente!. Eu também fui revoltoso e sou Ministro da Marinha”. Depois, andei lá pela Argentina, andei pela Grécia, embarcado num navio grego. Depois deu saudades do Brasil (ininteligível)...<sup>238</sup>

Após a sua saída da Marinha, João Cândido tentou trabalhar na Marinha Mercante, o que conseguiu por algum tempo. No entanto sofria várias perseguições por parte de alguns oficiais.

João Cândido relatou um incidente no qual seus documentos foram apreendidos no sul e então recorreu a seu velho conhecido, então Ministro da Marinha, o Almirante Alexandrino de Alencar, que mais uma vez o ajudou.

João Cândido seguiu sua vida no mar, fazendo o que sabia fazer de melhor. Trabalhou em diferentes países, porém sempre foi muito ligado ao Brasil e retornou para o país.

HÉLIO SILVA: Quando?

JOÃO CÂNDIDO: Isto... por volta de 1920, 22, e quando dei na... quando era a epidemia espanhola eu estive aqui na guar...

HÉLIO SILVA: Dezoito.

JOÃO CÂNDIDO: Dezoito. Eu estive a serviço dos navios ingleses, da divisão inglesa que estava aqui, no momento de limpeza, desinfecção, enterrando inglês, todo dia mo... todos os dias morriam trinta a quarenta ingleses, da divisão que estava aqui, ficou... ficou destruída aí, foi preciso que viessem novas tripulações da Inglaterra, entre as quais estavam o cruzador (nome incompreensível) e outros mais uns dois ou três cruzadores. E eu recebi novamente o convite para ir para a Inglaterra e eu desisti. Em 1917 estive na Argentina, aí e recebi convite para ficar na Argentina e desisti. Um marinheiro em que eu deixei... que desertou na Argentina em 1900, em 1917 eu cheguei na Argentina encontrei ele como capitão de fragata da Marinha Argentina, chefe dos práticos, militar de Baía Branca que é a primeira base naval da América do Sul, é a Baía Branca na Argentina. Cinco galeões... veio a bordo do navio em que eu estava, almoçar comigo (pausa).

HÉLIO SILVA: E voltou então, depois disso, em 1922...

JOÃO CÂNDIDO: Depois...

HÉLIO SILVA: Pra fazer o que, seu Cândido?

JOÃO CÂNDIDO: Depois ingressei na pesca, fui para a pesca. Era muito perseguido na Marinha Mercante, passei para a pesca. Trabalhei quarenta anos no mercado de pesca, aqui no serviço de pesca. Em 59, ali na Praça Quinze, no interposto da pesca, no dia em que completou quarenta anos abandonei o serviço. Não tinha, não tinha resultado, via que ia morrer de fome, abandonei o serviço e fui para o Rio Grande, sabe o que? Pedir esmola no Rio Grande do Sul, o Estado dera-me uma pensão de oito mil cruzeiros, o Estado do Rio Grande do Sul. Hoje, graças a Deus, estou com uma pensão sabe de quanto? Cinquenta e oito cruzeiros, foi quanto eu recebi no Banco do Estado este mês. Graças a Deus! Representa, para mim, representa milhões por vir de onde vem, do meu glorioso Rio Grande do Sul! O chofer esteve lá em casa ele viu, diploma de cidadão honorífico da Câmara Municipal de Cachoeira do Sul, da União Estudantil do Rio Grande do Sul... do... de São João de Miriti e outras coisas mais. Hoje tô com cinquenta e oito cruzeiros, imagine, dá para alguém comer? A missão está em pé.<sup>239</sup>

<sup>238</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..

<sup>239</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..

Teve convite para trabalhar na Inglaterra e na Argentina porém recusou. Ele justificou em parte suas escolhas pelas perseguições que sofria na Marinha mercante. Em 1922, ele retornou ao Brasil para trabalhar no mercado de peixe na Praça XV, onde ficou por quarenta anos.

HÉLIO SILVA: Você tem quantos filhos?

JOÃO CÂNDIDO: Tenho cinco filhos homens. Tenho um que não vejo há trinta anos, há mais de trinta anos. Esse aí sabe onde é que ele trabalha. Trabalha aqui perto mesmo, na Esplanada.

HÉLIO SILVA: Quais são os nomes de seus filhos, apenas a título de documentação?

JOÃO CÂNDIDO: Está aqui Adalberto do Nascimento Cândido, Arnaldo do Nascimento Cândido, Daniel Idálio Cândido, Mario de Freitas Cândido, Mackenzie Cândido e um enteado...

ADALBERTO CÂNDIDO: Almerindo do Nascimento Cândido...

JOÃO CÂNDIDO: Almerinda do Nascimento Cândido, Zelânia do Nascimento Cândido...

ADALBERTO CÂNDIDO: Zelânia...

JOÃO CÂNDIDO: Zelânia do Nascimento Cândido...

ADALBERTO CÂNDIDO: Cândido de Andrade, Cândido de Andrade...

JOÃO CÂNDIDO: Cândido de Andrade, que é casada e tomaram o nome dela, a outra família... Agora, netos, tô com vinte e uma netas...

HÉLIO SILVA: Bisnetos...

JOÃO CÂNDIDO: Bisnetos ainda não tenho nenhum. Creio que vou ter o primeiro agora, brevemente.

RICARDO CRAVO ALBIN: Qual é a rua em que mora hoje, seu Cândido?

JOÃO CÂNDIDO: Eu moro na rua Turmalina, lote 18, quadra 50, terceiro distrito de São João de Miriti.

RICARDO CRAVO ALBIN: E qual é seu estado de saúde hoje em dia...

JOÃO CÂNDIDO: Meu estado de saúde é precário, com essa idade não posso ter um estado de saúde muito bom, não é? O estado de saúde é precário.<sup>240</sup>

Os entrevistadores queriam olhar mais informações sobre sua família e sua vida atual. Pela primeira vez o seu filho Adalberto Cândido falou na entrevista para lembrar o pai dos nomes dos seus irmãos mais velhos.

João Cândido revelou, então, que quando estava na Inglaterra, acompanhando a construção do Minas Gerais, levado por um sentimento de simpatia por Nilo Peçanha, Chefe do Governo, mandou pintar o seu perfil a carvão. No Rio o encouraçado foi visitado pelo presidente da república e todo o ministério.

Já gozando da proteção do Almirante Alexandrino de Alencar, Ministro da Marinha, cuja família, em Rio Pardo, muito o protegeu na infância, fácil foi mostrar o quadro ao chefe da Nação, que mandou marcar uma audiência especial para João Cândido, no Catete; ele foi o único marinheiro, em toda a história do Brasil, a receber tamanha honraria.

João Cândido ofereceu o retrato e suplicou ao Presidente da República, em nome de milhares de companheiros, a abolição da Chibata na Armada. A entrevista foi em maio de 1910.

Daí a suspeita de a revolta ter sido inspirada por Nilo Peçanha e o Almirante Alexandrino de Alencar, que deixaram o Governo oito dias antes da rebelião.<sup>241</sup>

<sup>240</sup> Idem.

<sup>241</sup> MOREL, Edmar. A Revolta da Chibata... Op. cit., p.155.



João Cândido interrompeu o entrevistador para narrar sua visita ao presidente Nilo Peçanha em 1910, antes da Revolta da Chibata.

Destaco o trecho do livro de Edmar Morel sobre o referido episódio, pois além de informações importantes sobre a visita de João Cândido ao presidente, ele possui um texto muito próximo da própria narração de João Cândido.

No dia vinte e três de abril de 1910, mesmo mês em que o Minas Gerais chegou ao Brasil, o então Ministro da Marinha Almirante Alexandrino de Alencar ofereceu um jantar a bordo do daquele navio ao presidente da República, Nilo Peçanha, e aos demais ministros. Todos estiveram presentes. Apenas o Barão do Rio Branco não pode comparecer por estar doente e enviou uma carta se justificando e com um pedido de desculpas.<sup>242</sup>

A comitiva presidencial chegou ao Arsenal da Marinha por volta das quinze e trinta da tarde. Foram primeiramente visitar o navio americano North Carolina, que havia chegado juntamente com o Minas Gerais transportando os restos mortais de Joaquim Nabuco e o navio austríaco Kaiser Karl VI.<sup>243</sup>

Logo em seguida chegaram ao Minas Gerais onde foram recebidos pelo Capitão de Mar e Guerra Batista das Neves que mais tarde veio a falecer no episódio da Revolta da Chibata. O presidente seguido de sua comitiva fez uma visita minuciosa em todo o navio e ainda observou várias manobras realizadas na embarcação, bem como os exercícios dos marinheiros.<sup>244</sup>

Pelo que indica a narração de Edmar Morel e as informações prestadas por João Cândido ao MIS, muito provavelmente, foi neste dia que João Cândido teve a oportunidade de falar com o almirante Alexandrino, que possibilitou sua visita ao Catete.

RICARDO CRAVO ALBIN: Me permita o doutor Hélio Silva, a perguntar...

JOÃO CÂNDIDO: Agora, mais uma coisa: o senhor já leu aí, eu fora o único marinheiro na História do Brasil colônia, Império, Repúblicas....República, não tenho conta de quantas, fora o único marinheiro na História colônia, Império, Repúblicas do Brasil a ter uma audiência marcada pelo Chefe de Estado no mundo! Eu tive uma audiência... uma audiência marcada pelo doutor Nilo Peçanha com o Presidente da República e fora recebido no Salão Amarelo em audiência pelo digno Chefe de Estado.

RICARDO CRAVO ALBIN: Quando?

JOÃO CÂNDIDO: Isto em 910, não estou me recordando, sei que...

HÉLIO SILVA: Antes da revolta?

<sup>242</sup> O Paíz , 24 de abril de 1910. Visita presidencial ao North Carolina, kaiser Karl VI e minas gerais. Edição 09332. Hemeroteca biblioteca nacional. Acessado: <http://hemerotecadigital.bn.br/>

<sup>243</sup> O Paíz , 24 de abril de 1910. Visita presidencial ao North Carolina, kaiser Karl VI e minas gerais. Edição 09332. Hemeroteca biblioteca nacional. Acessado: <http://hemerotecadigital.bn.br/>

<sup>244</sup> O Paíz , 24 de abril de 1910. Visita presidencial ao North Carolina, kaiser Karl VI e minas gerais. Edição 09332. Hemeroteca biblioteca nacional. Acessado: <http://hemerotecadigital.bn.br/>

JOÃO CÂNDIDO: Antes, muito antes, foi há o que... tanto assim que na revolta ele fora acusado, ele fora suspeito, como se tivesse qualquer...

HÉLIO SILVA: Ele quem?

JOÃO CÂNDIDO: Nilo Peçanha, porém já estava na Europa, tinha deixado o governo e seguira para a Europa.<sup>245</sup>

João Cândido novamente é interrompido. Ricardo Cravo Albin ainda não estava satisfeito com as respostas do entrevistado. Tendo sido um marinheiro de bom comportamento, João Cândido nunca foi chicoteado. Ele possuía uma boa relação com todos. Era bem visto pelos seus pares, respeitado por eles. Os oficiais o reconheciam como uma autoridade entre os demais marinheiros.

RICARDO CRAVO ALBIN: Eu me permito, peço, é, licença ao doutor... ao doutor Hélio Silva, a lhe formular uma pergunta para esclarecer melhor os antecedentes da revolta de que o senhor foi líder. Quais os germes, como, quando o senhor entrou na Marinha, a partir de que momento passou a pensar em fazer um protesto que culminaria nessa revolta?

JOÃO CÂNDIDO: Ah, eu entrei na Marinha...

RICARDO CRAVO ALBIN: Relate isto.

JOÃO CÂNDIDO: ...entrei na Marinha com... com quatorze anos e entrei bisonho. Entrei na Marinha bisonho e toda luz que me iluminou e me ilumina, graças a Deus, que é pouca, foi adquirida, posso dizer, na Marinha.

HÉLIO SILVA: Alguma vez você foi chicoteado?

JOÃO CÂNDIDO: Não, senhor, graças a Deus.

HÉLIO SILVA: Então você era um marinheiro de bom comportamento.

JOÃO CÂNDIDO: Bom comportamento, tanto assim que seria um marinheiro, continuaria bem, continuaria (ininteligível) várias vezes que só era permitido o engajamento nas Forças Armadas...

HÉLIO SILVA: E chegou a marinheiro de primeira classe...

JOÃO CÂNDIDO: A cabo de esquadra.

HÉLIO SILVA: A cabo de esquadra, o que além de um merecimento técnico era um bom comportamento.

JOÃO CÂNDIDO: Porém, quando dera-se a revolta, não estava exer... não era... não era cabo, era unicamente marinheiro de primeira classe, mesmo que me convinha mais ser primeira classe do que ser cabo, que os cabos sempre têm maior responsabilidade. E de forma em que toda luz que me ilumina, que é pouca, agradeço à Marinha. Cheguei no Rio de Janeiro bisonho, bisonho, não sabia nada, não sabia o "A", não sabia andar, não sabia nada. Dou graças a Deus a esta gloriosa cidade!

HÉLIO SILVA: Eu...

JOÃO CÂNDIDO: Minha cidade adotiva e minha cidade madre...

RICARDO CRAVO ALBIN: Agora, seu Cândido, eu lhe perguntaria, porque, com eu tratamento, pelo menos ao senhor um tratamento correto, o que lhe deu o germe que....

JOÃO CÂNDIDO: Agora, sim, vamos entrar nesse assunto... já de...de moço, a rapaziada quando nós congregava muito, os moços, e sempre tinha uma certa... um certo... uma certa confiança em mim. Eu era o mesmo com criança, a gente era o mesmo até dos velhos, até dos velhos. Tinha interesse pelo bem-estar de todos, pela saúde de todos, e essas coisas. Quando não me dava bem aqui, pedia... pedia transferência até... cheguei até o extremo, para descansar... pedi transferência lá para o nosso velho Amazonas, coitado do Amazonas, meus trinta e três anos que eu estive por lá estão gritando... estão gritando agora... eu conheci o Amazonas em criança... em criança... é a mesma coisa de hoje... a escravidão, escravidão, aquilo nas mãos dos seringueiros...

<sup>245</sup>Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit...

HÉLIO SILVA: Essa tema da escravidão é o lema da sua vida. Você foi um homem marcado pelo destino para realizar um papel. E você teve a felicidade de num dado momento você ter cumprido aquilo que o destino espe...queria de você. Você foi marcado pela sua cor como uma reivindicação, que todo homem é igual, independente da pigmentação da sua pele. Você liderou uma... um protesto, uma revolta, que não era revolta apenas...

JOÃO CÂNDIDO: Um protesto que foi, que transformou...

HÉLIO SILVA: Que fora de cor. Era um protesto dos humildes, um protesto de todos os marinheiros contra uma forma de tratamento aviltante. Era uma manifestação de dignidade e é um anseio de libertação. Então, este anseio que permanece até hoje, que ainda agora mesmo vo.....você fala da sua lembrança do Amazonas, reconhecendo que esse anseio de libertação permanece em todos os homens e que sempre que há uma condição de humilhação, de escravidão, deve haver um protesto. Você diz que antes faria o mesmo protesto. Através da sua vida...<sup>246</sup>

João Cândido atribui sua boa relação com todos às características de sua própria personalidade. Sempre esteve preocupado com os demais. E, reunia ao redor de si, outras pessoas. Portanto ele era um líder natural.

Desvia-se novamente da pergunta que lhe foi feita. Recorda-se do tempo em esteve no Amazonas, enquanto o entrevistador relaciona sua fala sobre o Amazonas com a Revolta da Chibata e a suposta luta de João Cândido pela liberdade exposta pelo entrevistador ainda no início da entrevista. João Cândido estava mais preocupado em relatar sobre o que viu, as coisas que mais o marcaram. Mais do que falar dele mesmo, ele quer falar do país, do Brasil que ele conheceu quando era marinheiro. Do Brasil do seu tempo atual, o que mudou e o que permanece o mesmo.

JOÃO CÂNDIDO: Me dá licença, vai me dá licença um pouquinho... Eu estive no Amazonas, eu estive no Amazonas...

HÉLIO SILVA: Tenta depois...

JOÃO CÂNDIDO: ...eu estive no Amazonas em um ponto que a menos de cem metros eu vi quando passar o chefe de Estado sul americano prisioneiro das tropas dos patriotas de Plácido de Castro, sabe quem? General Pando, presidente da Bolívia, tomaram conta das terras da Amazônia que ali inclusive que o exército dele estava tendo desvantagem, deixara a presidência da Bolívia, e ele assumira o comando do exército dele nas trevas acreanas e caíra também no poder dos... dos voluntários de Plácido de Castro, gaúcho, Rio gretense, o gaúcho. Eu vi quando ele passou, abriu a gaiola, prisioneiro dos... dos... dos patriotas de Plácido de Castro, na chamada boca do Acre, é ponto estratégico. Era onde estavam às tropas federais, tanto da Marinha quanto do Exército, comandadas pelo General Gabino Besouro, o ex governador de Alagoas.

HÉLIO SILVA: Portanto, você, nunca tendo sido um político militante, você nunca quis ser um político militante...

JOÃO CÂNDIDO: Não.

HÉLIO SILVA: ...você sempre foi um homem que tomou partido, que tomou uma atitude, o partido dos humilhados, o partido dos humildes, o partido da libertação. Certo?

JOÃO CÂNDIDO: O partido dos bons.<sup>247</sup>

<sup>246</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..

<sup>247</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..

João Cândido não é um político militante. Porém, sempre tomou partido dos humildes. Esta foi a definição do entrevistador Hélio Silva sobre o marinheiro. Porém, o entrevistador desejava que João Cândido explicitasse sua posição política ao longo século XX. Para isso ele citou cada ano em que ocorreu um fato relevante no cenário político brasileiro.

HÉLIO SILVA: O partido dos bons. Muito bem. Agora eu pergunto: nesse período, do seu desligamento para a Marinha, de 1912 até agora, o Brasil passou por várias crises políticas, teve vários movimentos. Sem querer fazer uma apreciação política, mas apenas definindo a sua conduta, como um homem que tem lugar na História do Brasil. Nesses períodos todos, você como considerou ou como se portou em face desses movimentos sucessivos, vamos dizer, 22, 24, 30, 32, 37, 38, 45, 54, até os dias de hoje.

JOÃO CÂNDIDO: Daqueles primeiros movimentos de 22 e 24, daqueles eu tenho pouca... eu tenho pouca prática. Porém este, esse movimento dos marinheiros, os marinheiros me consultaram, e eu avisei a eles que eles iam cair do galho, que a ocasião era inoportuna.

HÉLIO SILVA: Refere-se a 38?

JOÃO CÂNDIDO: Estes, agora, dos marinheiros de... de 64. 64? Eu avisei a eles: vocês vão cair do galho, nunca me pediram opinião, porém eu que já sabia de tudo avisei a eles. De fato, entusiasmas... entusiasmassem-se demais. E este agora, esse militar, desculpem as minhas expressões, eu sei que os paisanos vão ficar zangados comigo, foram um movimento de salvação pública, na minha opinião. Não sei se alguém vai discordar de mim. Este agora, os militares, foi um movimento de salvação pública, porque eles estão trabalhando. Eles estão, os militares estão trabalhando, bem que também que eles estão rodeados de boas equipes, eles estão trabalhando, se não fizerem tudo farão o que puderem. E nós os paisanos já devíamos de ter feito o que eles pretendem fazerem agora. Esse movimento, sede bem vindo, que foi um movimento de salvação pública. E agora eu, com prejuízo, ou sem prejuízo, essas coisas, porque eu pouco interesse, né? Não se me davam nada, não se me dão nada, não sou simpático a fulano, essas coisas. Eu quero, eu quero ver é um Brasil bom, grande, forte, defendendo os seus, dando fartura aos seus, sem pedir, sem precisar de pedir trigo lá na Rússia, na Argentina, nesses lugar, que nós temos capacidade para tudo isso. Nós temos capaci...

RICARDO CRAVO ALBIN: Seu Cândido...

JOÃO CÂNDIDO: Eu vou dizer uma coisa: eu cheguei no Rio Grande do Sul há poucos anos, há coisa de oito para nove anos, fiquei envergonhado, fiquei triste, vendo o gaúcho parando, andando em bicicleta, no campo, em bicicleta. O que é isso? Não, é porque fazendeiro agora, se nós formos para casa a cavalo, o cavalo da fazenda, tem uns que pagaram direito do lombo do cavalo. Eu vi nas linhas de Cachoeira para Rio Pardo, não, eu vi lá um gaúcho com o laço na bicicleta. Falou: "Isso aí é pra fazenda". Fiquei triste quando cheguei no Rio Grande do Sul e encontrei a cidade de Cachoeira, uma cidade irmã, perto dos antigos meados de Santos, a cidade pobre, o povo no meio da rua, e um povo na porta da prefeitura pedindo comida. Cachoeira foi uma cidade rica, rica mesmo na expressão da palavra, passavam aquelas... aquelas indústrias em meados de Santos, né, com as primeiras indústrias do Sul do país. Agora, Rio Pardo... Porto Alegre cresceu, Rio Pardo também, cidade de centro de fronteira, cresceu pouquinho...<sup>248</sup>

De acordo com a visão política de João Cândido, os governos militares pós-64 estavam trabalhando em prol do Brasil. O governo militar estava fazendo o que já deveria ter sido feito por outros governos civis anteriores.

<sup>248</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..

Em uma análise simplista poderíamos concluir que estava sendo incoerente. No entanto, é justamente o oposto. João Cândido ingressou na Marinha com quatorze anos de idade. Toda a educação que recebeu veio dela, como explicitou anteriormente. Ele demonstrou ao longo desta entrevista, bem como também em suas memórias de 1912 possuir uma visão do Brasil que passa pelo nacionalismo e pelo militarismo. Observa-se através da sua fala suas aspirações para o Brasil. Um Brasil forte que produzisse tudo o que tenha necessidade, sem nada pedir emprestado.

O movimento dos marinheiros do ano de 1964 é criticado por João Cândido. Em 1962, foi criada a Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil (AMFNB). Até 1964 esta associação reivindicou melhorias para os marinheiros e fuzileiros navais. A associação foi aos poucos radicalizando suas propostas e se aproximando de alguns movimentos sociais. O que culminou com o seu fechamento, prisões e perseguições de seus integrantes em 1964.<sup>249</sup>

A última manifestação pública da associação foi uma homenagem a João Goulart no Salão do Automóvel Club, no dia trinta de março de 1964, dois dias antes do golpe militar. João Cândido esteve presente a esta manifestação.<sup>250</sup>

RICARDO CRAVO ALBIN: Seu Cândido, eu quero insistir, se me dá licença...

JOÃO CÂNDIDO: Pois não...

RICARDO CRAVO ALBIN: ...naquele, naqueles... é... nos... no início, aquilo que determinou a sua revolta. É uma pergunta que eu lhe fiz e que não foi devidamente...

JOÃO CÂNDIDO: Eu quis unicamente, aquilo foi unicamente...

RICARDO CRAVO ALBIN: Se o senhor me permite. Se o senhor era tratado bem, se o senhor tinha uma condição de liderança, o porquê lhe levou, o que lhe levou a estruturar aquela revolta de 1910?

JOÃO CÂNDIDO: É porque, eu que tinha gozado de uma certa regalia com os oficiais, e os... a marujada me obedecia muito porque eu sempre, a voz exercia uma função de mando. Eu exercia uma função de um oficial, uma função de mando, e os marinheiros sempre quis estar junto a mim, essas coisas, e havia oficiais mesmo que tinham contato direto comigo. Havia oficiais sérios mesmo, queriam saber, oficiais até que... pediam para... para... instrução. E daí...

RICARDO CRAVO ALBIN: O senhor era benquisto portanto pelos oficiais.

JOÃO CÂNDIDO: Pelos oficiais, por alguns, alguns oficiais e pela... pela marujada. Os oficiais para mim... e daí fui nascendo, fui crescendo, fui crescendo, fui crescendo, até que o milho deu a espiga. Deu a espiga desejada. Os marinheiros gozaram: João Cândido para aqui, João Cândido para ali, essas coisas. O senhor vai encontrar talvez em alguns desses livros manifestações aqui no Largo do... do Paço, uma velha que pedia esmola e ninguém tinha dinheiro, e eu tinha cinco réis no bolso e nós demos nas mãos da velha na ocasião em que vinha chegando o meu comandante Alexandrino de Alencar. Era o comandante do Riachuelo, então aquilo para mim e para os demais marinheiros aquilo foi um alento, mandou formar tripulação ele mesmo, fizeram um grande elogio, e essas coisas. Aquilo para mim foi um alento, fui indo, fui tomando, fui vendo a Marinha, andando pelo

<sup>249</sup> ARIAS NETO, José Miguel de. João Cândido 1910-1968: arqueologia de um depoimento sobre a revolta dos marinheiros. Op. cit., p.160.

<sup>250</sup> Idem. Ibidem, p.160.

mundo, em contato com outra... outros povos, muito viajado por todos os países da Europa...<sup>251</sup>

Embora João Cândido já tivesse explicitado de diferentes maneiras os motivos que o levaram a tomar parte na Revolta da Chibata, para Ricardo Cravo Albin, as suas dúvidas não haviam sido sanadas. Talvez por que a resposta que ele esperava ouvir não ocorreu. Segundo João Cândido, o movimento dos marinheiros de 1910 foi elaborado por todos os marinheiros. Havia algumas lideranças, mas era um movimento coletivo. Ele não montou os comitês, ele fazia parte dos comitês, órgãos que definiam e escolhiam quem deveria ocupar cada uma das posições necessárias para a revolta. Como explicitou em sua narrativa de 1912, quando narrou sobre as reuniões dos comitês.

RICARDO CRAVO ALBIN: E essa espiga de milho, quando é que nasceu o primeiro grãozinho, o que levou a produzir a espiga de milho?

JOÃO CÂNDIDO: Esse é... o primeiro grãozinho foi que... foi na organização dos comitês, já com título de comitês revolucionários. Cada um comitê e...

RICARDO CRAVO ALBIN: Quem organizou?

JOÃO CÂNDIDO: E a intenção era aquela. Era... era logo que tivéssemos o elemento essencial para impormos às autoridades a revolta teria que vir.

RICARDO CRAVO ALBIN: Mas quem organizou esses comitês?

JOÃO CÂNDIDO: Os marinheiros. Eu era... eu era um dos chefes. Os marinheiros da época.

RICARDO CRAVO ALBIN: Quais eram os outros chefes?

JOÃO CÂNDIDO: Os outros, Floriano Dias Martins, Dias Martins, que comandou mais tarde o... Cruzador Baía, Gregário do Nascimento que mais tarde coura... comandou o encouraçado São Paulo, André Avelino que comandou o encouraçado Deodoro, todos esses mari... eles congregaram os marinheiros dos navios em que eles serviam e outras repartições.

RICARDO CRAVO ALBIN: Mas essa ideia de congregar marinheiros nesses comitês nasceu de onde e por quê? O senhor poderia...

JOÃO CÂNDIDO: Dos próprios marinheiros...

RICARDO CRAVO ALBIN: Pelo processo de chibatas...

JOÃO CÂNDIDO: E...para...para combater os maus tratos e as má alimentações da Marinha, e acabar definitivamente com a chibata na Marinha. O caso era este. Nós que vínhamos da Europa em contato com outras Marinhas não podíamos mais admitir que na Marinha do Brasil ainda um homem tirasse a camisa para ser chibateado por outro homem.

RICARDO CRAVO ALBIN: E nesses comitês, como o senhor assumiu a liderança? Podia relatar esse seu processo...

JOÃO CÂNDIDO: Assumi a liderança já indicado pelo demais comitê...comitês. Porque houve... havi... houve a... houve a formação do... em grupos, cada grupo, em cada um grupo tinha sua função. Nós tínhamos o nosso pessoal de máquinas da própria revolução. Nós tínhamos o nosso pessoal combatente da própria revolução, que eram os próprios marinheiros, não eram... não eram oficiais, não. Nós tínhamos nossos...nossos próprios marinheiros especialistas que estudaram inglês lá na Inglaterra, conheciam o movimento dos novos navios a fundo, o segredo dos novos dragão branco na época, eles era o símbolo dos mares, era Minas e São Paulo. Os marinheiros que estudaram na Inglaterra, todos eles estavam incorporados na Revolução, mesmo antes dela estourar. E daí, para o fim, definiu-se. Daí...

RICARDO CRAVO ALBIN: Os comitês cresceram, o senhor assumiu o controle, e

<sup>251</sup>Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..

daí?

JOÃO CÂNDIDO: Os comitês... os comitês cresceram, e eu tinha o domínio, o domínio total de todos eles, determinava para este ou para aquele nós todos os dias... todos os dias ou todas as... ou quando o... ah, o mais tardar de vinte em vinte e quatro horas nós tínhamos que estar em contato com todos os comitês. Com reuniões e... quando não podíamos nos reunir aqui na cidade nós íamos lá para o Sumaré, esses lugares, no Rio ia lá no mato...<sup>252</sup>

João Cândido forneceu o nome de algumas lideranças do movimento de 1910. Esses nomes são os mesmos que aparecem em suas memórias. Esses homens lideravam as reuniões nos comitês. As ordens para a revolta saíam das deliberações dos comitês.

Ele mesmo teria sido escolhido para ocupar sua função. A condição que ele impôs para assumir a liderança da esquadra revoltada foi um acordo assumido com estes comitês. E qual seria a função de João Cândido dentro da revolta de 1910? Esta é uma questão bastante clara por tudo o que já foi analisado. Ele era o comandante da esquadra e um dos líderes da Revolta.

A Revolta em si tinha diversas lideranças. O que não diminui em absolutamente nada o mérito de João Cândido. Sendo um marinheiro ele se destacava entre os demais por sua capacidade técnica para comandar um navio de guerra e toda uma esquadra, e ainda possuía características pessoais indispensáveis para ocupar tal função.

RICARDO CRAVO ALBIN: Uma outra pergunta: a oficialidade ou alguns oficiais tinham conhecimento disso?

JOÃO CÂNDIDO: Não, jamais, jamais, jamais, porque ali havia... ninguém queria arriscar a vida, aqueles que pertenciam à revolução, ninguém queria arriscar a vida, jamais os oficiais... estaríamos perdidos, se algum dos oficiais tivesse qualquer uma de nós que... Aliás, numa ocasião, um oficial, também muito sagaz, falou: (ininteligível) falou com o almirante, me chamaram e me disseram: “João Cândido, vem cá. Eu hoje estou de serviço. Logo de noite você vai lá na, vai lá no alojamento, nós vamos conversar um bocado”. De noite eu fui lá: “Comandante”. E ele: “Senta aí”. E me disseram: “João Cândido, eu estou notando qualquer coisa entre a, entre vocês. Desconheço qualquer um fato, desconheço, tanto que os marinheiros, os marinheiros estão em grupinhos, em conversa, quando se aproxima um superior eles debandam, tô notando qualquer coisa”. E eu digo: “Não, eu desconheço tudo que haja de anormal a bordo”. Ele tinha confiança. E de forma em que depois da revolta, eu encontrei com ele porque ele assumira o comando do Batalhão Naval, e o Batalhão Naval, os marinheiros estavam subordinados ao Batalhão Naval aí nessa... Ele me disse: “João Cândido, eu não te disse numa ocasião a bordo, eu não te avisei?”. Ele notara em uma torre do Minas Gerais, era um oficial muito sagaz, ele notara uma digital em uma torre do Minas Gerais. Ele me disse: “Eu notei qualquer coisa na torre de ré. Eu não pertença (ininteligível)”. “Desconheço”. Ele notara. Se os oficiais têm mesmo conhecimento antes, nós estávamos perdidos, nós catava um. Mas, quando diga: ficaremos com o Amazonas ou não?

HÉLIO SILVA: Devemos ficar.

JOÃO CÂNDIDO: Devemos.

HÉLIO SILVA: Precisamos ficar.

JOÃO CÂNDIDO: Precisamos ficar.

HÉLIO SILVA: Se houverem homens como você.

JOÃO CÂNDIDO: Precisamos ficar. Eu lá estarei se for possível.

<sup>252</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..

HÉLIO SILVA: Você provou que quando um homem quer, quando esse homem se multiplica por dois mil, nada pode vencê-lo.

JOÃO CÂNDIDO: Mas olha hoje...hoje tá pior. Eu estive, no meu caso, no Amazonas em uma missão militar de demarcação, sob a chefia de um coronel do Exército, oficial muito distinto, coronel Siqueira de Menezes, depois general, marechal, governador de Sergipe. Siqueira de Menezes... nas fronteiras de um país... eu não vou dizer, deixa pra lá. Do lado brasileiro tinha um arco com uma folha de flandres República dos Estados Unidos do Brasil, e o governo de 1889. Do outro lado, o do nosso vizinho, um forte, a casamata, conhece, né?, o que é as casamata. Quatro canhões, e dizia um arco com uma folha de flandres também, dizia: “Por la rasion ou por la força”. Do lado brasileiro, que há pouco estavam de metro deles, há 150 metros, o nosso vizinho di... o nosso vizinho dizia: “Por la rasion ou por la força”. Quatro canhões apontando ainda pro lado brasileiro. Certamente era europeu, o forte era europeu. Coronel Siqueira de Menezes encontrou aqueles homens lá abandonados lá, há dois anos, sem contato nenhum com o mundo, trouxe a maioria deles doentes para Manaus, deixou em Manaus, para que de Manaus eles viessem para o Rio, e daqui do Rio fossem transportados lá pelo Pacífico para a nação... lá para a nação deles, o Peru. Coronel Siqueira de Menezes, o doutor lembra certamente...

HÉLIO SILVA: Conheço.

JOÃO CÂNDIDO: Quem duvidar, os arquivos do Exército dizem. Devem de dizer, que os da Marinha são negativos. João Cândido nunca existiu na Marinha...

RICARDO CRAVO ALBIN: Sobre isso, é verdade? Nos arquivos da Marinha, essa... nos arquivos da Marinha não consta absolutamente o nome João Cândido, como se ele não tivesse existido?

JOÃO CÂNDIDO: Foi sonogado, foi sonogado mesmo.

RICARDO CRAVO ALBIN: Mas pelo fato de sua exclusão ou por um outro fato?

JOÃO CÂNDIDO: Pelo fato de haver tomado a posição em que tomara na revolta, pelo ódio. Muitos oficiais da Marinha não conseguiram comandar o Minas Gerais e eu tive o...o sobejo poder de dominar, fazer o que eles jamais fariam, aí na Baía do Rio de Janeiro. Quando eu recebi ofício escrito que Júlio de Medeiros me entregara a guarda do Minas Gerais, que a esquadra seria atacada, pelo governo. Eu não dei resposta a Júlio de Medeiros. Preparei os navios, me fiz ao mar. E de lá passei um radiograma para o governo avisando que os navios estavam a trinta milhas da costa do Rio de Janeiro, esperando o ataque do governo, porque lá naquela... naquela altura nós brincávamos melhor. Esperei lá 24 horas, não apareceu ninguém, retornei à Baía do Rio de Janeiro, vim me abastecer. Umas três ou quatro vezes vim aqui me abastecer, quando chegava a tardezinha me fazia ao mar para descansar as tripulações.

HÉLIO SILVA: E abastecia sem maiores dificuldades?

JOÃO CÂNDIDO: Sem maiores dificuldades, eu intimava. Intimava o guarda: “Quero isso, mande. Mande tantas toneladas de carvão, tantos quilos de carne, tanta... tantos quilos de verdura...”

HÉLIO SILVA: O governo parece que teve dificuldade em preparar os destroieres. Talvez não confiasse na tripulação de marujada.

JOÃO CÂNDIDO: O governo teve foi... o que faltou foi bom senso, foi coragem (pausa). Que os navios entravam na Barra e saíam a hora que queriam, uma carabina mauser alcança quinhentos metros, uns mil e quinhentos metros. Da... da fortaleza São João a Santa Cruz não tem...

HÉLIO SILVA: O forte era ocupado por tropas do Exército? Não atiraram?

JOÃO CÂNDIDO: Não, senhor. Demonstraram logo... o Santa Cruz, o comandante dela era um... o coronel Santos Porto, Santos Porto. Eu estava com... com a esquadra então eu comia lá na Barra. Ele viera me mandar em Santa Cruz da... da... do Arsenal de Guerra me pediram: “João Cândido, é melhor você ver uma ordem do governo para atacar os navios”. “Mas nós não temos condições para atacar”, um homem como o coronel Santos. Santos Porto, que era muito, muito conhecido no Exército. E trazia uma senhora ainda com parto recente na viagem, eu autorizei que retirassem as senhoras da... da fortaleza Santa Cruz, transportassem todas as famílias para a terra, e os oficiais e a guarnição se quisessem também, que eles de fato, o que é que o Santa Cruz podia fazer no Minas Gerais? Copacabana na época não existia.



HÉLIO SILVA: Não existia.

JOÃO CÂNDIDO: E mesmo que se existisse ia medir força com o Minas Gerais.<sup>253</sup>

Mais uma vez o bom relacionamento de João Cândido com os oficiais foi destacado. Ele era o homem de confiança. O oficial, ao desconfiar que algo estava errado entre os marinheiros, o chamou para ser interpelado.

Porém, enquanto os entrevistadores estão preocupados com a Revolta da Chibata e com o papel de João Cândido na mesma, ele está mais preocupado em falar de outras questões e interrompe mais uma vez o diálogo. Já o entrevistador usa a própria fala de João Cândido para novamente retomar o tema de seu interesse, reconduzindo o diálogo.

HÉLIO SILVA: Eu perguntei a você se você tinha tomado parte em algum movimento político. Sua apreciação sobre os acontecimentos desde aquela época até agora. Houve um movimento em que você participou. Quando houve o movimento integralista, você se filiou ao movimento

JOÃO CÂNDIDO: Meu estado....

HÉLIO SILVA: ...integralista e tomou parte no desfile do hotel Glória?

JOÃO CÂNDIDO: Dos cento e cinquenta... dos cento e cinquenta milhões.

HÉLIO SILVA: Defronte ao hotel Glória. Esse desfile tinha um grande número de marinheiros e de oficiais da Marinha...

JOÃO CÂNDIDO: ...de oficiais da Marinha. Oficiais, generais e marechais (ininteligível).

HÉLIO SILVA: É. Neste momento como era recebida a sua participação pela Marinha? Os outros marinheiros e os oficiais integralistas como trataram você nessa ocasião?

JOÃO CÂNDIDO: Me trataram como... como um super-chefe. Eu... eu... as mesmas... as mesmas regalias que prestavam...

HÉLIO SILVA: E depois que, que o movimento integralista esmoreceu, diminuiu, depois do... de 38, a oficialidade da Marinha, grande número deles tinha tomado parte no movimento integralista, mudou a atitude que tinham anteriormente de reserva contra você, ou voltou a atitude anterior de reserva?

JOÃO CÂNDIDO: Não, ficaram... ficaram... ficaram na estaca zero.

HÉLIO SILVA: E a marujada, daquele tempo, diante da de agora? Você continua a ser um símbolo da marujada brasileira?

JOÃO CÂNDIDO: No Exército...

HÉLIO SILVA: ... ou tem a impressão de que os marujos do Brasil ainda consideram você...

JOÃO CÂNDIDO: Agora eles...

HÉLIO SILVA: ... como expressão da sua dignidade?

JOÃO CÂNDIDO: ...eles agora estão um pouco temerosos. Porém, há dois anos, há uns anos passados, num aniversário meu, esteve em...em minha casa seguramente uns quinhentos marinheiros.<sup>254</sup>

João Cândido mostrou aos presentes as fotografias que tirou enquanto esteve em visita ao Rio Grande do Sul. Visitou Porto Alegre e também Rio Pardo sua cidade natal.

<sup>253</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..

<sup>254</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..

HÉLIO SILVA: Houve uma ocasião que prepararam um busto seu. Esse busto deveria ser inaugurado em Porto Alegre, no seu estado natal. Você podia nos contar a história desse busto? Porque que esse busto não foi inaugurado?

JOÃO CÂNDIDO: Esse busto não foi inaugurado certamente porque houve uma oposição dos oficiais da Marinha que serviam nos cargos navais, e também da oficialidade do Terceiro Exército, que eu tive o conhecimento disto dos chefes daqui, o deputado Carlos Santos, esse crioulo muito distinto, hoje é presidente da Assembleia Legislativa do Estado...

RICARDO CRAVO ALBIN: João Cândido está mostrando a fotografia tirada em Porto Alegre...

JOÃO CÂNDIDO: Governador, deputado há mais de trinta anos na Assembleia, presidente da Assembleia atual, advogado, professor catedrático, advogado e metalúrgico. Foi tirado da oficina metalúrgica para ser deputado...

HÉLIO SILVA: Esse busto chegou a ser fundido?

JOÃO CÂNDIDO: O busto está fundido, está guardado em Porto Alegre.

HÉLIO SILVA: E a maquete?

JOÃO CÂNDIDO: E o gesso, o gesso está no, eu oferecera, no museu... no museu Santo Ângelo, em Rio Pardo, minha cidade. O gesso tá no museu... (pausa) Aqui temos uma recepção na Câmara... na Câmara Legislativa em Porto Alegre...

RICARDO CRAVO ALBIN: Esta é uma outra fotografia...

JOÃO CÂNDIDO: Aqui temos outra, também na Câmara.

HÉLIO SILVA: Houve uma sessão nessa Câmara em que você foi homenageado?

JOÃO CÂNDIDO: Homenageado na sessão extraordinária, para ser recebido o grau de visitante honorário gaúcho. E aqui...

HÉLIO SILVA: Aqui é você?

JOÃO CÂNDIDO: Aqui um...um almoço em Porto Alegre. Aqui sou eu sendo condecorado com o brasão do município de Rio Pardo.

HÉLIO SILVA: Sua cidade natal...

JOÃO CÂNDIDO: Em rio Pardo...

HÉLIO SILVA: Portanto, já se começa a fazer justiça...

JOÃO CÂNDIDO: Aqui temos...

HÉLIO SILVA: ...e a considerar que além da atitude...

JOÃO CÂNDIDO: Aqui temos o deputado Carlos Santos lendo o discurso de saudação reservado para ele, recebi do... um poeta, saudando João Cândido em verso... meu embarque com o rapaz para... para Porto Alegre...

HÉLIO SILVA: Quando você esteve em Porto Alegre?

JOÃO CÂNDIDO: Estive em Porto Alegre em...58, nos fins de 58, também em missões, também com missões que me acompanharam... Aqui é o... prefeito da cidade de Rio Pardo, o presidente da Câmara municipal de Rio Pardo, o juiz, o jornalista, o presidente da Câmara aqui recebendo o gesso, a comissão recebendo o gesso...

HÉLIO SILVA: Que você doou, muito bem.

RICARDO CRAVO ALBIN: E todas essas fotografias que estão sendo mostradas agora por João Cândido foram tiradas em 1958, a sua última viagem...

JOÃO CÂNDIDO: 59, em Rio Pardo...

RICARDO CRAVO ALBIN: Na sua última viagem ao seu Rio Grande.

JOÃO CÂNDIDO: Ao Rio Grande...

ADALBERTO CÂNDIDO: ...setembro...

JOÃO CÂNDIDO: Tenho muita vontade agora de fazer uma visita ao Rio Grande do Sul, agora não... unicamente para... para ver se dava um jeitinho nesta pensão que não sei se.. se ainda alcançarei o ano que vem mas tenho... tenho mulher e preciso de comer.

RICARDO CRAVO ALBIN: A sua mulher ela ainda é viva?

JOÃO CÂNDIDO: É viva, ainda é viva e...

RICARDO CRAVO ALBIN: Com quantos anos?

JOÃO CÂNDIDO: E é moça, 66 anos...

RICARDO CRAVO ALBIN: A mãe de todos os seus filhos?

JOÃO CÂNDIDO: Não, esta é a quarta!

RICARDO CRAVO ALBIN: Ah, bom!

JOÃO CÂNDIDO: Esta é a quarta e já está com... esta é a quarta e está com 66 anos e

este é o caçula da família, está com trinta. Esse é o caçula e esta é a quarta...  
 HÉLIO SILVA: Você era solteiro quando... em 1910?  
 JOÃO CÂNDIDO: Era solteiro. Era solteiro porque minha...  
 HÉLIO SILVA: Sua família era a Marinha...  
 JOÃO CÂNDIDO: Minha família era a Marinha. Cheguei no Rio Grande do Sul...  
 RICARDO CRAVO ALBIN: E seus filhos os marinheiros?..  
 HÉLIO SILVA: Seus filhos e seus irmãos. E continua sendo até hoje.  
 JOÃO CÂNDIDO: Hoje não. Família está constituída. Chegara aqui no Rio de Janeiro, como já disse, a cinco de dezembro de 1895, sozinho, sozinho, hoje estou com uma família com cinco filhos e mais de oitenta pessoas. Quer dizer que daqui para o ano de dois mil a para adiante ainda vai ter João Cândido.  
 HÉLIO SILVA: Você chegará certamente aos noventa anos, possivelmente aos cem anos...  
 JOÃO CÂNDIDO: Não, cem anos não...  
 HÉLIO SILVA: Mas qualquer que seja a idade...  
 JOÃO CÂNDIDO: ...cem anos não...<sup>255</sup>

Hélio Silva retomou seu questionamento sobre o posicionamento político de João Cândido, desta vez especificando o Movimento Integralista ao qual ele interrogou.

HÉLIO SILVA: ...que você atinja, você é um homem que se realizou, você é um homem que deixa um atitude ligada a um acontecimento que ninguém mais poderá esquecer. Você acabou com a chibata, acabou com o castigo físico aviltante. Você continua a creditar que homem nasceu para se libertar, que a vida sempre deve ser uma libertação?  
 JOÃO CÂNDIDO: Porque eu nasci...  
 HÉLIO SILVA: Portando você é contra toda e qualquer forma de escravidão, contra toda e qualquer forma de sujeição do homem pelo homem?  
 JOÃO CÂNDIDO: Embora meus pais tenham na... tenham sido escravos, o que não foi com meu pai era de origem uruguaia. Minha mãe não era esca... não fora escrava porque era de uma família...  
 HÉLIO SILVA: E você nunca foi chicoteado?  
 JOÃO CÂNDIDO: Não.  
 HÉLIO SILVA: Faz cada... carne dos outros doía como se fosse na sua própria carne? E você é um homem e era solidário com a humanidade?  
 JOÃO CÂNDIDO: E de forma em que eu quero que saliente que eu agradeço imensamente esta...esta gloriosa cidade, São Sebastião. Minha cidade madre, é esta.  
 HÉLIO SILVA: Para mim foi uma honra ouvi-lo, entrevistá-lo, sou um estudioso de História, conhecia a sua vida, a sua legenda, mas falo com você pela primeira vez. E é uma grande honra para mim que eu tivesse proporcionado...  
 JOÃO CÂNDIDO: São três centenários do Rio de Janeiro, para mim ainda falta muita coisa par dizer...  
 RICARDO CRAVO ALBIN: João Cândido, nós, nesse final de depoimento, me permitiria lhe pedir uma mensagem do futuro para este país de cuja história você é tão definitivamente marcado.  
 JOÃO CÂNDIDO: Uma mensagem?  
 RICARDO CRAVO ALBIN: Sim.<sup>256</sup>

A entrevista vai caminhando o para seu fim. Hélio Silva conclui sua narração interrompendo João Cândido mais uma vez e reafirmando toda a sua ideia já bastante exposta durante a entrevista. A Revolta da Chibata como um movimento de libertação e João Cândido

<sup>255</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..

<sup>256</sup> Idem.

como seu único líder. Um homem que é contra todo o tipo de escravidão e a favor de atitudes de libertação e que deixa um exemplo para todos. Solicitou então que João Cândido deixasse uma mensagem para aqueles que no futuro ouvissem a sua entrevista.

O mais interessante é que, mesmo com todos os embates durante a entrevista o entrevistador não teve a sua ideia sobre o entrevistado e sobre a revolta dos marinheiros alterada em absolutamente nada. Ele concluiu a entrevista reafirmando o que havia sido exposto por ele antes de iniciá-la.

JOÃO CÂNDIDO: É triste. É preciso que trabalhamos muito, que haja muita união, parte com parte, desapareçam as paixões, os espíritos de vinganças que hão de vir ou virão, é preciso que estejamos unido para o futuro, eu não, porque eu estou no fim da vida, mas a rapaziada, a mocidade, os jovens de hoje, é preciso compreenderes que o Brasil não é só o Rio de Janeiro, o Brasil é dois mundos, é preciso trabalharmos para podermos salvar de futuro a dignidade do... do Brasil. É preciso muito trabalho, muita união, muito carinho, muito espírito de irmandade. E para isso está em vossas mãos, os... os... os moços, os jovens, estão com o poder. Os jovens hoje têm mais poder de... de.. do que o Exército. O que falta, olha, é crânio, é orientação...

RICARDO CRAVO ALBIN: Mas João Cândido...

JOÃO CÂNDIDO: ...seguir uma orientação limpa, distinta, correta, não é cabelo, não é essas coisas...

RICARDO CRAVO ALBIN: João Cândido...

JOÃO CÂNDIDO: Sabe de uma coisa, me dá licença, uma coisa que eu li, Fidel Castro instituiu a pena de morte para os playboy: Calcinha apertada, sapato lustroso, pelotão sem processo. Quer que todos trabalhem porque Cuba, lá está um pouco apertadinha, sabe? E se o Fidel não andar direito vai cair. Vai cair breve, breve, breve. O senhor conhece a história de Cuba, não conhece? Assim como eu. O senhor é novo, não conhece o... não conhece a história de Cuba. Que o Brasil ajudou a tomar Cuba dos espanhóis para entregar ao americano. Foi um Vietnã... um Vietnã de poucos dias. O Brasil tem culpa naquilo, ajudou... ajudou... Ajudaram a tomar Cuba dos seus donos espanhóis para... para hoje vermos o papel que estamos vendo. Mas Cuba... pro Brasil sempre teve bons amigos. Teve Ita, um grande amigo do Brasil, não foi?

HÉLIO SILVA: Quem?

JOÃO CÂNDIDO: Ita. Era um grande amigo de... do Brasil, de Getúlio, do Brasil. Tivemos Mussolini, um grande amigo do Getúlio, do Brasil. Tivemos Sargento Batista, lá de Cuba, um grande amigo do Brasil, e do falecido Getúlio Vargas. A mocidade consciente deste Brasil que tomem conta deste Brasil mas com segurança, para trabalhar, para trabalhar, que do contrário teremos aqui o segundo Vietnã.

RICARDO CRAVO ALBIN: Então consideramos encerrado o depoimento de João Cândido as... aos trinta minutos passados das quatorze horas dessa mesma tarde.

JOÃO CÂNDIDO: Queiram desculpar, não ter podido usar de melhores expressões.

RICARDO CRAVO ALBIN: Foi excelente, João Cândido. Está encerrado o seu depoimento. Com uma grande... (Fim da gravação).<sup>257</sup>

A mensagem de João Cândido girou em torno de algumas ideias básicas. Em primeiro lugar, ele acreditava que para o Brasil mudar se fazia necessário união. União de todos e não brigas, vinganças. Em segundo lugar, a mudança estaria nas mãos dos jovens. “Os jovens que tem o poder em suas mãos, os jovens são mais poderosos do que o exército”. Não se pode deixar de lado o dia em que estava sendo feita a entrevista e todos os jovens reunidos naquele

<sup>257</sup> Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido...Op. cit..

momento na Cinelândia. No entanto, para ele o poder dos jovens não estava no cabelo ou nas vestimentas e sim no trabalho.

João Cândido é novamente interrompido e a entrevista é encerrada. Com o fim da análise podemos mais facilmente compreender cada um de seus personagens. O entrevistador oficial, o historiador Hélio Silva, que estava no momento da entrevista de posse do livro de Edmar Morel, tentou a todo custo confirmar sua narrativa. Ele partia do princípio que já conhecia a história de João Cândido, porém é necessário que João Cândido explicita-a, de maneira a deixar registrado para a posteridade a sua história.

Ricardo Cravo Albin, por sua vez, tenta arrancar a todo o custo de João Cândido informações mais precisas sobre os acontecimentos de 1910. No entanto é observável em suas perguntas um interesse em obter respostas que João Cândido não tem a oferecer. A busca pela confirmação do heroísmo e liderança absoluta do entrevistado durante a Revolta da Chibata como também em seu planejamento e na formação dos comitês proporciona a Cravo Albin uma certa frustração por não obter dele as respostas que tanto almejava.

Adalberto Cândido, filho de João Cândido, aparece timidamente na entrevista. Apenas ajuda o pai já idoso a lembrar-se dos nomes dos filhos e do ano de sua viagem ao sul do Brasil. Já João Cândido, inicialmente tímido em suas respostas, apenas se restringindo a confirmar as colocações de Hélio Silva, no desenrolar do diálogo se mostra mais à vontade, chegando a interromper os entrevistadores em diversos momentos para narrar suas histórias.

Seus interesses se mostram divergentes dos interesses de seus entrevistadores. Embora em alguns momentos ele tente confirmar a imagem de herói que tentam lhe impor, no decorrer da entrevista ele expõem com clareza os acontecimentos de 1910. Seu interesse no diálogo tende mais a falar do Brasil e de suas questões contemporâneas do que da própria Revolta da Chibata. Tende a valorizar muito mais suas memórias sobre suas viagens e aventuras na Marinha do que propriamente sua liderança no Minas Gerais.

Em sua narrativa, ainda que muito tumultuada por tantas interrupções, fica bastante evidente seu posicionamento político. João Cândido foi profundamente marcado por uma visão de Brasil que tende ao nacionalismo e ao conservadorismo, vide a crítica aos cabelos dos jovens e o elogio a Fidel condenando “playboys”. João Cândido, ainda em 68, continuava coerente com suas posições políticas.

Sua vida posterior a revolta de 1910 foi profundamente alterada pela mesma. Seu sonho de continuar na Marinha não foi possível. Seu desejo de trabalhar na Marinha Mercante também não foi concretizado pelas inúmeras perseguições que sofreu. Se por um lado ele não mais veio a assumir nenhuma nova posição de liderança em movimentos de crítica aos

governos instituídos, por outro lado, ele foi muito solicitado por diferentes grupos que viam em sua imagem uma grande força política. E de certa forma ele se posicionou em vários momentos políticos pelos quais o Brasil passou ao longo do século XX.

## CONCLUSÃO

Comparando os dois documentos selecionados e analisados, as memórias redigidas por João Cândido publicadas no ano de 1912 e a entrevista concedida pela personagem em 1968, percebemos que existe uma ligação muito forte entre as duas fontes de análise. Embora não possuam uma unidade, os temas abordados muitas vezes são bastante próximos. Os dois documentos estão ligados pelo tema que lhes dá razão de existência: a Revolta da Chibata.

Portanto, ainda que a Revolta da Chibata não seja o tema central da pesquisa aqui realizada, ela aparece constantemente na análise das duas fontes principais da pesquisa. Isto ocorre, pois além de tema dos dois documentos, ela também serve de pano de fundo das narrativas vivenciais aqui apresentadas.

Se o primeiro documento traz um João Cândido um tanto solitário, perdido em meio às suas memórias individuais de um passado ainda muito presente, o segundo é construído por meio de várias vozes. A segunda fonte apresenta uma série de duelos de interesses, e as memórias de João Cândido afloram em meio às disputas, como que brigando pelo seu direito de se afirmar como verdade particular de quem viu e viveu, intensamente, experiências significativas e marcantes.

Foram possíveis duas linhas de análise. Uma que busca as semelhanças entre os documentos e outra que tenta revelar as diferenças. Desta maneira se percebe as relações que as fontes possuem entre si. Os dois documentos coincidem em relação à visão e aspirações de mundo de João Cândido. É possível perceber que é o mesmo narrador nos dois documentos na medida em que suas ideias sobre o que é o Brasil e aquilo que o país pode ser aparecem nos textos. Ele continua admirando a Marinha e a vida no mar, bem como o ofício de marinheiro.

Sentimentos como nacionalismo e o amor e crença nas instituições militares perpassam os dois documentos, ainda que separados cronologicamente por mais de cinquenta anos. Mesmo João Cândido tendo permanecido fora da Marinha por todo aquele tempo, sentimentos e ideias adquiridos naquela instituição continuavam presentes em suas palavras e memórias no ano de 1968.

Por outro lado, suas memórias apresentadas em 1968, em sua parte factual, são divergentes do documento de 1912 em diversos aspectos. Tal fato já era esperado pelo tempo que separa os dois documentos. Por melhor que seja a memória de uma pessoa, ela sempre sofre alterações. Memórias não são como arquivos gravados em um computador que depois de certo tempo ainda podem ser acessados tal qual foram armazenados.

As memórias se transformam e se modificam. Novas interpretações são dadas a velhos acontecimentos. Fatos novos são incorporados através de narrativas alheias. Histórias de outros passam a ser incorporadas pelo narrador. João Cândido passou por todos esses processos, como ficou evidenciado no terceiro capítulo.<sup>258</sup>

As memórias estão sempre ligadas ao presente, a questões atuais, e não apenas ao que aconteceu. Deste modo questões atuais regem o que é lembrado e o que é esquecido, fazendo com que as lembranças sofram interferências cruciais. Portanto, uma lembrança de hoje nunca será a mesma amanhã.

Memórias são sempre subjetivas, passam necessariamente pelo crivo da moral, da afetividade, dos interesses, da construção de identidade e da imagem. Assim, João Cândido não está isento desses percalços, o que foi evidenciado através das análises dos dois documentos.

Desta maneira João Cândido expôs em ambos documentos analisados suas aspirações e seus sonhos, todo um mundo afetivo e subjetivo. Porém, cada um é marcado pelas particularidades de seu tempo de produção, bem como pelas necessidades particulares do personagem.

Para se trabalhar com este tipo de documentação, na qual a subjetividade é a própria essência do documento, é necessário um olhar mais aguçado e uma crítica profunda. O discurso de memória é profundamente sedutor, e por ter o caráter de depoimento traz consigo a ilusão de carregar a verdade por si só, o que é um completo engano.<sup>259</sup>

O discurso de memória por teoricamente trazer o que foi visto, ouvido e vivido recebe um grande crédito. Porém, mais do que qualquer outro documento, ele deve ser visto com extrema desconfiança, pois existe uma grande distância entre o que é vivido, o que é lembrado e o que é narrado.

Através da análise das fontes foi possível verificar os diversos processos de construção de memória pelo qual passou o personagem, bem como as diversas armadilhas que os documentos continham. Armadilhas que teriam passado despercebidas por um olhar desatento.

A felicidade ao encontrar memórias de um personagem de destaque para a história pode cegar completamente o seu observador, fazendo com que veja como a verdade mais clara, que não deva ser questionada. Partindo do pressuposto de que ninguém saberia mais sobre o

---

<sup>258</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo Passado, Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo. Companhia das Letras. 2007, pp. 48-49.

<sup>259</sup> Idem. *Ibidem*, pp. 48-49.



personagem do que ele mesmo, corre-se o risco de não perceber a complexidade das interações entre as percepções de cada um e a rede de relações sociais e culturais nas quais cada indivíduo se insere e por meio das quais constitui suas identidades.

No entanto, seria um erro completo dizer que os discursos de memória são inúteis ou que não devam ser utilizados. A verdade é justamente o oposto. Os discursos de memória são riquíssimos e permitem ao pesquisador adentrar em mundos diversos, os quais não são possíveis com outros tipos de fontes.

Desta forma, a presente pesquisa foi capaz, usando primordialmente discursos de memória como fonte, de problematizar as percepções do personagem estudado e capturar diversas nuances de sua personalidade, de seus desejos, sonhos, aspirações, desilusões, sofrimentos e ideias.

A pesquisa também adentrou em um espaço no qual foi possível visualizar a luta pela construção de uma imagem do personagem. O que já ocorria quando ele ainda estava vivo, como pode ser verificado na entrevista ao MIS, graças às disputas narrativas localizadas na sua entrevista.

No momento em que essa entrevista foi realizada, o Brasil passava por momentos políticos difíceis. Havia uma série de expectativas em relação à fala de João Cândido que não puderam ser sanadas. Se por um lado os partidários da esquerda não obtiveram dele o que esperavam, tão pouco os mais à direita admiti-lo-iam. De modo que a construção de sua imagem passou a ser moldada mais de acordo com os desejos e necessidades dos que assim o fazia do que com a vontade do personagem.

O personagem principal, João Cândido, embora tenha passado por muitas transformações durante sua longa trajetória de vida, ainda assim possuía princípios muito fortes e uma postura bastante coerente com estes. Ele considerava a Marinha uma instituição séria e de suma importância para a construção de uma nação forte. Ele também acreditava que os marinheiros eram de grande relevância para uma Marinha desenvolvida.

Desta maneira este trabalho tende a concordar com as conclusões de Miguel Arias Neto em seu já referido trabalho sobre o tema, quando ele diz que o movimento deflagrado pelos marinheiros em 1910 era uma reivindicação ao Estado para que fossem tratados como cidadãos fardados em defesa da pátria.<sup>260</sup> O Estado brasileiro deveria garantir que seus direitos como cidadãos fossem respeitados através da retirada dos oficiais incompetentes do poder de

---

<sup>260</sup> ARIAS NETO, José Miguel de. João Cândido 1910-1968: arqueologia de um depoimento sobre a revolta dos marinheiros. *História Oral*, 6, 2003, p. 172.

comando, do fim dos castigos físicos e do aumento do soldo. Não se tratava de novos direitos, e sim de reformas que viriam a garantir que os direitos já existentes fossem assegurados. As ideias de João Cândido sobre os seus companheiros marinheiros, analisadas no segundo capítulo, tendem a coincidir com essas conclusões.<sup>261</sup>

Portanto, a Revolta da Chibata foi um movimento de construção da identidade de cidadania através da igualdade política, um movimento que reivindicava direitos para os marinheiros. Um movimento de reformas militares que traria mudanças dentro dos quadros militares.

Um movimento que colocaria os marinheiros em uma posição justa e adequada para a relevância que realmente possuíam para aquela instituição e para a nação. Portanto, um movimento tipicamente militar e de certa maneira conservador, uma vez que não desejavam nenhum tipo de rompimento e sim reformas que, segundo a visão dos mesmos, fortaleceria ainda mais o Estado.<sup>262</sup>

João Cândido é uma figura de extrema importância ainda hoje em nossa sociedade, uma vez que sua imagem representa diferentes grupos que a compõe. Como homem negro, como marinheiro, como um homem pobre, entre outras facetas, sua imagem representa muitas lutas. No entanto, a luta de João Cândido não deve ser menosprezada em detrimento da luta de outros. A sua voz não deve ser silenciada em prol de outras vozes.

Portanto, deve estar clara a distinção entre o personagem histórico João Cândido e a representação da sua imagem criada por outros. Também devem estar claros os interesses de João Cândido, evidenciados em suas narrativas, dos interesses dos diferentes grupos que usaram e usam a sua imagem.

A luta de João Cândido é uma luta por cidadania dentro da Marinha. É uma luta que busca o fortalecimento e a modernização daquela instituição. Sua luta se associava a uma ideia de nação. O que paira sobre grande parte de suas narrativas é a ideia de como o Brasil deveria ser e quão grande poderoso e respeitado internacionalmente o Brasil deveria se tornar.

João Cândido desejava que o Brasil fosse um país forte, desenvolvido e industrializado. Um Brasil independente economicamente e que tivesse uma Marinha e marinheiros que não fossem motivo de piada, nem de desprezo e nem de discriminação como ocorreu no ano de

---

<sup>261</sup> ARIAS NETO, José Miguel de. João Cândido 1910-1968: arqueologia de um depoimento sobre a revolta dos marinheiros. *História Oral*, 6, 2003, p. 172.

<sup>262</sup> Idem. *Ibidem*, p. 174.

1910. Ele sentia-se envergonhado por fazer parte de uma Marinha atrasada que ainda tratava seus marinheiros com castigos físicos.

O que fica evidenciado em suas narrativas não é o sentimento de injustiça em relação aos marinheiros, tão pouco o sentimento de vingança em relação aos oficiais. O que fica evidente é o seu descontentamento em relação ao sentimento de inferioridade que tomava conta da marujada brasileira quando estava em contato com marinheiros de outras nacionalidades. Por outro lado, também fica evidenciado o seu orgulho de pertencer à Marinha, bem como o seu orgulho em ser brasileiro e servir à nação.

Deste modo, através da pesquisa realizada foi possível problematizar algumas das percepções subjetivas e individualizadas de João Cândido e conhecê-lo um pouco mais. Embora não exista uma unidade entre os dois personagens, pois um era um jovem encarcerado e o outro um velho heroicizado, existem nuances entre eles que os aproximam, e ao mesmo tempo os separam.

Foi possível sair das imagens estereotipadas que frequentemente cercam a personagem e chegar um pouco mais perto de um João Cândido humanizado, contraditório, “real”, de um sujeito que efetivamente existiu.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Carlos Ramos de. *Alexandrino, o grande marinheiro (1848/1926): a vida do Almirante Alexandrino de Alencar à luz de documentos históricos e de outros, inéditos, pertencentes ao arquivo particular da família*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1989.
- ALMEIDA, Sílvia Capanema P. de. *O Almirante Negro: glória a uma luta inglória*. História Viva, ano III, n. 27, janeiro 2006, pp. 74-80.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico; dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- ARIAS NETO, José Miguel. *Em Busca da Cidadania: praças da Armada Nacional 1867–1910*. Tese de Doutorado. Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.
- BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares dos (Orgs.). *A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e da interação*. Rio de Janeiro: Quarter: Faperj, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, pp.183-191
- BRANDOM, Robert B. *Expressive Vernunft. Begründung, Repräsentation und diskursive Festlegung*. Darmstadt: WBG, 2000.
- BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: UNESP, 1992.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CÀPUA, Cláudio de. *Fim da Chibata na Marinha de Guerra, João Cândido, Negro Herói nacional e Integralista*. São Paulo: Editora EditorAção, 2003
- CARVALHO, José Murilo de. *Os Bordados de João Cândido, em Pontos e Bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CÓPIA da sua Caderneta subsidiária do livro de Socorro pertencente ao Marinheiro Nacional da 16ª Companhia, 1º classe, João Cândido, resumo de sua ficha (assentamentos) anexada ao processo dos Conselhos de Investigação e de Guerra, que se encontra no Arquivo Nacional (RJ), STM-BW, caixa 5479, doc. 2847, vol. 2, pp.350-361
- COSTA, Ângela Marques da. *1890-1914: no tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DOSSE, François. *O desafio Biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FERREIRA, Maria Lucia Corrêa. *Tributo a João Cândido: o rei do farol da liberdade*. Encruzilhada do Sul (RS): Evangraf, 2002.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

GALLE, Helmut. *Elementos para uma nova abordagem da escritura autobiográfica*. In: Matraga: Revista do Programa em Pós-Graduação em Letras. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, v. 18, p. 64-91, 2006.

GASPARINI, Philippe. *Est-il je ? Roman autobiographique et autofiction*. Paris: Seuil, 1975.

GENETTE, Gerard. *Fiction et diction*. Paris: Editions du Seuil, 1991.

GOMES, Ângela de Castro. História, Historiografia e cultura política no Brasil: Algumas reflexões. In: *Culturas políticas*. Ensaios de História Cultural, História política e Ensino de história. SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; GOUVÊA, Maria de Fátima. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

GONÇALVEZ, Márcia Almeida de. *Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

GRANATO, Fernando. *João Cândido*. São Paulo: Selo Negro 2010.

GRANATO, Fernando. *O negro da chibata*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

HOBBSAWN, E.. *A Era dos Impérios*. São Paulo: Paz e terra, 1988.

KUPPER, Agnaldo; CHENSO, Paulo André. *O navegante negro e a chibata: a revolta dos marinheiros de 1910*. São Paulo: FTD, 2001.

LEJEUNE, Phelippe. *O pacto autobiográfico de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: ed. FGV, 1996.

LOPES, Moacir C. *O Almirante Negro: Revolta da Chibata, a vingança*. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998, p.225-250.

LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MADELÉNAT, Daniel. *La Biographie*. Paris: PUF, 1984.

MAESTRI, Mário. *Cisnes Negros: uma história da Revolta da Chibata*. São Paulo: Moderna, 2000.

MARTINS, Hélio Leôncio. *A Revolta dos Marinheiros: 1910*. São Paulo: Editora Nacional; Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1988.

MAUROIS, André. *Aspects of Biography*. New York: D Appleton & Company, 1929.

MENEZES, Nilza. Os sobreviventes do barco Satélite. *Primeira Versão*. Porto Velho, n. 54, outubro de 2001.

MORAES, Paulo Ricardo de. *João Cândido*. Porto Alegre: União Editorial; Secretaria Municipal de Cultura, 2000.

MOREL, Edmar. *A Revolta da Chibata: subsídios para a história da sublevação na esquadra pelo marinheiro João Candido em 1910*. São Paulo: Paz e terra, 2009.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. *Do convés ao porto: a experiência dos marinheiros e a revolta de 1910*. Tese de Doutorado. Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2002.

. *Uma Introdução à História de João Candido e da Revolta dos Marinheiros de 1910*. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 2000.

NEEDELL, J. D. *Belle Époque tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NEVES, Guilherme Pereira das. *História, teoria e variações*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2011.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas*. In: VÂRZEAS, Marta. *Coleção autores gregos e latinos*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

PROJETO MEMÓRIA. *João Cândido, A luta pelos direitos humanos*. Fundação Banco do Brasil, 2008.

REVEL, Jacques. *Proposições: ensaios da história e da historiografia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

. *A biografia com problema historiográfico*. In: *História e historiografia. Exercícios críticos*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2010.

RIESSMAN, C. K. *Narrative Analysis*. London, New Burh Park: SAGE Plublications, 1993.

GIL PUJOL, Xavier. *Tiempo de política: perspectivas historiográficas sobre la Europa Moderna*. Barcelona: Publicacions de le Universitat de Barcelona, 2006.

ROJAS, Carlo Antônio Aguirre. La biografia como gênero historiográfico. Algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In: SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

SALIBA, Elias Thomé. *Cultura*. In: *História do Brasil Nação: 1808-2010*. A abertura para o mundo: 1889-1930. Vol. 3. Lilia Moritz Schwarcz (Coord.). Rio de Janeiro: editora Objetiva, 2012.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

SCHMIDT, Benito Bisso. *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: ed. UFRGS, 2000.

SEVCENKO, N. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, N. (Org.). *A história da vida privada no Brasil: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Marcos Antônio. *Contra a chibata: marinheiros brasileiros em 1910*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SILVERMAND, D. *Interpreting qualitative data. Methods for analyzing talk, text and interaction*, 2ed. London: SAGE, 2001.

TAYLOR, Charles. *As fontes do self. A construção da identidade moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

VIEIRA, Cesar. *João Cândido do Brasil: a Revolta da Chibata*. São Paulo: Teatro Popular União e Olho Vivo/Casa Amarela: São Paulo, 2003.

WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

### **Manuscritos de João Cândido:**

#### **Arquivo Nacional do Rio de Janeiro**

Cópia da sua Caderneta subsidiária do livro de Socorro pertencente ao Marinheiro Nacional da 16ª Companhia, 1ª classe, João Cândido, resumo de sua ficha (assentamentos) anexada ao processo dos Conselhos de Investigação e de Guerra. Loc.: Arquivo Nacional (RJ), STM-BW, caixa 5479, doc. 2847, vol. 2, pp.350-361

### **Documentos de João Cândido:**

CÂNDIDO, João. Memórias de João Cândido, o Marinheiro. In: MOREL, Edmar. *A Revolta da Chibata: subsídios para a história da sublevação na Esquadra pelo marinheiro João Cândido em 1910*. 5ª Edição comemorativa do centenário da Revolta da Chibata. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

Depoimento de João Cândido ao Museu da Imagem e do Som (MIS) no dia 29 de março de 1968. In: *João Cândido, o almirante negro*. Rio de Janeiro: Gryphus; Museu da Imagem e do Som, 1999.

Museu da Imagem e do Som. Transcrição da entrevista concedida por João Cândido ao Museu da Imagem e do Som. Transcrição realizada por Patrícia Coutinho Rangel da Silva. Loc.: Museu da Imagem e do Som (IMS) 242. 29 de março de 1968.